



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FABIANA DOS SANTOS COELHO

MARCAS DE HETEROGENEIDADE NA CONSTITUIÇÃO
DE UM ETHOS FEMININO

BELÉM
2012

FABIANA DOS SANTOS COELHO

MARCAS DE HETEROGENEIDADE NA CONSTITUIÇÃO
DE UM ETHOS FEMININO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa.

Belém

2012

FABIANA DOS SANTOS COELHO

MARCAS DE HETEROGENEIDADE NA CONSTITUIÇÃO
DE UM ETHOS FEMININO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fátima Cristina da Costa Pessoa _____

Prof^a. Dr^a. Marli Tereza Furtado _____

Prof. Dr. Délcio Orlando Soares da Rocha _____

A todas as grandes mulheres que fazem
parte da minha vida, em especial a
minhas avós Ana e Idalina e à minha mãe
Fátima.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o incentivo, amor e dedicação. Serei eternamente grata por todos os sacrifícios que precisaram fazer para que nunca me faltassem meios de continuar meus estudos. Vocês são minha maior motivação para lutar sempre pelos meus objetivos.

Ao Bruno, por todas as palavras de incentivo, pelo cuidado comigo, por simplesmente estar por perto, tantas vezes, quando precisei. Amo você. Também à minha segunda família, Paulo, Fátima, Bruce, Breno e Estela, pela torcida e pelo carinho.

Ao Guilherme, que talvez ainda nem compreenda o quanto seu amor, alegria e afeto tenham me fortalecido e dado novo ânimo nos momentos de cansaço e estresse. Titia ama você bem grandão!

Aos meus amigos de mestrado, por todos os momentos, por todas as risadas, pelo aprendizado construído na convivência. E aos presentes que o mestrado me deu: Aline Rodrigues e Socorro Morato – a importância que vocês ocupam em minha vida é inexplicável. Obrigada pela amizade dedicada. Tenho muito orgulho de fazer parte da vida de vocês e de tê-las em minha vida.

Às minhas amigas queridas, que nunca me deixam desanimar nos momentos difíceis: Kelly Santos, Luciana Raiol, Luciana Amoras, Janice Farias e Jucileide Barros. Mesmo distantes, sabemos que temos com quem contar e isso basta. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos e colegas de trabalho que, ao conviverem comigo, toleraram minha ausência, meu distanciamento, meus momentos de mau-humor, em especial à Débora e à Claudiane, pela parceria e ao Rosivan pela compreensão e apoio.

Aos meus alunos da Escola Nova Aliança, pela compreensão quando, por algumas vezes, precisei me ausentar. Muito obrigada pelo carinho, meus queridos!

Ao Curso de Mestrado em Letras como um todo, pela oportunidade de avançar em meus estudos, em especial aos professores que me acompanharam nessa caminhada e ao Eduardo, pela amizade e pela constante disponibilidade em ajudar.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Fátima Pessoa, por sua amizade, dedicação e incentivo, sem os quais eu certamente não teria concluído essa etapa. Muito obrigada por não me deixar desanimar!

A Deus, por todos os momentos de minha vida, em especial aqueles em que tive que superar desafios e seguir em frente, pois foi quando senti Sua força.

Não somos apenas o que pensamos ser.
somos mais; somos também o que
lembramos e aquilo que esquecemos;
somos as palavras que trocamos, os
enganos que cometemos, os impulsos a
que cedemos “sem querer”.

Sigmund Freud

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar um estudo acerca da constituição do ethos discursivo, aproximando essa noção à noção de heterogeneidade constitutiva do discurso. Partindo-se das concepções defendidas por Dominique Maingueneau de que o ethos é uma imagem construída (também) por meio de um comportamento discursivo assumido e de que o discurso se constitui por meio de uma relação interdiscursiva – concepção essa baseada nos estudos acerca da heterogeneidade constitutiva do discurso de Jaqueline Authier-Revuz (2004) – propõe-se analisar o ethos como uma imagem constituída por meio da relação interdiscursiva e, portanto, como uma imagem heterogênea porque cindida, entrecortada pelos diversos posicionamentos discursivos que a atravessam. Como corpus de análise para esse estudo foram eleitas as matérias da *Revista Mulher* do jornal impresso *O Liberal*, mais especificamente os depoimentos das mulheres entrevistadas para a composição dessas matérias. Parte-se da ideia de que a mulher contemporânea se constitui como sujeito imersa em formações ideológicas diversas, atravessada por discursos pertencentes a formações discursivas mais conservadoras e mais contemporâneas. Sendo assim, pretende-se analisar, nos depoimentos das mulheres que são chamadas a colaborar com a revista, as marcas dos diversos posicionamentos discursivos que se relacionam, estudando as condições sociais e históricas que permitiram e permitem a constituição de tais discursos e as relações que se dão entre esses discursos na constituição de uma imagem de mulher.

Palavras-chave: Heterogeneidade discursiva. Interdiscurso. Ethos feminino.

RÉSUMÉ

Ce document vise à mener une étude sur la constitution de l'ethos discursif, notion que nous rapporterons à la notion d'hétérogénéité constitutive du discours. A partir des concepts défendus par Dominique Maingueneau que l'ethos est une image construite (également) par l'intermédiaire d'un comportement discursif assumé et que le discours est constitué par une relation interdiscursive - conception basée sur des études relatives à l'hétérogénéité constitutive du discours de Jacqueline Authier-Revuz (2004) – ce document se propose d'examiner l'ethos comme une image formée par des moyens de la relation interdiscursive, et donc comme une image hétérogène, car divisée, et interrompue par divers positionnements discursifs qui la traversent. Pour le corpus d'analyse de cette étude, nous avons sélectionné des articles de la *Revista Mulher*, du journal *O Liberal*, et plus particulièrement les témoignages sur le sujet développé. Nous partons de l'idée que la femme contemporaine est constituée comme un sujet immergé dans des formations idéologiques modernes sur les rôles qu'elle doit jouer dans la société, mais toujours divisée par des formations idéologiques du passé. Par conséquent, nous analyserons les marques des différentes positions discursives dans les discours présents dans les articles utilisés, en étudiant les conditions sociales et historiques qui ont permis et permettent la création de tels discours et les relations qui se produisent entre ces discours dans la constitution d'une image de la femme.

Mots-clé: Hétérogénéité discursive. Interdiscourse. Ethos femelle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O CONCEITO DE ETHOS	13
1.1. O ethos retórico.....	13
1.2. O conceito de ethos na perspectiva da Análise do Discurso.....	16
1.3. Por uma noção heterogênea de ethos	25
2. HETEROGENEIDADE DISCURSIVA	27
2.1. A alteridade na constituição do sujeito e do discurso.....	31
2.2. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva	33
2.3. O interdiscurso.....	35
3. DISCURSOS SOBRE O PAPEL SOCIAL FEMININO	40
3.1. A trabalhadora.....	41
3.2. A mãe de família.....	45
3.3. A companheira.....	48
3.4. A mulher que se cuida.....	52
4. O RECONHECIMENTO DE UM ETHOS FEMININO NA <i>REVISTA MULHER</i>: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	54
4.1. Características gerais da <i>Revista Mulher</i>	57
4.2. A organização da revista.....	59
4.3. O ethos feminino constituído na <i>Revista Mulher</i>	62
4.4. A cena enunciativa da revista.....	64
4.5. Propósitos da pesquisa.....	67
5. A AS MARCAS DA HETEROGENEIDADE NA CONSTITUIÇÃO DE UM ETHOS FEMININO	70
5.1. A construção do mundo ético da mulher contemporânea.....	71
5.2. A heterogeneidade na constituição do ethos feminino.....	75
5.2.1. A trabalhadora.....	75
5.2.2. A mulher de família.....	83
5.2.3. A companheira.....	89
5.2.4. A mulher que se cuida.....	98
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

“O dia-a-dia de Cintia Santos, 37 anos, é parecido à de diversas mulheres. Logo pela manhã, ela faz o café da manhã para seus filhos e os leva ao colégio. Depois de estar casada por diversos anos, a assistente administrativa decidiu cuidar das crianças e de quebra retornar ao mercado de trabalho. Devido a isso, também pela manhã, ela vai para o escritório. Ao mesmo tempo atende telefones, prepara relatórios, manda e-mails e solicitações do seu chefe. No período da tarde, o trabalho continua, só que a sua cabeça ainda está pensando na hora de pegar as crianças no colégio. ‘Se não bastasse isso, no fim do dia preciso organizar a casa e também ajudar as crianças nas tarefas da escola’, diz.”

(“Revista Mulher”, 01/08/2010, p. 10) (ANEXO Z)

A rotina diária daquela que se poderia chamar de mulher moderna pode ser elucidada por meio do depoimento acima. Trata-se da mulher que assume várias funções sociais e consegue dar conta de todas elas. A realização dessas tarefas é concebida pelo senso comum como se não exigisse muito esforço, afinal, a mulher nos dias atuais já é reconhecida como o sexo forte, já avançou muito na busca de igualdade de direitos em relação aos homens e tem alcançado o sucesso no campo profissional.

Essa imagem difundida acerca do lugar social ocupado pelas mulheres, no entanto, necessita ser revista, re-analisada. É evidente que mudanças ocorreram, que os papéis sociais desempenhados pelas mulheres sofreram uma reorganização, entretanto, algumas concepções hegemônicas em uma época passada, de uma sociedade patriarcal, ainda ecoam na constituição do sujeito mulher na contemporaneidade. E esses ecos que constituem o sujeito, conseqüentemente, constituem discursos que se relacionam de diversas maneiras com as concepções que surgiram articuladas a uma nova ordem social.

A proposta deste trabalho é analisar a constituição de um ethos feminino, que chamar-se-á de ethos da mulher contemporânea, concebendo-o como uma imagem construída de maneira heterogênea, permanecendo cindido pelos diversos discursos que o constituem. Concebe-se que a imagem da mulher contemporânea é constituída tanto por discursos pertencentes a uma formação discursiva mais conservadora, quanto por uma formação discursiva que entende que a mulher, na

contemporaneidade, assume compromissos diferenciados daqueles que assumia em outra época. Constrói-se, portanto, um ethos de caráter heterogêneo, em que o sujeito se constitui por meio de uma tensão, de um conflito entre duas formações discursivas diversas.

Para o alcance do objetivo central deste trabalho, serão utilizados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de vertente francesa, no que concerne às noções de ethos discursivo, interdiscurso, sujeito discursivo e heterogeneidade discursiva.

Pretende-se aproximar o conceito de ethos discursivo, incorporado ao arcabouço teórico mais recente dos estudos da Análise do Discurso, em especial a concepção abordada por Dominique Maingueneau dos estudos acerca da heterogeneidade constitutiva do discurso, postulada por Jaqueline Authier-Revuz. Pressupõe-se que o ethos, enquanto uma imagem constituída também discursivamente, assume o caráter heterogêneo dos discursos que o constituem.

Julga-se que o corpus de análise selecionado para esse trabalho – as matérias que compõem a *Revista Mulher*, do jornal impresso *O Liberal* – dá conta de ilustrar as condições de ordem histórica e social que permitem a constituição e manutenção de determinados discursos acerca do lugar social ocupado pelas mulheres, discursos esses constituídos por meio da inter-relação de discursos pertencentes a formações ideológicas diversas. Esse julgamento se baseia no fato de que, por tratar-se de uma revista de circulação periódica, seus textos refletem (e também constituem) as concepções, os anseios, as aspirações da sociedade de que faz parte, principalmente do público ao qual se direciona.

Uma análise inicial do funcionamento discursivo das matérias da *Revista Mulher* identificou que o apelo ao seu público-alvo se dá por meio de uma construção discursiva que visa à identificação das leitoras com o mundo ético constituído, com base nos diversos papéis desempenhados socialmente pelas mulheres. Busca-se construir uma imagem feminina que satisfaça o público e, mais do que isso, gere a incorporação desse público a essa imagem, assim como ao mundo ético do qual ela faz parte.

Este trabalho foi organizado em cinco seções. Na primeira delas, objetiva-se estabelecer um estudo acerca na noção de ethos discursivo. São apresentadas as principais perspectivas teóricas acerca dessa noção, desde os postulados retóricos concebidos por Aristóteles, até a incorporação desses postulados aos estudos da

Análise do Discurso, defendida por Dominique Maingueneau. Propõe-se estudar de que maneira ocorre a constituição desse ethos e de que maneira o fato de tratar-se de uma imagem (também) discursiva permite que se possa pensá-la como uma imagem de natureza heterogênea.

Na segunda seção do trabalho, são apresentadas as noções de heterogeneidade constitutiva do discurso, estudada por Jacqueline Authier-Revuz – com base nos estudos da autora acerca da teoria do dialogismo, postulada por Mikhail Bakhtin, e das teorias psicanalíticas acerca do sujeito, postuladas, principalmente, por Freud e Lacan – e de interdiscurso, concepção defendida por Maingueneau, em consonância com o trabalho de Authier-Revuz, cuja ideia central é a de que o discurso se constitui por meio de sua relação com outros discursos.

A noção de interdiscurso e, conseqüentemente, de heterogeneidade constitutiva são fundamentais para o estudo da constituição do ethos feminino na *Revista Mulher*. Para que se possa relacionar de maneira mais elucidativa as relações estabelecidas entre os discursos conservadores e os discursos contemporâneos sobre o papel social feminino, fez-se necessário apresentar, na terceira seção deste trabalho, um panorama histórico das mudanças de concepção acerca dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres.

O trajeto realizado pauta-se em trabalhos que tratam especificamente da história da mulher brasileira, objetivando situar as condições de ordem histórica, política e social que possibilitaram a constituição dos discursos relacionados à mulher, e sua preponderância em um determinado tempo. É importante ressaltar que não há a pretensão de realizar um estudo aprofundado sobre a história da mulher brasileira, mas compreender a constituição dos discursos acerca dos principais papéis desempenhados pela mulher na ordem social.

Na quarta seção do presente trabalho, a proposta é a de apresentar a *Revista Mulher* como corpus de análise, expondo suas características mais gerais e as primeiras impressões alcançadas por meio do reconhecimento de um ethos feminino na revista. Também são apresentados a cena enunciativa em que o ethos feminino se constitui e o percurso metodológico para a elaboração do trabalho.

Por fim, na quinta seção do trabalho é realizado o estudo do corpus, objetivando analisar a constituição do ethos feminino como uma imagem heterogênea, entrecortada pelos diversos posicionamentos que se relacionam, a partir da análise da cena enunciativa em que os discursos se constituem. São

considerados na análise, aspectos como: as temáticas abordadas nas matérias da revista, as fotografias utilizadas para ilustrar as matérias, o tempo, o lugar e os sujeitos que constituem a dêixis enunciativa como um todo.

Considerando que o ethos se constitui por meio de um posicionamento assumido, concebe-se que somente por meio dos discursos das mulheres entrevistadas nas matérias é que se pode ter acesso às tensões, aos conflitos entre formações discursivas diversas que se relacionam na constituição dessa imagem feminina. Dessa forma, o recorte realizado para a análise são os depoimentos das entrevistadas na revista, na abordagem das quatro temáticas mais recorrentes nas matérias, ainda que o enfoque principal seja outro: as relações da mulher contemporânea com seu trabalho, com sua família, com seu relacionamento amoroso e consigo mesma.

1. O CONCEITO DE ETHOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar as principais perspectivas teóricas sobre o conceito de ethos. Será estabelecido um breve histórico do percurso de construção do conceito em diferentes quadros teóricos, com fins de explicitar melhor de que maneira a Análise do Discurso incorporou aos seus estudos os postulados ligados aos estudos retóricos.

O estudo da noção de ethos discursivo, realizado, principalmente, por Dominique Maingueneau, é de fundamental importância para que se alcance o objetivo deste trabalho de pesquisa, que é o de refletir sobre a noção de ethos, concebendo que sua constituição se dá por meio da inter-relação de discursos pertencentes a formações discursivas diversas. A hipótese central deste trabalho é a de que o ethos, por ser uma imagem constituída (também) discursivamente, assume o caráter heterogêneo próprio dos discursos que o constituem, conforme os postulados apresentados a seguir.

1.1. O ethos retórico

A *retórica* é concebida como a arte de persuadir, de comover por meio das palavras. Seria a habilidade de utilizar as palavras de forma a conquistar a adesão de um determinado público. No entanto, essa adesão não seria alcançada apenas por meio do que o orador diz de si mesmo, mas também do caráter moral que ele deixa transparecer em seu posicionamento.

Segundo Eggs (2011), Aristóteles, em sua obra “Retórica”, concebe que a persuasão se dá por meio da constituição de três provas engendradas no discurso: o logos, o pathos e o ethos. O logos (“argumentos”) seria do domínio da razão, enquanto o pathos (“paixões”) e o ethos (“costumes”) seriam do domínio da emoção. Essa concepção de Aristóteles se afasta da concepção dos retóricos de sua época, para quem a persuasão se daria somente por meio do logos, ou seja, da apelação para a razão da plateia, por meio da apresentação de provas concretas, de fatos, de argumentos.

Eggs (2011) concebe o ethos como a mais importante das três provas definidas por Aristóteles. Isso porque um “orador que mostra em seu discurso um caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório”. (EGGS, 2011, p. 29). O autor, no entanto, ressalta que a obra de Aristóteles apresenta duas

concepções aparentemente contrárias acerca da noção de *ethos*: uma de sentido moral, que liga essa noção a atitudes e virtudes como honestidade, benevolência ou equidade; e outra, de sentido mais neutro, mais objetivo, que liga a noção de *ethos* a hábitos, modos, costumes que definiriam um caráter.

Concordando com as ideias de Dominique Maingueneau, Eggs (2011) concebe que tanto as características ligadas ao sentido moral, quanto aquelas ligadas a um sentido mais objetivo se articulam na construção do *ethos* que, por sua vez, se constitui no e pelo discurso.

Na concepção de Aristóteles, a forma de se posicionar diante de seus interlocutores - como uma pessoa ponderada, franca ou simpática - seria previamente pensada pelo orador, de acordo com suas intenções. O filósofo propunha uma técnica que objetivava definir o que era persuasivo para cada *tipo* de indivíduos, ou seja, para cada grupo de indivíduos que compartilha de determinados ideais, convicções, aspirações etc.

A constituição dessa imagem seria, desse modo, minuciosamente planejada para atingir o objetivo de conquistar a confiança da plateia. Para tanto, aspectos como a escolha das palavras e dos argumentos, a entonação da voz, os gestos, o olhar, a postura etc, seriam cuidadosamente escolhidos. O locutor precisava se mostrar como pertencente ao grupo de indivíduos ao qual se dirigia.

Depreende-se, portanto, que a adesão da plateia seria conquistada por meio do posicionamento do enunciador e da forma como ele conduziria seu discurso. Sendo assim, para mobilizar a afetividade na plateia, seria necessário atentar para suas características, de forma a compartilhar de seus valores e aspirações. A esse respeito, em sua leitura da obra de Aristóteles, concebe Maingueneau (2008a):

Como a virtude não é considerada em todos os lugares nem por todas as pessoas da mesma maneira, é em função de seu auditório que o orador construirá uma imagem de si conforme o que é considerado como virtude. A persuasão só é obtida se o auditório constatar no orador o mesmo *ethos* que vê em si mesmo: persuadir consistirá em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 58)

O *ethos* mostrado é por vezes considerado mais eficaz que os próprios argumentos utilizados pelo orador para convencer a plateia. Isso porque, segundo os postulados de Aristóteles, o *ethos* age no plano da afetividade, da sensibilidade

do público, enquanto os argumentos agem no plano da razão. Isso, de acordo com Maingueneau (2008b), pode inverter a hierarquia moral existente entre o inteligível e o sensível e também entre o ser e o parecer, uma vez que o ethos mostrado pode ser um ethos falso, já que o ethos retórico é a imagem percebida pelo público e não o caráter próprio do orador. Como ressalta Eggs (2011):

Embora o ethos tenha aqui um sentido moral ou ideal, é preciso ver que essa moralidade não nasce de uma atitude interior ou de um sistema de valores abstratos; ao contrário, ela se produz pelas escolhas competentes, deliberadas e apropriadas. Essa moralidade, enfim, o ethos como prova retórica é, portanto, procedural. (EGGS, 2011, p. 37)

A sinceridade do locutor, de acordo com essa perspectiva, não importaria, uma vez que a persuasão não se dá por meio da convicção do que se diz, da sinceridade do que se propõe, mas da boa impressão que o locutor causa na plateia e dos mecanismos que utiliza para tanto. Sobre esse aspecto do ethos, Barthes sublinha:

São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão [...] O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso, eu não sou aquilo. (BARTHES, 1966, apud MAINGUENEAU, 2008a, p. 59)

Dessa forma, o locutor estaria interpretando ao se apresentar. Ele precisaria adequar seu discurso ao seu auditório, de forma a mostrar-se como alguém que compartilha as aspirações daquele grupo de indivíduos a quem se dirige, considerando em seu posicionamento o status social, a faixa etária, as crenças, de modo geral, as especificidades apresentadas por aquele grupo. A imagem do coenunciador seria, dessa forma, de total relevância na constituição desse ethos do enunciador.

E essa representação não se daria somente por meio das palavras, de argumentos, mas também por meio de um comportamento adotado. Com base nessa concepção, afirma Eggs (2011):

Não se pode realizar o ethos moral sem realizar ao mesmo tempo o ethos neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir e argumentar

estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate. Essas duas faces do ethos constituem, portanto, dois elementos essenciais do mesmo procedimento: *convencer pelo discurso*. (EGGS, 2011, p. 39)

Mainqueneau (2008c), assim como Eggs (2011), concorda com a concepção retórica de que o ethos é constituído no discurso. No entanto, de acordo com esses autores, o ethos não se apresenta somente como uma imagem elaborada como estratégia de persuasão, com o objetivo de conquistar um público, mas como um efeito do discurso, também constituído pela cena de enunciação em que o sujeito está inserido.

De acordo com esta perspectiva, a imagem constituída não é deliberadamente planejada pelo enunciador, com o intuito de conquistar seu coenunciador, ela é resultado do comportamento discursivo assumido pelo enunciador e esse comportamento é regido pela situação de enunciação em que o enunciador está inserido.

De acordo com a perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD), o coenunciador não adere a um discurso, no sentido de ser conquistado por meio da empatia com a imagem do enunciador; a adesão se dá no sentido de o coenunciador apropriar-se da imagem constituída no discurso, se inserindo no mundo ao qual o discurso enunciado dá acesso, conforme será abordado na seção a seguir.

1.2. O conceito de ethos na perspectiva da Análise do Discurso

Amossy (2011) defende que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2011, p. 9), ou seja, todo e qualquer ato enunciativo revela características próprias do enunciador, revela seu modo de enxergar o mundo à sua volta. A construção de sua imagem não se dá por meio daquilo que o enunciador atesta sobre si, mas por meio daquilo que ele diz e também da forma como o diz, ou seja, por meio do comportamento adotado por ele para se posicionar discursivamente acerca de um determinado assunto.

Assim é definida a noção de ethos nos estudos da Análise do Discurso: como uma imagem constituída por meio de um comportamento discursivo adotado; isso associado a uma forma de apresentar-se fisicamente. Na constituição do ethos,

portanto, interagem fenômenos de ordens diversas, como o verbal e o não verbal, o discursivo e o não discursivo.

Maingueneau (2008a) reconhece que os estudos relacionados à enunciação, que na época de Aristóteles se restringiam à retórica, agora assumem maior complexidade e se dividem em várias disciplinas, de acordo com os interesses dos pesquisadores. O autor apresenta uma concepção de ethos inserida no quadro da AD, reformulando algumas proposições da retórica, consideradas importantes na elaboração dos novos pressupostos. Maingueneau (2008a) ressalta que os estudos retóricos sobre ethos somente podem ser incorporados aos estudos da Análise do Discurso se realizado um duplo deslocamento.

O primeiro diz respeito à posição do sujeito, pois do ponto de vista da AD, os efeitos produzidos por meio de sua enunciação não são impostos pelo próprio enunciador, mas pela formação discursiva em que o sujeito está inserido. Dessa forma, diferentemente do que propõem os postulados retóricos, o que é dito também seria relevante e indissociável da forma como é dito.

O segundo deslocamento proposto por Maingueneau diz respeito à oposição entre o oral e o escrito. Para o autor, os estudos da AD referentes à concepção de ethos devem ser transversais a essa oposição.

Se os estudos retóricos se ocuparam somente dos textos orais, para a AD, os textos escritos também são considerados material relevante nos estudos sobre o ethos, uma vez que também apresentam uma “vocalidade” que se manifesta por meio dos “tons” que um texto pode assumir.

O leitor também constrói uma imagem acerca do enunciador de um texto escrito a partir das marcas liberadas na enunciação – a imagem de um fiador do discurso, ou seja, uma imagem formada por meio da “voz” que fala de dentro do texto. Maingueneau (2008a) propõe então:

Uma concepção mais “encarnada” do ethos, que, nessa perspectiva, recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas associadas ao fiador pelas representações coletivas. Assim, acaba-se por atribuir ao fiador um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de se vestir. (MAINGUENEAU, 2008a, p.65)

Dessa forma, a imagem construída do fiador de um discurso está associada tanto ao caráter que o enunciador deixa transparecer por meio de seu posicionamento, quanto ao modo como ele se mostra – trata-se da forma de vestir-se do enunciador, sua postura, sua aparência física etc.

O fiador não pode ser confundido com o autor do discurso: o fiador é a imagem física construída na interação durante o processo interativo, é o que torna o discurso enunciado mais palpável ao coenunciador. Tal qual ocorre nas negociações comerciais – em que o fiador torna-se responsável pelo sujeito abonado – o fiador de um discurso empresta ao texto sua imagem, concedendo-lhe seu abono; é a essa imagem que o coenunciador intuitivamente se remete ao ter contato com o texto enunciado. Constitui-se um estereótipo do enunciador a partir de seu posicionamento; estereótipo esse que pode ser positivo ou negativo aos olhos do outro, de acordo com a formação discursiva em que ele está inserido.

Apesar de não refutar completamente os pressupostos retóricos sobre a constituição do ethos, Maingueneau (2008a) propõe uma releitura dessas concepções, incorporando-as aos postulados da Análise do Discurso. O autor destaca três proposições aristotélicas que são fundamentais para as reflexões acerca da elaboração dessa noção:

O ethos é uma noção *discursiva*, ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala; [...] o ethos é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro; o ethos é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sóciodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 63)

Uma das dificuldades ligadas à primeira concepção (a de que o ethos é uma noção *discursiva*) é justamente essa delimitação do que é discursivo e do que não é discursivo:

O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer. Mais exatamente, não se trata de traços estritamente “intradiscursivos” porque, como vimos, também intervém, em sua elaboração, dados exteriores à fala propriamente dita (mímica, vestimentas...). (MAINGUENEAU, 2008a, p.59)

Não se pode afirmar, portanto, que o ethos é um efeito unicamente do discurso, uma vez que a imagem que o ouvinte constrói do locutor também é formada a partir de percepções que são externas ao discurso, ligadas ao ambiente, à forma física do locutor, à sua forma de se apresentar. As expressões faciais e corporais, as roupas, o tom de voz, etc são características importantes na constituição de uma imagem e que implicam uma primeira impressão que também influi na constituição final do ethos.

Ao conceber uma concepção mais encarnada de ethos, Maingueneau (2008a) considera necessário estabelecer uma distinção entre ethos pré-discursivo e ethos discursivo. O autor concorda que o mais concebível é que o coenunciador não tenha ideia do ethos do enunciador antes de ter um primeiro contato com seu discurso, no entanto existem modelos de situações interativas com os quais os interlocutores já tiveram contato e essa experiência gera uma determinada expectativa no interlocutor, quando se depara com situação semelhante. São situações inseridas em modelos sociais pré-determinados.

Em um julgamento, por exemplo, espera-se que toda a ação aconteça em um determinado lugar – o tribunal – e que ocorra com a ação de integrantes como um juiz, pelo menos um réu, advogados, talvez um júri etc, além disso, todos os integrantes citados devem apresentar-se e comportar-se de uma determinada maneira, seguindo um determinado padrão, conforme a função que lhes cabe desempenhar, dada a situação. Trata-se de uma situação cujo modelo já fora instituído e pré-fixado em uma memória coletiva¹.

Admitindo o ethos como “um *comportamento* que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 16), Maingueneau (2008b) concebe que o ethos efetivo de um enunciador seja constituído por duas imagens, o ethos pré-discursivo e o ethos discursivo, conforme esquema abaixo:

¹ “O discurso é também dominado pela *memória de outros discursos*. [...] Uma formação discursiva é tomada em uma *dupla memória* (Maingueneau, 1984, p. 131). Ela se atribui uma **memória externa**, colocando-se na filiação de formações discursivas anteriores. Com o tempo, cria-se também uma **memória interna** (com os enunciados produzidos anteriormente no interior da mesma formação discursiva). O discurso apóia-se, então, numa Tradição, mas cria, pouco a pouco, sua própria Tradição. Aqui a memória não é psicológica; ela é inseparável do modo de existência de cada formação discursiva, que tem uma maneira própria de gerir essa memória.” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 325)

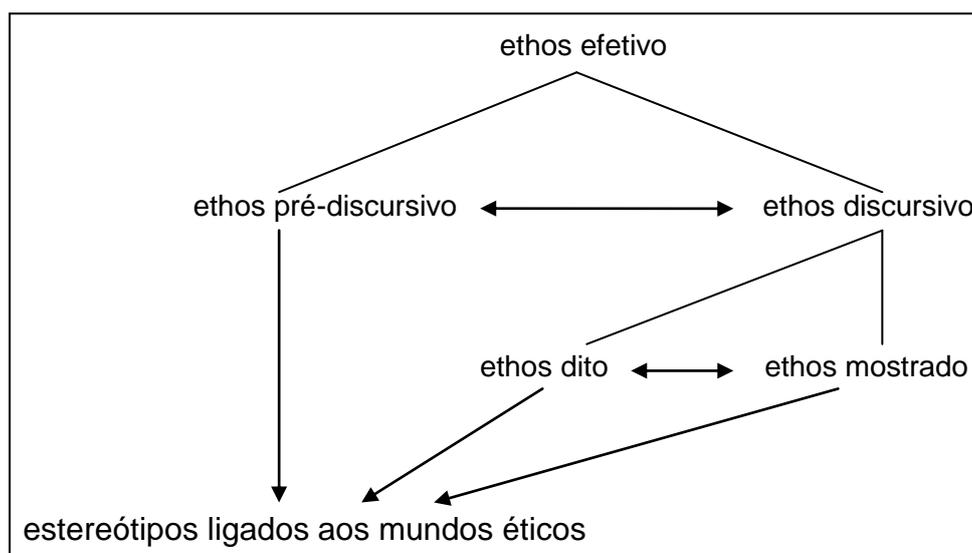


Figura 01 – Constituição do ethos (MAINGUENEAU, 2008b, p.19)

O ethos pré-discursivo seria a expectativa que o coenunciador cria em relação à figura do enunciador antes de ter um contato legítimo com sua enunciação. Essas expectativas, segundo Maingueneau (2008b), decorreriam tanto da posição que o enunciador ocupa em determinada ocasião – função desempenhada, status, posição social – quanto da forma como esse enunciador se apresenta fisicamente – a vestimenta, a estética, até mesmo a idade. Na modalidade escrita, as expectativas seriam geradas principalmente por meio do gênero discursivo utilizado. Para Maingueneau (2008a), a grande diversidade de gêneros discursivos é um dos fatores que mais determina a concepção de um ethos pré-discursivo.

Considerando novamente um julgamento como exemplo, há a expectativa, nessa situação, de que as pessoas presentes vistam-se formalmente, utilizem um registro linguístico também formal e técnico, adotem um tom sério ao se expressarem; por isso, seria surpreendente para os expectadores que os participantes se portassem de maneira diferente.

O ethos discursivo é o considerado mostrado por meio da enunciação, a imagem do enunciador que se forma a partir de seu posicionamento. No entanto, como pontua Maingueneau (2008a), com o intuito de legitimar ainda mais o seu discurso, o enunciador pode “evocar sua própria enunciação”, o que caracterizaria o ethos dito. Isso pode ocorrer de forma direta – quando o enunciador faz menção à sua pessoa, atribuindo a si alguma característica – ou de forma indireta - quando se utiliza de alguma metáfora ou faz menção a outras cenas de fala que legitimem seu

discurso, cenas essas que já estão incorporadas por uma comunidade, que são aceitas como verdadeiras – como passagens da bíblia, por exemplo. O ethos dito vale-se da memória coletiva, das convicções já intrínsecas a uma comunidade para se efetivar, a chamada “cena validada”, ou seja, uma cena já adotada por determinada comunidade como um modelo que deve ou não ser seguido.

Conforme o esquema apresentado anteriormente ilustra, há entre o ethos pré-discursivo e o ethos discursivo uma relação de reciprocidade em que a imagem construída por meio da expectativa gerada não necessariamente se valida quando o coenunciador estabelece um contato efetivo com a enunciação, porém, nos casos em que ocorre essa validação, tanto o ethos discursivo confirma a imagem pré-discursiva construída, quanto esta valida o discurso enunciado, constituindo um ethos efetivo.

A mesma relação de reciprocidade ocorre na relação ethos dito/ethos mostrado: uma imagem valida a outra de forma a constituir um ethos discursivo. E todas essas imagens são construídas tendo por base modelos sociais estereotipados.

A segunda proposição retórica, marcada por Maingueneau (2008a), concebe o ethos como um processo interativo de influência sobre o outro. Como propõe Amossy (2011), toda tomada de palavra resulta na construção de uma imagem e essa imagem influi de alguma maneira sobre o modo como o coenunciador irá enxergar o enunciador:

Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona, a boa realização do projeto é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências”. (AMOSSY, 2011, p. 9).

No entanto, para os estudos da Análise do Discurso, a adesão do coenunciador não é premeditada pelo enunciador, e nem alcançada por meio de estratégias conscientes de persuasão, mas acontece por meio do processo de incorporação do coenunciador ao discurso do enunciador. Ao posicionar-se, o enunciador daria acesso a um mundo em que ele está inserido, chamado “mundo ético”:

De fato, o fiador implica ele mesmo um “mundo ético” do qual é parte prenante e ao qual ele dá acesso. Esse “mundo ético” ativado pela leitura,

subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos; a publicidade contemporânea se apóia massivamente sobre tais estereótipos: o mundo ético dos executivos dinâmicos, o dos ricos emergentes, o das celebridades, etc. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 18)

O mundo ético é concebido por Maingueneau (2008b) como um “estereótipo cultural”, ou seja, uma série de situações associadas a comportamentos de um grupo de pessoas, de acordo com o lugar social que elas ocupam em determinado momento, como o mundo ético das celebridades, no qual se incluem situações como posar para fotos, distribuir autógrafos para fãs, dar entrevistas, fazer capas de revistas, etc.

É importante ressaltar que, apesar de o mundo ético do enunciador ser constituído pelo coenunciador com base nos estereótipos relacionados a cada situação, esses modelos não apresentam sempre as mesmas características, ou seja, não se pode conceber que um indivíduo – ou um grupo de indivíduos – irá comportar-se sempre da mesma maneira, devido ao lugar social de onde fala. Se assim fosse, as celebridades, conforme o exemplo dado, apresentariam todo o tempo o mesmo padrão de comportamento, o que na prática não ocorre.

Os estereótipos ativam, sim, na memória do coenunciador, uma expectativa de comportamento que pode ou não se confirmar. Essa expectativa, obviamente, influi no modo como o coenunciador irá receber o discurso do enunciador e, por conseguinte, na sua adesão ao discurso enunciado, que se dá por meio de sua inserção no mundo ético, construído discursivamente:

O poder de persuasão de um discurso decorre em parte do fato de que ele leva o destinatário a identificar-se com o movimento de um corpo, por mais esquemático que seja, investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2008a, p.72)

Maingueneau (2008a) designa por “incorporação” esse processo por meio do qual o coenunciador se identifica ou, mais que isso, se insere no mundo ético suscitado no discurso enunciado. O autor formula essa noção a partir de três registros.

Mediante o primeiro registro, Maingueneau (2011) concebe que “a enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo”

(MAINGUENEAU, 2011, p.73), ou seja, a partir de seu posicionamento, durante sua enunciação, é atribuída uma imagem ao enunciador do discurso.

Por meio do segundo registro, Maingueneau (2011) defende que “o coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo” (MAINGUENEAU, 2011, p. 73). Maingueneau (2011) conceitua incorporação como “a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos de um discurso” (MAINGUENEAU, 2011, p. 72).

Trata-se de algo que ultrapassa a mera identificação do destinatário com a imagem do fiador: o coenunciador se apropria do ethos revelado pelo enunciador, se inserindo no “mundo ético” revelado. Não qualquer “mundo ético”, mas aquele que parece estar de acordo com suas ideias, o mundo em que ele próprio julga estar inserido, formando, dessa forma, uma comunidade que compartilha do mesmo discurso.

Por meio do terceiro registro, Maingueneau (2011) atesta que as “duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso” (MAINGUENEAU, 2011, p.73). Ocorre, então, mais que a mera identificação do coenunciador com o discurso enunciado, pois o coenunciador apropria-se desse discurso, transportando-se para a mesma comunidade discursiva da qual o enunciador faz parte:

O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo ethos quanto pela “doutrina”; as “idéias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária de um vivido. (MAINGUENEAU, 2011, p. 73)

Assumindo para si a identidade suscitada por meio da forma como o enunciador se posiciona, o coenunciador se insere, de modo a considerar-se participante do mundo do qual essa identidade faz parte – o mundo ético.

A terceira proposição de Aristóteles a ser estudada, de que a noção de ethos é fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, não podendo ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada, é a mais importante para a proposta deste trabalho.

O ethos, de acordo com esta proposição, seria intrínseco à cena enunciativa, ou seja, o enunciador seria coagido a assumir um determinado comportamento de acordo com a situação de enunciação em que está inserido: “Por meio do ethos, o destinatário está, de fato, convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70)

Maingueneau (2008a) concebe que a cena de enunciação é constituída de três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante confere o tipo de discurso (religioso, literário, político, etc.), a cena genérica está associada ao gênero do discurso (uma entrevista, um sermão, uma aula, etc.), já a cenografia está associada ao próprio texto, à situação de enunciação em que o enunciador está inserido, em outras palavras, dependendo do contexto de enunciação, o enunciador assumirá um comportamento determinado pelo tipo e pelo gênero de discurso, pelo público coenunciador, pelo objetivo de sua enunciação etc.

O tipo e o gênero de discurso estão ligados a modelos pré-estabelecidos, já a cenografia é singular ao texto e a seu contexto de enunciação. Dessa forma, Maingueneau (2011) reparte os gêneros de discurso ao longo de um contínuo, que teria, de um lado, os gêneros que se limitam às suas cenas genéricas e, de outro, os gêneros que exigem a escolha de uma cenografia – gêneros publicitários, literários, filosóficos. Entre esses dois extremos estariam os gêneros de discurso que oscilam entre esses dois polos, ou seja, aqueles que permitem cenografias variadas, mas que geralmente limitam-se às suas cenas genéricas.

O autor concebe que essa variação quanto à cena de enunciação está diretamente ligada à finalidade dos gêneros de discurso. Aqueles gêneros cuja finalidade seria a de informar, catalogar informações ou listar procedimentos, não necessitariam de uma cenografia, ao contrário daqueles gêneros de discurso que visam a persuadir o coenunciador a aceitar determinada ideia.

Maingueneau acrescenta à noção de cenografia um duplo valor: o primeiro deles é a noção de “-grafia”, ou seja, da inscrição da enunciação em um espaço que a valida, que a legitima; o segundo diz respeito à questão da constituição da cena enunciativa. Segundo o autor, a construção do espaço em que o discurso se manifesta não é anterior a esse discurso e sim concomitante ao desenvolvimento da cenografia.

Não se pode, portanto, ignorar que a enunciação é indissociável de um determinado lugar (topografia) e de um determinado momento (cronografia) de que emana o discurso:

A cenografia, como o ethos que dela participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência... (MAINGUENEAU, 2011, p. 77)

Há, então, uma relação de reciprocidade entre a cenografia e o discurso: o conteúdo de um discurso é o que irá construir uma cenografia e isso se dá de forma progressiva, de acordo com seu desenvolvimento. Da mesma forma, a cenografia instaurada legitima o discurso, tornando-o mais “palpável” ao coenunciador.

De acordo com essa concepção, o tipo e o gênero discursivos constituem o ethos, mas é na cenografia que ele é efetivado, como uma determinada imagem dotada de características específicas. É no momento em que se representa como uma determinada imagem que ele é legitimado como essa imagem.

1.3. Por uma noção heterogênea de ethos

Com base na concepção de que o ethos é uma imagem construída principalmente por meio de um comportamento discursivo adotado, formula-se a hipótese de que o caráter heterogêneo constitutivo do discurso também é inerente à imagem constituída a partir deste discurso. Se o conceito de discurso é marcado pelas relações, pode-se reconhecer ou tentar descrever a heterogeneidade que esse conceito implica na construção do ethos discursivo.

Sendo o ethos constituído sócio-discursivamente, pode-se estabelecer uma relação entre a constituição do discurso e a constituição da imagem construída por meio desse discurso; de acordo com essa concepção, se um determinado posicionamento discursivo é constituído a partir de outros posicionamentos e permanece clivado por esses outros posicionamentos, assumindo caráter heterogêneo, pode-se supor que a imagem constituída por meio de um posicionamento discursivo também é marcada por essa heterogeneidade.

Maingueneau (2008c) apóia-se nas ideias de Authier-Revuz (2004) sobre a heterogeneidade discursiva, para formular sua noção de interdiscurso. As concepções da autora acerca da constituição do sujeito como um ser clivado entre o consciente e o inconsciente e a noção de heterogeneidade constitutiva do discurso servirão de base para os propósitos deste trabalho de pesquisa.

Partindo dessas conjecturas, pretende-se reconhecer, no ethos constituído, as marcas dos diversos discursos que se relacionam, estudar as condições sociais e históricas que permitiram e permitem a constituição de tais discursos e, dessa forma, analisar a relação estabelecida entre esses discursos na constituição do ethos discursivo.

2. HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

De acordo com os postulados de Authier-Revuz (2004), o discurso é constituído por meio da relação estabelecida entre vários discursos. A autora elabora sua teoria sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso a partir de seus estudos acerca da teoria do dialogismo, postulada por Mikhail Bakhtin, e das teorias psicanalíticas acerca do sujeito, postuladas, principalmente, por Freud e Lacan.

Pêcheux (1997) discute as três fases pelas quais teria passado a Análise do Discurso desde sua constituição, na década de 60, até o início da década de 80. Esse percurso histórico se faz necessário para a compreensão das mudanças pelas quais passaram as concepções acerca da constituição discursiva no decorrer dos estudos da Análise do Discurso.

Ainda que alguns autores não concordem com a divisão da disciplina em três fases, esse percurso histórico contribui para a melhor compreensão do desenvolvimento de algumas noções internas à Análise do Discurso, desde a década de 60 até os anos 80.

De acordo com Pêcheux (1997), na primeira fase da Análise do Discurso de perspectiva francesa (AD-1), objetivava-se estudar a produção discursiva a partir da seleção de discursos produzidos em uma mesma condição de produção, com fins de relacioná-los posteriormente para que se chegasse ao entendimento de que esses traços foram produzidos a partir de uma única maquinaria discursiva.

Costa (2005), em sua leitura de Pêcheux (1997), define a AD-1 como a época da “primazia do mesmo”. Considera-se que os estudos acerca do discurso nessa época eram realizados por meio de um sistema de seleção criteriosa de discursos em que estes eram organizados de forma a manter uma homogeneidade e uma estabilidade em termos de suas condições de produção.

Questiona-se, nessa fase, a concepção de discurso como um produto das intenções de um sujeito totalmente consciente do que diz. Defendia-se exatamente o contrário, ou seja, o sujeito era concebido como um ser totalmente submetido a regras que delimitavam seus posicionamentos; considerava-se que as condições de produção coagiam os sujeitos a se posicionarem de determinada maneira.

O corpus a ser estudado tratava-se de um recorte de discursos produzidos em uma mesma condição, com fins de relacionar os posicionamentos ideológicos contidos nesses discursos ao momento histórico em que eles foram produzidos,

sendo assim, as condições de produção dos discursos analisados podiam ser consideradas estáveis e homogêneas.

É importante ressaltar que a Análise do Discurso nessa época estava imersa em concepções políticas, sofrendo forte influência da ideia da luta de classes – leitura de Karl Marx feita por Louis Althusser – em que os discursos funcionariam como aparelhos ideológicos que intencionavam reprimir a classe dominada, mantendo o poder da classe dominante. De acordo com essa concepção, a ideologia

[...] *assujeita* os indivíduos, isto é, subtrai sua individualidade e lhes confere um lugar na sociedade de classes, convertendo-os em sujeitos ideológicos, de modo a que passem a colaborar para a reprodução das relações de produção da sociedade em uma de suas duas classes (ou frações de classes) antagônicas. Trata-se de uma atitude não consciente, uma vez que o sujeito se acredita senhor de suas atitudes, acredita que, agindo da forma que age, age por si e para si. (COSTA, 2005, p. 19)

O discurso, de acordo com essas ideias, seria uma das formas materiais da ideologia. Para Althusser (2001, p. 89 apud COSTA, 2005, p. 19), “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, ou seja, a subjetividade é constituída no momento em que o indivíduo se insere em práticas que são reguladas por uma determinada formação ideológica. Essa concepção marca a noção de sujeito “assujeitado”; esse “assujeitamento” também seria inconsciente, uma vez que o sujeito se julga a fonte de seu dizer.

Costa (2005) ressaltava que assim como os comportamentos seriam exteriores ao indivíduo, por pertencerem à formação ideológica em que eles se inserem, o sentido dos discursos também seriam exteriores aos falantes, por pertencerem a uma determinada formação discursiva, que determina o que pode e deve ser dito, dada a situação, dado o lugar ocupado pelo indivíduo em uma formação ideológica. Dessa forma, o sujeito seria intimado a assumir um determinado lugar e a posicionar-se de uma determinada maneira, conforme o contexto (político, histórico, social) em que está inserido.

A segunda época pela qual passou a AD, de acordo com Pêcheux (1997), é marcada pela concepção de formação discursiva (FD) apresentada por Michel Foucault, para quem

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”). (PÊCHEUX, 1997, p. 314)

Segundo Pêcheux (1997), essa relação entre formações discursivas é marcada por uma desigualdade de forças no que diz respeito à influência que um dispositivo discursivo exerce sobre o outro. Dessa forma, pode-se depreender que, dependendo do contexto social e histórico, um discurso poderá se sobrepor a outro.

Diferentemente da primeira época, admite-se na AD-2 que, na constituição de uma formação discursiva, há influência de outras formações discursivas, exteriores e anteriores a ela. Costa (2005) postula que nessa fase é instaurado o “primado da relação”, em que é admitida a relação de uma formação discursiva com seu exterior, seja esse exterior outra formação discursiva, o interdiscurso, o “preconstruído” ou ainda uma “memória discursiva”.

Nessa fase, a concepção de sujeito também passou por modificações, uma vez que o sujeito passa a ser compreendido no interior da noção de formação discursiva, apresentada por Foucault, para quem o discurso não possui um princípio de unidade. Em Foucault (1995, apud COSTA, 2005), os discursos são concebidos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por unidades que não estão ligadas entre si. Logo, se os discursos não são ligados entre si por um princípio de unidade, o sujeito também não o é: o sujeito passa, então, a ser concebido como aquele que assume diferentes papéis, de acordo com o lugar interdiscursivo que ocupa na ordem social. O que não significaria dizer que o sujeito é livre: de acordo com essa concepção, o sujeito fala do interior de uma formação discursiva. Na base de seu discurso, portanto, existe uma ideologia própria do lugar social que esse sujeito ocupa.

Na AD-3, ocorre, segundo Pêcheux (1997), a desconstrução definitiva das maquinarias discursivas, para se assumir o “primado do outro sobre o mesmo”. As relações interdiscursivas que constituem um discurso são admitidas nos estudos sobre o discurso. A metodologia utilizada nas análises discursivas que considerava estáveis e homogêneas as condições sócio-históricas de produção de um discurso é totalmente refutada, passando-se a admitir uma desestabilização discursiva. Os

campos discursivos passam então a ser analisados enquanto corpus, com fins de se explorar as relações constituídas entre formações discursivas diversas.

É nesse momento de renovação da AD que, segundo Costa (2005), Authier-Revuz, juntamente com outros estudiosos, acentua a necessidade de se reconhecer a heterogeneidade como constituinte das práticas discursivas.

Costa (2005) considera que, embora não tenha sido citada no artigo de Pêcheux, é Authier-Revuz a principal representante dessa fase que estuda a discursividade sob um enfoque não-subjetivista. Os pressupostos da autora baseiam-se, segundo o autor, em três grandes linhas de pensamento: o primado do outro sobre o mesmo, o princípio bakhtiniano do dialogismo e a teoria do inconsciente.

Fundamentando-se tanto na ideia bakhtiniana de que um discurso se constitui em diálogo com outros discursos, quanto na concepção psicanalítica de sujeito – especialmente nas leituras de Freud e Lacan – como um ser descentrado, clivado entre os vários posicionamentos que o circundam, Authier-Revuz (2004) realiza um estudo das formas de heterogeneidade do discurso.

De acordo com Brandão (2002), a articulação feita por Authier-Revuz de seu conceito de heterogeneidade constitutiva da linguagem com o dialogismo de Bakhtin evidencia que

o conceito de subjetividade não pode estar centrado em um Ego enquanto entidade única e fonte toda-poderosa de sua palavra, mas num sujeito que se cinde porque átomo, partícula de um corpo histórico-social no qual interage com outros discursos de que se apossa ou diante dos quais se posiciona (ou é posicionado) para construir sua fala. (BRANDÃO, 2002, p. 54)

Essa concepção descentralizada de sujeito constitui a base do trabalho de análise que se pretende desenvolver nesta dissertação. Assim sendo, serão apresentadas as perspectivas que embasaram o trabalho de Authier-Revuz, em seu estudo acerca da constituição heterogênea do discurso, para que se possa, posteriormente, relacionar essa noção à noção de ethos discursivo, buscando reconhecer, na constituição do ethos, traços heterogêneos.

2.1. A alteridade na constituição do sujeito e do discurso

Conforme já mencionado, Authier-Revuz (2004) elabora a noção de heterogeneidade constitutiva do discurso, fundamentando-se nos postulados bakhtinianos sobre o dialogismo e nas concepções psicanalíticas de Freud e Lacan sobre a constituição do sujeito. Apesar de serem pesquisas pertencentes a diferentes bases teóricas, e com diferentes objetos de estudo – o trabalho de Bakhtin é ligado aos estudos literários e semióticos, enquanto o trabalho psicanalítico tem por objeto o estudo do inconsciente - ambas consideram em seus postulados a relação com o outro. Daí a articulação promovida por Authier-Revuz (2004) desses construtos teóricos aos estudos linguísticos.

Em seu estudo sobre o dialogismo, Authier-Revuz (2004) ressalta que a rede de oposições construídas por Bakhtin permite depreender o lugar privilegiado dado ao outro nessa perspectiva, “um outro que não é nem um duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas um outro que atravessa constitutivamente o um”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 25). Este é, segundo a autora, o princípio fundador da subjetividade: o reconhecimento de que existe um outro que atravessa o sujeito, que fala de dentro dele, e que, dessa forma, o constitui.

De acordo com as ideias do dialogismo de Bakhtin, a interação entre um discurso e outro seria a lei constitutiva de qualquer discurso. Variedades de discursos se relacionariam, estabelecendo entre elas “um jogo de fronteiras e de interferências” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68). De acordo com essa concepção, nenhuma palavra é pura, no sentido de ser a fonte primeira do sentido que ativa. As palavras são proferidas carregadas de sentidos que foram incorporados a elas no decorrer da história, dos acontecimentos, das mudanças sociais, políticas, ideológicas. Essas palavras, quando proferidas, ativam por meio da memória discursiva uma série de significados que permitem a constituição do sentido do discurso.

De acordo com as teorias bakhtinianas, o dialogismo tem dupla orientação: uma voltada para os “outros discursos” que constituem um discurso e outra voltada para o destinatário, o “outro” a quem se dirige um discurso. O discurso seria tecido por esses “outros discursos” referidos na primeira orientação, em um jogo de vozes que estabeleceriam entre si relações de complementação, concorrência, contradição etc. A orientação referente ao destinatário diz respeito à ideia de que em toda

enunciação é instaurado um diálogo com o discurso do interlocutor, ainda que essa resposta não tenha sido proferida, uma vez que o locutor atribui ao destinatário uma participação ativa, prevendo e solicitando uma réplica ao seu discurso.

Em consonância com essa ideia, Authier-Revuz (2004) apresenta as teorias da psicanálise, que concebem uma polifonia discursiva quando atestam como lei que, por trás de qualquer palavra dita, se fazem ouvir as vozes de outras palavras.

Authier-revuz (2004) esclarece que o trabalho da psicanálise consiste em fazer com que o indivíduo recorde conflitos já esquecidos, mas que, apesar disso, influenciam em sua vida presente. Esse processo de recobrar o passado se dá por meio da linguagem: é por meio das palavras do sujeito, daquilo que ele conta, que o psicanalista conseguirá compreender a causa dos conflitos relatados.

Estabelecendo relação entre as noções de inconsciente e linguagem é que a autora concebe que o sujeito é um ser descentrado, dividido entre sua consciência e aquilo que lhe é sabido, mas foi esquecido. Como afirma Lacan (1953, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50): “O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um vazio ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado.”

Afirmar que o sujeito é descentrado não significa concebê-lo como um ser desdobrado, entendendo-o como um ser dividido entre a consciência e um inconsciente, mas como um ser que constituído por experiências esquecidas, guardadas em seu inconsciente que se fazem presentes em suas palavras, em seu comportamento, sem que ele se dê conta disso. Ou seja, o sujeito mantém a ilusão de ser a fonte consciente daquilo que diz.

Assim como a noção de discurso defendida por Bakhtin, de acordo com o ponto de vista da psicanálise, a noção de sujeito assume um caráter heterogêneo. É o ser que acredita ser a fonte do sentido daquilo que diz, mas que, na verdade, se posiciona segundo as coerções das formações discursivas a que foi submetido no decorrer de sua história. Sendo o sujeito considerado descentrado, clivado, dividido, não haveria a possibilidade de ele ser o centro do qual surge um discurso. Essa é uma ilusão, segundo a autora, que o sujeito assume para constituir-se enquanto sujeito, daí a concepção de sujeito descentrado.

2.2. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva

Considerando o sujeito e o discurso como constitutivamente heterogêneos, Authier-Revuz (2004) estabelece o estudo das marcas dessa heterogeneidade que seria, segundo a autora, uma forma de explicitar as diferentes vozes que atravessam o discurso de um sujeito, buscando uma unidade, ainda que ilusória. Para a autora, a alteridade nos textos é identificada a partir da materialização assumida nas formas do discurso reportado.

A autora divide essa heterogeneidade em dois pólos: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Somente a primeira seria acessível aos aparelhos linguísticos, por ser marcada no próprio discurso como o discurso do outro, enquanto a segunda não permitiria essa identificação, uma vez que o discurso do outro seria inextricavelmente ligado ao discurso do mesmo:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual se fala*), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69)

Esses “outros discursos” aos quais a autora se refere são os discursos que circundam o sujeito; já o discurso do Outro² é o ponto de onde emana um novo discurso. O discurso surgiria, então, da negação de um Outro – afirma-se um discurso por meio da negação de um Outro. Esse “um”, no entanto, permaneceria clivado pelo Outro e pelos outros que o circundam. Daí a existência da heterogeneidade constitutiva.

Na forma explícita da heterogeneidade, o locutor se comportaria como tradutor do discurso de outrem – no caso do discurso indireto – ou como um porta-voz de um discurso – no caso do discurso direto. Ocorre, dessa forma, a explicitação da alteridade discursiva. Por diversos motivos, com diversos objetivos, o locutor empenha-se em delimitar seu discurso e o discurso do outro.

²O “Outro”, grafado em letra maiúscula, se distingue do “outro” no sentido de não tratar-se de um discurso diferente, de um discurso externo, mas sim da parte constituinte do mesmo discurso, interno a este discurso, relacionando-se com ele. Como esclarece Maingueneau (2008c): “Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio [...]. É aquela parte que faz falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade.” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 37)

A intenção do locutor é delimitar o momento em que sua fala foi interrompida pela fala do outro; com o aparente intuito de se preservar de alguma forma, ele se utiliza da fala do outro, mas se preocupa em deixar evidente que aquele posicionamento não é seu.

Isso se dá, de forma mais marcada, por meio da utilização de citações, de aspas, de grifos como o itálico, por exemplo, e, de forma menos marcada, por meio da ênfase na fala, da ironia e das imitações, por exemplo, em que o discurso do outro é utilizado, inserido no dizer do locutor para produzir sentido, mas delimitado, ainda que não explicitamente marcado:

Esse modo de “jogo com o outro” no discurso opera no espaço do não explícito, do “semidesvelado” do “sugerido”, mais do que do mostrado e do dito: é desse jogo que tiram sua eficácia retórica muitos discursos irônicos, antífrases, discursos indiretos livres, colocando a presença do outro em evidência tanto mais que é sem o auxílio do “dito” que ela se manifesta: é desse jogo, “no limite”, que vêm o prazer – e os fracassos – da decodificação dessas formas. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18)

Authier-Revuz (2004) traça um caminho que parte das formas nitidamente marcadas, passa pelas formas recuperáveis da alteridade discursiva para chegar à presença do outro em toda parte do discurso. A autora, no entanto, ressalta que na relação entre a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva não há uma delimitação que permita separá-las em algum momento, dado que a heterogeneidade mostrada é concebida como uma negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva:

para a descrição lingüística das formas de heterogeneidade mostrada, a consideração da heterogeneidade constitutiva é, a meu ver, uma ancoragem, necessária, no exterior do lingüístico: e isso não somente para as formas que parecem oscilar facilmente devido às modalidades incertas de seu resgate, mas, fundamentalmente, para as formas mais explícitas, mais intencionais, mais delimitadas da presença do outro no discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.22)

A heterogeneidade mostrada, portanto, não pode ser concebida como um reflexo da heterogeneidade constitutiva, mas como “elemento da *representação* – fantasmática – que o locutor (se) dá de sua enunciação.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.70), uma vez que o sujeito, ao marcar o discurso do outro, acredita conseguir distanciá-lo de seu discurso; ele crê que esse distanciamento é, efetivamente,

estabelecido, o que, de fato, não ocorre, uma vez que o sentido do seu discurso sempre estará ligado ao discurso que ele nega.

É a ilusão de ser a fonte do sentido daquilo que diz que estabelece a principal relação da heterogeneidade mostrada com a heterogeneidade constitutiva, pois, ao delimitar o discurso do outro em sua fala, o sujeito acredita conseguir formar um todo homogêneo com as próprias palavras: “através dessas marcas, *designando o outro localizadamente*, o sujeito empenha-se em *fortalecer o estatuto do um*.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 74). Em outras palavras, o sujeito legitima seu discurso como único ao excluir dele o discurso do outro, acreditando ser isso possível.

Consonante com o trabalho de Authier-Revuz (2004), Maingueneau (2008c) propõe uma reflexão acerca da origem dos discursos e, apoiado nos estudos sobre heterogeneidade constitutiva, apresenta sua principal concepção, denominada de “primado do interdiscurso”, ideia pela qual se entende o discurso como resultado de sua relação com outros discursos.

A noção de interdiscurso é de fundamental relevância para a reflexão acerca da constituição heterogênea do ethos discursivo que se pretende realizar neste trabalho de pesquisa; considera-se que a concepção de interdiscurso, articulada à noção de heterogeneidade discursiva, servirão como base para o estudo das relações discursivas que constituem o ethos que se pretende investigar.

2.3. O Interdiscurso

Maingueneau (2008c) ressalta que estudar essa alteridade constitutiva do discurso significa mais do que analisá-lo em sua relação com outros discursos: significa conceber o discurso como o resultado dessa relação interdiscursiva. O discurso, dessa forma, é heterogêneo em sua constituição e permanece clivado pelas várias formações discursivas que estão na base de seu processo constitutivo.

Com o intuito de caracterizar discursivamente essa alteridade, de acordo com a situação sócio-discursiva, o autor propõe uma tripartição do conceito de interdiscurso em universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo representa um conjunto de formações discursivas de todos os tipos, interagindo em uma dada conjuntura. Por se tratar de um conjunto bastante amplo, não há a possibilidade de se apreender o universo discursivo em

sua totalidade, por isso esse conjunto sofrerá delimitações com o propósito de tornar o trabalho do analista mais viável.

Essas delimitações constituem os campos discursivos, em que formações discursivas de uma mesma função social, mas divergentes em sua maneira de atuação, constituem relações de polêmica, aliança ou neutralidade. O discurso político é um exemplo de campo discursivo – bem como o filosófico, o religioso, etc. – pois apesar de os textos de que dele fazem parte desempenharem uma mesma função social, os posicionamentos dos sujeitos podem diferir no modo de atuação neste campo.

Segundo Maingueneau (2008c), é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso. É da relação de concorrência entre as formações discursivas que o discurso se constitui. Obviamente que não há uma relação homogênea entre as formações discursivas em um campo. Há discursos hegemônicos e há aqueles mais marginais, por esse motivo, os discursos não se formam da mesma maneira, mas são constituídos a partir da relação entre esses vários discursos. Daí seu caráter heterogêneo.

Os espaços discursivos, então, são os recortes que o analista faz, no interior do campo discursivo, relacionando os discursos concorrentes, de acordo com seu propósito de análise. Esse recorte nunca é feito de maneira arbitrária: é necessário um conhecimento prévio que permita levantar hipóteses que serão ou não confirmadas no decorrer do estudo. No interior dos espaços discursivos é possível identificar as relações entre os discursos formados nos campos discursivos. É necessário, no entanto, sublinhar que se tratam de recortes, de maneira que não é possível alcançar todos os outros discursos que se (inter)relacionam, constituindo um determinado discurso.

Maingueneau (2008c) ressalta que, apesar de concordar que um discurso nasce como reação a outro discurso, ambos – o primeiro e o segundo – são atravessados por outros discursos. A noção de interdiscurso concebe que há uma constante relação de troca entre o Mesmo de um discurso e o seu Outro, ou seja, não há a constituição de uma identidade fechada, uma vez que o sentido de um discurso está sempre ligado ao discurso negado:

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se

encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 36-37)

Dessa forma, entende-se que há um jogo dialógico entre o Mesmo e o Outro de um discurso em que o Mesmo nega o Outro. Esse Outro, no entanto, não fala do exterior do discurso do Mesmo, ao contrário, fala de dentro dele. O Outro está intrínseco ao mesmo, como “um eu do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Ele seria, de alguma forma, o *interdito* de um discurso.” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 37).

Não há, portanto, a marcação dessa alteridade. O funcionamento discursivo resulta da interação entre os discursos concorrentes. Cabe ao analista do discurso analisar o Mesmo em relação às formações discursivas que o constituíram, mas também em relação às formações discursivas que constituíram seu Outro – que ele rejeita para construir sua identidade – para alcançar o entendimento de sua constituição.

É importante ressaltar que o Mesmo e o Outro não são discursos totalmente contrários. Se assim fosse, o discurso que surgisse a partir do Mesmo, negando-o, seria correspondente ao Outro de onde esse Mesmo surgiu, o que de fato não ocorre. Os discursos surgem em campos que englobam formações discursivas diferentes e que também sofrem mudanças de acordo com a conjuntura sócio-histórica. A tendência, segundo Maingueneau (2008c), é de que um discurso negue seus dois discursos outros: aquele que o antecedeu, do qual ele se constitui, e aquele que é constituído depois dele a partir de sua negação.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a coexistência desses discursos: o surgimento de um discurso não significa o desaparecimento do discurso do qual emergiu. Os dois discursos podem conviver e manter relações de concorrência, de complementariedade, de aliança etc. Não se pode negar que há um discurso que, dependendo da conjuntura histórica, será mais aceito que o outro e ocupará uma posição hegemônica, isso pode culminar no desaparecimento gradativo do outro, mas esse desaparecimento não pode ser, de modo algum, prenunciado.

Essa relação entre discursos diversos acompanha as mudanças de ordem sócio-histórica pelas quais passam as sociedades, sendo assim, trata-se de um

processo impreciso no sentido de os discursos não terem início, meio e fim determinados. Conforme as demandas de ordem política, econômica, social, ocorrem mudanças ideológicas e, conseqüentemente, se transformam as formações discursivas, e determinados discursos passam a se sobrepor a outros, constituindo, gradativamente, uma nova forma de constituir discursivamente fatos, pessoas, instituições etc.

O objetivo deste trabalho de análise é o de estudar a constituição de um ethos feminino na *Revista Mulher* do jornal *O Liberal*, a partir da análise dos discursos relacionados ao papel social feminino. Reconhece-se que várias mudanças ocorreram em relação às atividades consideradas pertencentes ao universo feminino nas últimas décadas, o que implica em mudanças na maneira de se reconhecer o sujeito mulher.

A hipótese central deste trabalho é a de que discursos pertencentes a duas formações discursivas – que aqui chamar-se-á de “voz conservadora” e “voz contemporânea” – relacionam-se, constituindo um ethos feminino heterogêneo, porque cindido entre dois discursos destacados no espaço discursivo constituído no âmbito desta pesquisa, que revelam um processo de transição das concepções acerca do lugar social ocupado pela mulher.

Com o objetivo de analisar a relação entre esses discursos na constituição deste ethos feminino, serão aproximados os conceitos de ethos discursivo – postulado pelo arcabouço teórico mais recente da Análise do Discurso – e de heterogeneidade constitutiva, postulado que imprimiu ao arcabouço teórico da AD profundas transformações.

A aproximação desses dois conceitos permitirá resgatar a tensão que caracteriza também a constituição de imagens nos/pelos discursos, uma vez que se entende, conforme Maingueneau (2008c), que a interdiscursividade se espraia em todos os planos discursivos de uma semântica global. Ou seja, considerando-se que a interdiscursividade é o princípio de base no qual se fundam os discursos e esse jogo de relações entre discursos é constitutivo dos novos sentidos, entende-se que todos os planos de organização e de funcionamento dos discursos são por ele atravessados.

Desse modo, o propósito deste trabalho é investigar o ethos feminino constituído na *Revista Mulher*, focalizando justamente seu caráter heterogêneo, buscando compreender como são deixadas marcas na materialidade discursiva que

apontam para o processo de tensão interdiscursiva entre uma imagem mais contemporânea que se busca constituir e uma imagem mais conservadora que se busca ultrapassar. Mais do que identificar qual imagem feminina se constitui por meio da prática discursiva jornalística voltada para o público feminino, busca-se entrever os processos constitutivos dessas imagens.

Com o intuito de compreender as questões que permeiam a constituição de discursos acerca dos lugares ocupados pela mulher em sociedade, será traçado, a seguir, um panorama histórico em que serão abordadas as principais mudanças de ordem histórico-social que propiciaram a constituição tanto dos discursos mais conservadores quanto dos mais atuais acerca do papel social feminino.

3. DISCURSOS SOBRE O PAPEL SOCIAL FEMININO

Conforme já abordado no presente trabalho, a partir dos postulados que consideram o discurso heterogêneo em sua constituição, adota-se a concepção de que o ethos, como uma imagem constituída discursivamente, assume esse caráter heterogêneo e permanece clivado pelos discursos que o constituem.

Partindo do pressuposto de que o ethos feminino constituído na *Revista Mulher* do jornal *O Liberal* é atravessado por discursos pertencentes a formações discursivas diversas – uma mais “conservadora” e outra mais “contemporânea” – faz-se importante apresentar um panorama das mudanças historicamente ocorridas em relação às concepções sobre o lugar social ocupado pelas mulheres.

Esse trajeto será pautado em trabalhos que tratam especificamente da história da mulher brasileira. São trabalhos de diferentes áreas de estudo como a linguística e a história, tratando-se, dessa forma, de textos que apresentam diferentes leituras sobre o sujeito mulher.

Pretende-se, dessa forma, situar as condições sócio-históricas que possibilitaram a constituição dos discursos relacionados à mulher, e sua preponderância em um determinado tempo. Adotando o recorte estabelecido para a análise dos dados, será dado maior enfoque às áreas de atuação feminina mais abordadas na revista que serve de corpus a esta pesquisa: o trabalho, a família, o relacionamento e os cuidados com a aparência.

Coracini (2007), ao tratar dos discursos relacionados à mulher brasileira, recorre aos textos do início do século XX. A autora ressalva que, ainda que se arrisque a cometer generalizações, inevitavelmente recorre, em seu trabalho, tanto a pesquisas sociais, quanto a suas observações e experiências pessoais enquanto mulher e professora, relatando que, ainda nos tempos atuais, a sociedade está imersa em discursos concernentes a épocas passadas, apesar de negá-los frequentemente.

A pesquisa sobre a atuação da mulher no mundo do trabalho será pautada principalmente em Rago (2011), que aborda a realidade vivida pelas mulheres operárias, nas primeiras décadas do século XX – início da industrialização brasileira. A autora realiza um estudo sobre as péssimas condições de trabalho feminino nesse período, em que as mulheres precisavam lidar com problemas que variavam desde os baixíssimos salários recebidos, até o constante assédio sexual exercido pelos

seus padrões. Além disso, o texto de Rago (2011) dá acesso ao modo como a mulher trabalhadora era vista socialmente em uma época em que se concebia que o lugar social a ser desempenhado pelas mulheres, prioritariamente, deveria ser o ambiente doméstico.

Pinsky (2011) realiza um estudo acerca dos papéis sociais desempenhados pela mulher dos anos 50. A autora ancora seu estudo na análise dos discursos das revistas femininas da época, dando maior relevância às relações entre as mulheres e o ambiente familiar e conjugal. Relações também estudadas por D'Incao (2011), que enfoca de maneira mais acentuada a sociedade brasileira na passagem do século XIX para o século XX.

O objetivo deste capítulo é compreender alguns fatos históricos relacionados à inserção social da mulher e os discursos que nesses contextos são constituídos, explorando as mudanças ocorridas nas concepções acerca dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres, bem como compreender melhor a relação estabelecida entre os discursos mais conservadores e os mais contemporâneos, que se integram uns aos outros, constituindo o ethos feminino que atualmente se valoriza.

3.1. A trabalhadora

Nas relações entre o gênero masculino e o feminino, uma das mais evidentes distinções parece ocorrer na divisão do trabalho. Enquanto ao homem, exclusivamente, era atribuída a obrigação de garantir o sustento de sua família, à mulher, exclusivamente, era atribuída a obrigação de cuidar do ambiente doméstico. A mulher que trabalha fora, que tem uma carreira profissional, nem sempre foi socialmente aceita.

As concepções acerca do trabalho feminino sofreram várias mudanças no decorrer da história, acompanhando necessidades de ordem política e econômica. O lugar social atribuído hegemonicamente à mulher por muito tempo e que ainda ecoa em discursos dos tempos atuais, no entanto, é o da responsável majoritária pelo ambiente doméstico.

De acordo com Coracini (2007), no início do século XX o crescimento da população nas cidades fez com que o trabalho das mulheres não só fosse aceito, como também incentivado pela sociedade:

[...] a passagem do século XIX para o século XX trouxe novidades: com o desenvolvimento industrial e, como consequência, com a queda da qualidade de vida e uma necessidade mais forte de dinheiro e de aumento do poder aquisitivo da família, a sociedade brasileira começou a aceitar, não sem relutar fortemente, o trabalho da mulher. [...] por um lado, para que a família de classe média pudesse garantir uma melhor qualidade de vida para os filhos; e, por outro, para que os empregadores pudessem contar com uma mão-de-obra responsável, mas menos cara, porque, dizia-se na ocasião, as mulheres eram menos ambiciosas do que os homens e não exigiam altos salários. (CORACINI, 2007, p. 80-81)

O trabalho feminino nesse período justificava-se somente pela necessidade de ajudar, ou mesmo garantir o sustento das famílias. Nas classes mais abastadas da sociedade, o trabalho das mulheres resumia-se a trabalhos voluntários em que elas ensinavam bons modos, a moral e os bons costumes, além de darem orientações sobre higiene – com fins de prevenir doenças contagiosas - às esposas dos funcionários dos maridos.

Quanto aos cargos destinados às mulheres, eram majoritariamente aqueles que não lhes exigiam muita força física ou desempenho intelectual, pois estas características eram atribuídas aos homens. Às mulheres quase sempre eram destinados cargos compatíveis com o que se considerava como suas características biológicas, cargos que exigiam paciência, doçura e expressassem sua vocação à maternidade, sendo assim, as mulheres poderiam atuar como secretárias, enfermeiras ou professoras, por exemplo.

Apesar de trabalharem fora de casa, as mulheres de forma alguma poderiam descuidar-se dos afazeres domésticos e dos cuidados com a família, que sempre seriam prioridade. Além disso, o trabalho não poderia significar sua independência financeira, nem servir para sua satisfação pessoal e sim, unicamente, para beneficiar a família:

As mulheres eram sempre advertidas do perigo moral e, portanto, social do trabalho pago como meio de satisfazer as ambições pessoais ou de se manterem independentes de seus maridos. [...] Quando ousavam dedicar sua vida ao trabalho pago – aliás, pouquíssimo numerosas até os anos 50 – eram malvistas e acabavam morrendo abandonadas pela família e pela sociedade [...].(CORACINI, 2007, p. 83)

De acordo com Rago (2011), nas primeiras décadas do século XX, as mulheres ainda constituíam a grande maioria da força de trabalho nas fábricas, no

entanto foram sendo expulsas pra darem lugar aos homens, principalmente após a primeira guerra mundial, quando os homens voltaram para casa e precisavam voltar ao trabalho nas cidades:

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como “naturalmente masculino”. (RAGO, 2011, p. 582)

Nesse período, o discurso que encorajava as mulheres a procurarem um emprego deu lugar a outro, que enfatizava os perigos que o mundo do trabalho oferecia à honra das mulheres. As fábricas eram consideradas verdadeiros “bordéis”, de onde as mulheres deveriam distanciar-se, uma vez que as trabalhadoras eram vistas como passivas e indefesas, presas fáceis para os abusos cometidos pelos homens.

Se antes, as mulheres eram encorajadas a sair para trabalhar fora, com o objetivo de beneficiar financeiramente a família, nesse momento, em que crescia a industrialização e a urbanização das cidades, o trabalho feminino passou a ser considerado pelas elites como uma ameaça às famílias, já que as crianças cresceriam soltas e sem educação, sem os cuidados constantes da mãe:

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. (RAGO, 2011, p. 588)

Considerava-se que a carreira profissional prejudicaria o desempenho da mulher como esposa e mãe. Os pais desejavam que suas filhas assegurassem seu futuro casando-se com um “bom partido”, a prioridade da mulher deveria ser a de exercer sua vocação natural: ser mãe.

A formação intelectual da mulher desse período somente era bem aceita, se com o objetivo de melhor se portar em sociedade, ao participar de eventos sociais, e de educar melhor os filhos, como pontua Coracini (2007):

No que diz respeito aos estudos, a sociedade foi, aos poucos, permitindo à mulher brasileira freqüentar o secundário (hoje, ensino médio), ou melhor, a escola normal (curso obrigatório para as professoras do ensino primário), para que, mais informadas e mais bem formadas, se tornassem melhores mães e esposas, e, assim, pudessem melhor orientar seus filhos na escola e na vida. (CORACINI, 2007, p. 83-84)

A vida da mulher deveria restringir-se aos interesses da família: o trabalho fora do lar deveria ser realizado somente com o intuito de contribuir para a melhoria da vida da família, os estudos deveriam ter como objetivo melhorar seu desempenho como mãe e esposa e sua circulação fora de casa somente aconteceria para ir à igreja ou para acompanhar o marido.

Mesmo na década de 50, nos chamados “anos dourados”, quando a modernização das cidades avançava, a educação com o objetivo de seguir uma carreira profissional era muito mais valorizada para os homens que para as mulheres. Permanecia como forma de convencer a sociedade a ver com melhores olhos a dedicação da mulher aos estudos, o argumento de que, bem instruída, a mulher poderia portar-se melhor, reger melhor uma casa e educar melhor os filhos.

No entanto, a resistência a essas atividades ainda permanecia. Conforme relata Pinsky (2011), as revistas femininas dos anos 50 desestimulavam as mulheres a prosseguir em seus estudos, alegando que “os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a *mulher culta* tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento” (PINSKY, 2011, P. 626), incentivando, dessa forma, as mulheres a privilegiarem o casamento.

Com o passar dos tempos, um novo contexto político e econômico se constituiu, o que ocasionou mudanças no modo de conceber o trabalho feminino. Coracini (2007) destaca algumas informações sobre a atuação feminina nos mais variados setores profissionais dos dias atuais:

[...] 40% da mão-de-obra brasileira é feminina; há mulheres em todas as profissões: da medicina à aviação (em 1997, oito mulheres pilotavam Boeings, de acordo com a revista *Veja* desse ano), da engenharia civil à química, da economia à física; há mulheres até nos mais altos cargos da vida pública, como deputadas, prefeitas e até governadoras (uma no estado do Maranhão; outra, no do Rio de Janeiro conforme dados coletados em 2000); mulheres executivas, motoristas de táxi e de ônibus e até de caminhões, cobradoras, juízas e delegadas de polícia. (CORACINI, 2007, p. 87).

Hoje, a autora poderia destacar, ainda, as mulheres atuando como árbitras de futebol (ambiente considerado tipicamente masculino) e exercendo o cargo de presidentes de seus países.

Esses avanços, no entanto, não impedem, segundo a autora, que as mulheres tenham que lidar com determinadas dificuldades ainda impostas devido a concepções dos tempos passados. Coracini (2007) ressalta que o preconceito ainda existe em alguns setores e que muitas vezes o discurso de inferioridade é reproduzido pelas próprias mulheres, como o de que as mulheres não são boas motoristas, ou que as mulheres têm o raciocínio menos rápido que os homens.

3.2. A mãe de família

Segundo Rago (2011), nas décadas de 1920 e 1930, foi criada a imagem da “mãe cívica”, aquela responsável por preparar “física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação” (RAGO, 2011, p. 592). Retoma-se o discurso de que a maternidade é a maior vocação feminina e valoriza-se o papel de mãe como uma missão a ser cumprida, de forma a garantir o futuro do país. Esse tipo de discurso demarcava, segundo a autora, as fronteiras entre o público – espaço masculino – e o privado – espaço destinado às mulheres.

Às mulheres foi designada a responsabilidade social de garantir o futuro do país, exercendo sua maior vocação: a de mãe. Somente se a mulher estivesse totalmente concentrada em suas atribuições domésticas, poderia garantir a educação de seus filhos, formando-os como bons cidadãos. A esse respeito, Coracini (2011) afirma:

Diante da propagação das ideias segundo as quais o destino da humanidade – e, portanto, do país – estava nas mãos das mulheres, reforçada pela pouca estima que elas tinham por si próprias fora da educação de seus filhos, não é difícil compreender porque apenas as mais revoltadas, por vezes vistas como um pouco loucas (algumas foram até internadas em hospitais psiquiátricos), poderiam ousar ignorar totalmente a determinação de dedicar seu tempo e sua atenção à família e aos filhos. (CORACINI, 2011, p. 86)

Esse discurso que responsabilizava a mulher pela manutenção da família permaneceu por muito tempo (e ainda permanece). Nos anos 50, o ideal feminino

tecia-se pelas imagens de mãe, esposa e dona de casa. Apesar da modernização das cidades, a moralização das mulheres ainda era muito forte. Pinsky (2011) faz um estudo dos discursos de algumas revistas femininas dessa época, que refletem as diferenças entre os papéis desempenhados por homens e mulheres. Segundo a autora:

Jornal das Moças, Querida, Vida Doméstica, Você, as seções para mulher de O Cruzeiro traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família – branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos –, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. [...] Como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer – a TV ainda era incipiente no país –, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas – e algumas, também promovidas – por essas mulheres. (PINSKY, 2011, p. 609)

De acordo com os ideais dessa época, refletido nas revistas, cabia às mulheres a vida doméstica: a dedicação aos filhos, os afazeres domésticos, o agrado ao marido e o cuidado com sua boa imagem perante a sociedade. Essas tarefas eram explicadas como características naturais do sexo feminino, de maneira que a mulher que não seguisse esses padrões estaria indo de encontro à natureza e ameaçaria a harmonia tanto de sua vida quando de todos à sua volta.

Segundo Pinsky (2011), a realização feminina nessa época só se daria por meio do casamento, pois seria o modo como a mulher poderia exercer todas as suas vocações, em especial, a maior delas: a de mãe. Sendo assim, desde cedo, as meninas eram educadas para serem boas donas de casa, aprendendo a cozinhar, costurar e cuidar da casa. Até mesmo as brincadeiras de criança já sugeriam o padrão de comportamento a ser adotado: os brinquedos das meninas eram as bonecas, que, segundo as ideias da época, lhes afloravam os instintos maternos; já aos meninos eram incentivadas brincadeiras que desenvolvessem principalmente sua força física e seu raciocínio.

O casamento-modelo definia atribuições e direitos distintos para homens e mulheres. Tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram consideradas deveres exclusivamente femininos. Dentro de casa, os homens deveriam ser solicitados apenas para fazer pequenos reparos. Para as revistas da época, as mulheres não têm o direito de questionar a divisão tradicional de papéis e exigir a participação do marido nos serviços do lar – comprometeriam, com essa atitude, o *equilíbrio conjugal*. (PINSKY, 2011, P. 626)

O homem era o chefe da família, quem tomava as decisões que deveriam ser acatadas pelos demais. A autoridade da esposa vinha logo depois da dele, mas sua principal responsabilidade era a de preservar a família de todas as maneiras. Era a esposa quem deveria mediar os conflitos e resolvê-los, ter paciência e impedir que os assuntos domésticos chegassem até o marido, cuja responsabilidade era a de manter o lar. Aliás, a principal característica da esposa deveria ser a de pôr a harmonia da família acima de tudo em sua vida:

A esposa dos anos dourados era valorizada por sua suposta capacidade de indicar *com a luz do seu olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeavam*. Considerá-la a *rainha do lar*, a principal responsável pela felicidade doméstica, significava não somente atribuir-lhe um poder intransferível e significativo sobre a família – com toda a carga que essa tarefa, nem sempre viável, pudesse trazer – mas também reforçava o papel central da família na vida da mulher e, parece claro, sua dependência em relação aos laços conjugais. (PINSKY, 2011, P. 627)

Passado o temor de permanecerem solteiras, após o casamento, o grande medo das mulheres era a separação. Nessa época, a única possibilidade de desfazer um casamento era o desquite – o divórcio só passou a integrar as leis brasileiras na década de setenta – e essa separação não desfazia os vínculos conjugais, portanto, não permitiam novos casamentos. Além disso, de acordo com as leis, em caso de desquite a guarda dos filhos pertencia sempre aos homens.

Associados a esses fatos ainda havia a discriminação da sociedade e o desprezo da família à mulher desquitada, que se via presa ao casamento por questões financeiras ou para não ficar sozinha, longe dos filhos.

Apesar de o divórcio ser considerado uma ameaça às famílias e, portanto, à sociedade, Pinsky (2011) relata que:

[...] a proporção de mulheres que se declararam separadas nos censos demográficos cresceu entre as décadas de quarenta e sessenta. Também tornou-se mais comum a situação de casais de classe média e alta que procuravam levar uma vida normal e legitimar socialmente sua união – algumas vezes até através de contrato formal, casamento no exterior ou *por procuração* – mesmo sem um respaldo legal ou religioso. (PINSKY, 2011, P. 637)

Isso indica que, apesar dos esforços de instituições como a igreja, por exemplo, muitas mulheres optavam pelo desquite e por tentar uma vida nova fora do casamento, enfrentando o preconceito e a discriminação da sociedade em prol de sua luta pela liberdade. Isso já anuncia a constituição de novos ideais, novas concepções, novos discursos relacionados ao comportamento feminino.

3.3. A companheira

As moças dos “anos dourados” eram classificadas, segundo Pinsky (2011), em “moças de família” e “moças levianas”. As primeiras eram aquelas que aparentemente seguiam os padrões morais instituídos pela sociedade; as moças recatadas, que se vestiam de forma comportada e não permitiam “certas liberdades” aos rapazes. Já as “moças levianas” eram aquelas menos pudicas, consideradas namoradeiras e que terminavam por ficarem faladas entre os rapazes.

Pinsky (2011) esclarece que, nos anos 50, o casamento arranjado havia sido praticamente abolido, ao menos nas cidades. Sendo assim, era permitido um contato maior entre as moças e rapazes, o que inspirava, segundo as revistas da época, maiores cuidados por parte das famílias, para preservar a imagem das moças.

A forma de aproximação entre os casais também seguia regras de “bons costumes”. A iniciativa, por exemplo, deveria partir sempre do rapaz, às moças cabia dar sinais sutis de interesse, pois não ficava bem expor demais seus sentimentos e desejos:

Entretanto, como “não casar” significava fracassar socialmente, às moças era permitido utilizar artifícios pouco explícitos para atrair um pretendente: estimular sua vaidade, estar sempre de bom humor, vestir-se como “ele” gosta, ser ao mesmo tempo amável e indiferente, interessar-se pelo seu trabalho ou passatempos, elogiar sua inteligência e mil outras maneiras sutis para conquistá-lo. A garota deveria fazer parecer que a iniciativa vinha do rapaz. (PINSKY, 2011, P. 614)

O comportamento das moças deveria, portanto, seguir os padrões, de maneira que não as prejudicasse na busca por um casamento. A pressão social e, conseqüentemente, familiar para que a mulher se casasse era muito forte, não somente pelo fato de ficar sozinha pelo resto de sua vida, já que relacionamentos

casuais não seriam aceitos, mas também pelo fato de que, se não conseguisse um marido para lhe sustentar, a mulher continuaria sendo sustentada pelo pai, o que era considerado um peso para a família.

Depois de casada, a mulher deveria adotar um padrão de comportamento adequado à sua nova condição. Diante da sociedade, a esposa deveria preservar a imagem de seu marido, evitando tecer comentários que pudessem comprometer sua imagem de homem responsável e bem-sucedido.

Além disso, a boa reputação da mulher também refletia uma boa imagem da família. A mulher casada, então, deveria mudar seu comportamento, evitando expor-se demais à vida pública e, principalmente, evitar contato com outros homens, para evitar desconfianças e ciúmes por parte de seu marido, além de comentários por parte da sociedade, que pudessem “manchar sua honra”.

As revistas femininas dos anos 50 publicavam vários conselhos de como as mulheres casadas deveriam portar-se, com fins de manter uma boa vida a conjugal:

Ser econômica, administrar bem o orçamento doméstico e não discutir com o marido por questões de dinheiro eram tidas como posturas fundamentais para evitar desentendimentos no lar. Aliás, qualquer tipo de discussão era desaconselhado. A *companheira perfeita* acompanha seu esposo, integra-se em sua existência, dedica-se ao bem-estar do marido e evita discordar de suas opiniões. A boa *companheira*, por definição é a que procura sempre agradar o marido, ou seja, a mulher que é sempre, do ponto de vista do homem, uma boa companhia. (PINSKY, 2011, P. 628)

Segundo a autora, as revistas ensinavam que a mulher não deveria discutir com seu marido sob hipótese alguma, nem perturbá-lo com queixas, ciúmes, cobranças, futilidades etc. – comportamentos considerados tipicamente femininos. Além disso, a mulher deveria se esmerar em dar a máxima atenção ao seu marido, fazer suas vontades, garantindo sua felicidade, sem medir sacrifícios para tanto.

Não é difícil imaginar que, devido aos costumes da época, pouco se falava sobre as relações sexuais, ainda que para as mulheres casadas. As menções a esse tema se davam de forma bastante sutil, mas ainda assim se pode perceber por meio do discurso das revistas que a atividade sexual, ao menos para a mulher, não deveria ter outro objetivo que não a procriação:

Os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em realidade a ser enfrentada, missão a ser

cumprida – a maternidade, necessidades do casamento, obrigações conjugais. As palavras “sexo”, “relações sexuais”, “virgindade” e “educação sexual” praticamente não apareciam nas revistas para mulheres. *Querida*, a revista feminina mais ousada da época, chegou a falar em “relações físicas”, enquanto as outras só se exprimiam por subterfúgios, tais como *familiaridades, intimidades, liberdades, aventuras.*” (PINSKY, 2011, P. 620)

As relações sexuais eram tratadas como uma obrigação, um dever a ser cumprido. Nas relações conjugais, ao que parece, o que mais deveria interessar à mulher eram os afazeres domésticos, conforme Pinsky (2011) deduz:

Afinidade sexual parece ter sido um fator menos importante no ideal da felicidade conjugal. A esposa ideal era aquela que antes de tudo o complemento do marido no cotidiano doméstico, o bom desempenho erótico da mulher casada não fazia parte das expectativas sociais. A ênfase dada às prendas domésticas, por exemplo, contrasta com a escassez de comentários a respeito do sexo matrimonial nas revistas. (PINSKY, 2011, P. 632)

Quanto aos casos extraconjugais, quando tratados nas revistas, geralmente faziam referência à infidelidade masculina, sempre aconselhando a mulher a relevar e entender que fazia parte da natureza dos homens esse tipo de atitude. O importante, segundo as revistas, era que o homem sempre voltava para casa, para a esposa, uma vez que os casos não significavam nada importante para os homens. À mulher caberia entender e dar ainda mais atenção ao marido infiel, para não correr o risco de perdê-lo.

A infidelidade feminina era explicada sob o discurso de que as mulheres, por serem sonhadoras e fracas, seriam facilmente seduzidas e enganadas:

A infidelidade feminina não era um tema muito comum nas revistas dos anos 50. Como uma possibilidade remota, ela aparecia explicada, nunca justificada, principalmente pela facilidade de muitas mulheres de alimentar fantasias românticas ou deixarem-se seduzir por galãs irresponsáveis. Em segundo lugar, menos mencionado, vinha o motivo da decepção da esposa para com a vida matrimonial, a falta de carinho ou as infidelidades do marido. Em todos os casos, as mulheres eram aconselhadas a controlarem suas frustrações, fugirem das tentações e, dominando seus impulsos, manterem-se fiéis aos maridos, mesmo que eles não agissem do mesmo modo. O remorso, a vergonha moral e os riscos de perder o marido, os filhos e o respeito social não compensariam o prazer enganoso e fortuito da aventura extraconjugal. (PINSKY, 2011, p. 634-635)

É importante lembrar que as leis eram muito severas à infidelidade feminina, permitindo até mesmo os assassinatos, como forma de o homem “lavar com sangue sua honra”.

Apesar de toda a pressão social, não se pode afirmar que todas as mulheres eram totalmente passivas a essa condição impostas pelos padrões sociais da época. Segundo a autora, por meio das respostas dadas a cartas de leitoras, pode-se perceber a insatisfação conjugal, a infelicidade de muitas mulheres, que até mesmo desaconselhavam as filhas a se casarem, temendo que elas tivessem a mesma vida infeliz que tinham.

3.4. A mulher que se cuida

A vida da mulher da primeira metade do século XX, como se pôde perceber, girava em torno de seu ambiente familiar: sua casa, seu marido e seus filhos. Sua realização pessoal – se assim se pode considerar – se dava por meio do sucesso de seu marido, da boa criação de seus filhos e de manter um lar harmonioso.

O cuidado com a própria aparência também era justificado como um agrado ao marido ou uma forma de demonstrar para a sociedade o sucesso do homem. Os vestidos, os acessórios, a vaidade feminina como um todo também estava associada ao parecer bem para ou por seu marido e sua família:

Era importante também que a esposa cuidasse de sua *aparência*. Embelezar-se para o marido era uma obrigação da boa esposa e fazia parte da receita para manter o casamento. (PINSKY, 2011, P. 628)

Esse discurso, segundo Coracini (2007), sobrevive ao tempo e às mudanças ocorridas em relação ao papel feminino. A diferença entre as necessidades e privilégios ainda é bastante marcada, mesmo quando o assunto é a aparência física:

As mulheres devem ser sempre belas, elegantes, fazer ginástica, para não correr o risco de perder seu marido; devem também estar sempre à disposição, mesmo depois de um dia enfadonho de trabalho. Em compensação, o homem não precisa ser bonito: ele pode ser barrigudo e até mesmo careca e feio e terá sempre uma mulher ao seu lado... (CORACINI, 2007, P. 92)

Apesar de, como ressalva a autora, suas afirmações serem pautadas mais em impressões, em observações cotidianas, elas refletem de algum modo um discurso ainda vigente sobre a necessidade de a mulher manter-se bela não para si, mas para a sociedade, com o objetivo de agradar aos outros, especialmente aos homens.

O que Coracini (2007) ressalta em seus posicionamentos é que, ainda hoje, as mulheres vivem em conflito em um novo mundo que se mostra à sua volta, no qual o espaço feminino foi conquistado, existe uma valoração em relação ao lugar social ocupado pela mulher equiparado ao do homem, mas onde, em determinados momentos, ainda ecoam vozes de discursos hegemônicos em tempos passados que determinam a forma como a mulher enxerga a si mesma em relação ao mundo e a forma como o mundo enxerga a mulher:

Também é verdade que o discurso sexista e as atitudes da mulher das primeiras décadas do século XX ainda assombram nos nossos dias o imaginário de grande parte das mulheres brasileiras e constituem suas práticas e seus discursos, bem como seu inconsciente, como vozes que se cruzam e se confundem com os desejos e os esforços de independência, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista emocional e sexual, denunciando também desejos de dependência, de serem vistas como vítimas, sofredoras, de serem subordinadas a um homem gentil, cavalheiro, protetor, pronto a satisfazer o seu menor desejo, alguém que lhes abra a porta do carro e a feche, em seguida. (CORACINI, 2007, p. 88)

Esse conflito é atestado pela autora por meio de vários exemplos de comportamentos adotados pela mulher contemporânea, como o fato de que, ainda que tenha uma profissão, ainda que sustente financeiramente seu lar, os assuntos domésticos ainda sejam considerados de responsabilidade feminina. A mulher assume para si essa responsabilidade com naturalidade, como algo instituído historicamente.

Outro exemplo relatado pela autora é o fato de que, ainda que não sigam uma carreira profissional somente por necessidade, mas também para sua satisfação pessoal, muitas mulheres aceitam receber um salário menor do que os homens ao desempenhar a mesma função que eles. Da mesma maneira, a autora cita a questão da profissão de professora, vista já nos anos 70 – quando já havia sindicato – como sacerdócio, como desempenho dos instintos maternos, o que explicava os baixíssimos salários, o que pouco era questionado pelas mulheres da época.

De acordo com Coracini (2007), os discursos de tempos antigos constituem ainda hoje um imaginário que concebe a mulher como um ser secundário, um ser frágil, uma vítima; alguém que necessita de proteção de um homem e da lei, para garantir seus direitos. Por questões financeiras ou emocionais, por exemplo, muitas mulheres ainda sofrem violência doméstica e não denunciam o companheiro, aceitando, dessa maneira, uma condição comum em uma época passada.

3. O RECONHECIMENTO DE UM ETHOS FEMININO NA “REVISTA MULHER”: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A escolha da *Revista Mulher* como corpus de análise para este trabalho se justifica por refletir e refratar em suas matérias os posicionamentos discursivos da comunidade discursiva em que o jornal do qual ela é parte circula. Sendo a revista direcionada ao público feminino, suas matérias dão acesso a discursos relacionados aos papéis desempenhados pela mulher em sociedade.

A prática discursiva de publicações de revistas femininas existe há pelo menos quatro séculos, de acordo com Buitoni (2009). A autora cita como evidência um estudo publicado em 1969, pelo órgão do secretariado geral do governo francês, *La Documentation Française*, que considera o *Lady's Mercury*, editado na Grã-Bretanha em fevereiro de 1693, como o primeiro periódico direcionado ao público feminino. Seu tema principal era o consultório sentimental em que uma correspondente narra uma experiência amorosa.

Na França, segundo a autora, o primeiro periódico teria surgido em 1758 – o *Courrier de La Nouveauté, Feuille Hebdomadaire à l'Usage des Dames* (Correio da Novidade, Folha semanal para uso de Damas). O periódico que circulou por mais tempo naquele país foi o *Le journal des Dames* (1759-1778), cuja única abordagem, inicialmente, consistia em textos literários, passando a abordar outros assuntos a partir de 1774. De acordo com Buitoni (2009) “os precursores da imprensa feminina francesa foram os almanaques que continham conselhos de economia doméstica e de medicina caseira, fato que aconteceu também em outros países”. (BUITONI, 2009, p. 30).

No decorrer do século XVIII a imprensa feminina se desenvolveu pela Europa, sendo os principais periódicos o alemão *Akademie der Grazien* (1774-1780) e os italianos *Toilette* (1770), *Biblioteca Galante* (1775) e *Giornale delle Donne* (1781). Já no século XIX, a imprensa direcionada às mulheres avançou para os Estados Unidos – *American Magazine/s.d.* e *Ladie's Magazine/1828*, sendo este último o mais conhecido, de acordo com Buitoni (2009). *Ladie's Magazine* era assinado por Sara Hale, feminista que defendia os direitos das mulheres à educação, mas se mantinha distante de assuntos ligados à política. Ela defendia que os demais direitos femininos viriam por acréscimo.

Buitoni (2009) esclarece que a imprensa brasileira teve seu início com a chegada da corte portuguesa ao Brasil. Nesse início, relata a autora, as referências à mulher nos jornais resumiam-se a escassos comentários acerca de aspectos

relacionados à moda, por exemplo. Isso porque a atuação feminina em sociedade, no período colonial, era quase que exclusivamente dedicada ao ambiente doméstico.

Com o desenvolvimento dos centros urbanos e a passagem da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, houve uma mudança significativa em relação à forma de atuação social das mulheres:

O Rio estava deixando seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dentro deste contexto, a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na corte. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui, de jornais e revistas que reproduziam gravuras de moda. (BUIIONI, 2009, p. 31)

A moda parece ser o assunto mais recorrente nas revistas femininas desde sua origem até a contemporaneidade. A imprensa feminina dessa época consistia, segundo a autora, em moda e literatura.

Considera-se que o primeiro periódico brasileiro direcionado ao público feminino tenha sido *O Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas- artes, teatro e modas*. Buitoni (2009) ressalta que apesar de as documentações estudadas não especificarem o tipo de público a que o periódico era direcionado, o fato de haver uma seção sobre moda permite que se deduza que ao menos essa seção era feminina. O *Correio das Modas* (1839-1841) é considerado a segunda revista feminina de modas do Rio de Janeiro, cujos principais temas eram a moda, a literatura, os bailes e os teatros.

As temáticas abordadas nas revistas femininas, como se pode perceber, acompanhavam a atuação da mulher da época. Conforme já abordado no capítulo anterior, além dos cuidados com a família e o lar, fazia parte das responsabilidades das mulheres do século XIX, acompanhar seus maridos aos eventos sociais, demonstrando, por meio de sua indumentária, a posição social, o sucesso profissional de seus companheiros.

As revistas femininas brasileiras, de modo geral, abordavam os mesmos temas: a moda, a literatura e variedades que incluíam entretenimentos, como as charadas e conselhos de comportamentos. *O Espelho das Brasileiras* (1831), publicado em Recife, se propunha, por exemplo, a instruir as senhoras a

desenvolverem seus talentos domésticos e a inspirar o amor na execução de seus deveres de mulher.

O público a que as revistas se direcionavam era constantemente referido nos títulos das revistas: *A Violeta*, *O Recreio das Bellas*, *O Brinco das Damas*, *A Grinalda*, *A Freira*, *O Bello Sexo*, *Jornal das Senhoras*, *Jornal das Famílias* etc. Recorria-se frequentemente a nomes femininos (nomes de flores ou de pedras preciosas) ou ao lugar de atuação feminina. Essa prática parece exercer influência nas revistas femininas contemporâneas, como *Cláudia*, *Nova*, *Ana Maria* e a própria *Revista Mulher*.

Reconhece-se que houve mudanças significativas em relação à maneira como se concebe o lugar social ocupado pelas mulheres atualmente e essas mudanças podem ser reconhecidas nas páginas das revistas femininas. No entanto, esse processo de transformação da sociedade e, conseqüentemente, dos discursos não se dá de maneira abrupta como se um discurso desaparecesse totalmente para dar lugar a outro; as mudanças nas determinações ideológicas que estão na base do processo de constituição dos discursos se dão por meio de um processo que pode ser bastante demorado.

Sendo assim, a mulher contemporânea parece se constituir como sujeito, imersa em formações ideológicas constituídas na contemporaneidade acerca dos papéis que deve desempenhar em sociedade, mas ainda atravessada por formações ideológicas mais conservadoras. A organização das temáticas que compõem a *Revista Mulher* serve como exemplo desse atravessamento.

Objetivando identificar e analisar a constituição de um ethos feminino na *Revista Mulher* do jornal *O Liberal*, a partir do funcionamento discursivo de suas matérias, parte-se da concepção de que, mesmo em textos cuja aparente proposta é a de apenas prestar informações úteis a um determinado público, existem estratégias que visam à aceitação de um determinado perfil de sujeito por parte dos leitores.

Para alcançar tal objetivo, foram selecionados exemplares da *Revista Mulher* publicados entre agosto de 2008 e dezembro de 2011, em que são analisados aspectos como: a organização das seções da revista, o conteúdo de suas matérias, as imagens publicadas, o perfil de mulher escolhido nas entrevistas e a distribuição dos anúncios publicitários em suas páginas.

3.1. Características gerais da *Revista Mulher*

A *Revista Mulher* é publicada aos domingos no jornal *O Liberal* e se propõe a abordar assuntos considerados pertencentes ao universo feminino. A edição da revista é assinada por um homem – até junho de 2009, pelo jornalista Luis Carlos Santos e, desde então, pelos jornalistas Mauro Neto e Rodolfo Souza – mas a maior parte das colunas é assinada por mulheres, como a seção “Outras palavras”, assinada pela Doutora em Letras Amarílis Tupiassu, a seção “Bons Modos”, assinada pela jornalista Felícia Assmar Maia, e a seção de cartas “Mandala”, assinada pela esotérica Suely Cals. É uma revista colorida, com muitas imagens para ilustrar seu conteúdo e que utiliza uma linguagem pouco formal, sempre interpelando a leitora acerca do assunto debatido. A primeira pessoa do plural, por exemplo, é frequentemente utilizada na redação das matérias, em enunciados como:

“Por mais inteligentes, evoluídas, modernas e independentes que as mulheres possam ser, quando entramos num relacionamento esperamos alguma coisa no nosso companheiro.”

(Revista Mulher, 18/04/2010, p. 08) (ANEXO B)

Tanto o uso da linguagem menos formal quanto a utilização da primeira pessoa do plural estabelecem uma proximidade maior entre quem escreve a matéria e quem a lê. A “Revista Mulher” parece chamar a leitora para dentro da revista, de maneira a debater um determinado assunto.

Isso se evidencia por meio da utilização, na maioria das matérias, de depoimentos de mulheres acerca do assunto que está sendo desenvolvido. Dessa forma, é instaurada uma relação de proximidade com o público, passando a impressão de que a leitora também fala de dentro da revista, de forma a se estabelecer uma conversa entre mulheres:

“Numa rápida e despreziosa pesquisa, descobrimos que, nesses momentos de fúria de consumo, as mulheres preferem as roupas. Além de suprirem a necessidade de se dar um presente, elas ainda embelezam e ajudam a dar um empurrãozinho na autoestima. ‘Não posso ir ao shopping se estou um pouquinho mais pra baixo! Meu cartão de crédito chega a ficar cansado! Eu saio sempre com alguma roupa. Me dá

uma felicidade, mesmo que momentânea, aquela compra, ter aquela peça nova, fora que eu fico me sentindo mais bonita, poderosa, inabalável. Depois, quando chega a conta, eu me resolvo' garante a relações públicas Laura Nabuco”.

(Revista Mulher, 10/08/2008, p. 06) (ANEXO C)

Por ser uma revista semanal e tratar de diversas temáticas relacionadas ao universo feminino, a *Revista Mulher* serve como uma vitrine para empresas que prestam serviços voltados para esse público: há vários anúncios publicitários distribuídos em suas páginas, e essa organização geralmente se dá de acordo com o tema que está sendo desenvolvido. É comum, por exemplo, nas seções que tratam sobre beleza, constarem anúncios de clínicas de estética ou de cirurgias plásticas.

Dessa forma, mais do que refletir as aspirações das leitoras em suas páginas, a revista cria novas aspirações em seu público, uma vez que o discurso da revista pode gerar o desejo de fazer parte do mundo ético revelado. A distribuição de anúncios publicitários no interior da revista, dessa forma, serviria como um direcionamento ao público de que atitudes tomar para fazer parte desse mundo ético.

O ethos construído teria por finalidade chamar a atenção das leitoras, buscando a incorporação do público, e essa incorporação se daria por meio da adoção de atitudes que levariam à construção de uma identidade. O ethos da mulher moderna seria, então, um modelo a ser seguido e as leitoras passariam a interagir com o fiador desse discurso, inserindo-se no mundo ético construído na revista.

Dessa forma, o público alvo da revista seriam aquelas mulheres cujas aspirações já não são apenas cuidar da casa, do marido e dos filhos, mas que, além disso, desejam cuidar de si, de sua vida profissional, de seu bem-estar. Visando a essa identificação por parte das leitoras, a organização da revista é planejada de forma a reunir todos os aspectos que caracterizam essa mulher.

3.2.A organização da revista

Por meio da análise do conteúdo das matérias, pode-se depreender que as temáticas selecionadas como pertencentes ao universo feminino refletem uma determinada concepção daquilo que seria constitutivo do universo feminino. Essa

concepção não parece se afastar totalmente daquelas mais antigas acerca dos papéis desempenhados pelas mulheres. Por meio da análise do conteúdo da *Revista Mulher*, pode-se constatar que, no período que está compreendido o corpus selecionado para análise, há oito seções que se mantiveram fixas. São elas:

- a) *Outras palavras*: seção de crônica, assinada pela Doutora em Letras, Amarílis Tupiassu, na qual a autora geralmente aborda algum assunto relevante à sociedade paraense.
- b) *Mulher na Rede*: seção que a partir de março de 2010 passou a chamar-se *Mulher na Web* e na qual são sugeridos sites que tratam de variados assuntos considerados pertencentes ao universo feminino, como: moda, saúde, estética, nutrição, decoração, cuidados com os filhos etc. Também são sugeridos, com frequência, nesta seção endereços virtuais de outras revistas femininas que abordam as mesmas temáticas.
- c) *Bons Modos*: seção assinada pela jornalista Felícia Assmar Maia, que se propõe a instruir as mulheres no que confere à sua maneira de apresentar-se e comportar-se em sociedade. São sugeridas posturas a serem assumidas no trabalho e na vida social. Também são apresentadas dicas sobre como educar os filhos para o convívio social, como receber visitas, como acomodar hóspedes em casa etc. O principal assunto abordado nesta seção, no entanto, é a moda: como vestir-se, o que é considerado tendência, como combinar acessórios com roupas etc.
- d) *Muito prazer*: seção de culinária da revista, em que são publicadas receitas de pratos, geralmente, com ingredientes típicos da região Norte.
- e) *Pet Liberal*: seção em que são publicadas matérias sobre os cuidados que se deve ter com o animal de estimação, informações sobre as especificidades de cada raça etc. Há também anúncios de animais disponíveis para a adoção.
- f) *Nutrição*: seção em que são publicadas dicas de alimentação saudável, abordando os benefícios que cada alimento proporciona.
- g) *Mandala*: seção em que a esotérica Suely Cals responde a cartas de mulheres que lhe solicitam conselhos e informações ligados ao

esoterismo. As questões expostas pelas mulheres, em sua maioria, estão relacionadas a assuntos de cunho amoroso ou financeiro. São solicitadas, por exemplo, informações acerca de rituais para o alcance da prosperidade na vida amorosa e/ou na vida profissional. Há um grande número de cartas publicadas em que as mulheres agradecem por alguma previsão que se concretizou.

- h) *Destino*: seção em que o astrólogo Rui Paiva faz prognósticos de acontecimentos, baseado nas influências que, de acordo com a astrologia, os signos operam nas vidas das pessoas.

Como se pode observar, por meio das seções que se mantiveram ao longo das edições da *Revista Mulher*, os assuntos relacionados à vida doméstica das mulheres, como a culinária e os cuidados com os animais de estimação, são bastante recorrentes na revista. Uma das temáticas abordadas com mais frequência na revista é a moda, assim como já ocorria nos primeiros periódicos direcionados ao público feminino. Há ainda a prática semelhante àquela das revistas mais antigas, de ensinar as mulheres a se comportarem em sociedade, como na seção *Bons Modos*, em que são publicadas dicas de bom comportamento em diversas situações cotidianas.

A seção de crônica *Outras palavras* pode apontar para uma concepção de mulher mais politizada, mais crítica, assim como a seção *Mulher na Web* demonstra a afinidade da mulher contemporânea com as novas tecnologias. Pode-se entrever, portanto, por meio da organização da revista e das temáticas abordadas, um entrecruzamento de discursos ligados a concepções mais conservadoras e mais contemporâneas acerca do lugar social ocupado pelas mulheres.

As outras seções que constituem a revista são organizadas de acordo com as temáticas que se pretende abordar. As mais constantes na revista são aquelas ligadas à relação da mulher com sua família, com seu ambiente profissional, com seu relacionamento amoroso e com os cuidados com sua saúde e sua beleza estética.

Até junho de 2009, uma das principais seções da *Revista Mulher* era a seção de entrevistas *Saia-justa*. Era a foto da entrevistada da semana que estampava a capa da revista e o perfil das mulheres entrevistadas era constituído por características que convergiam com a construção da imagem de mulher moderna

pretendida na revista. Uma das principais características das entrevistadas, por exemplo, era a agregação de várias funções desempenhadas socialmente, ocupando, a carreira profissional, lugar de destaque entre essas funções.

No ano de 2009 a revista passou por algumas modificações – certamente ocasionada pela mudança de seu editor - dentre as quais a retirada da seção *Saia-justa*. A capa da revista passou a apresentar assuntos variados (relacionamento amoroso, família, nutrição, saúde, sexo etc.) a serem discutidos na nova seção de destaque na revista: a seção *Capa*. Nessa seção, assim como na maioria das demais, continuaram sendo apresentados depoimentos de mulheres entrevistadas para elucidar o assunto tratado. O gênero entrevista em sua forma mais tradicional – constituído pela apresentação de perguntas e respostas diretas – só voltou a constituir a revista já em 2011, na seção *Por Inteiro*, que em nada se assemelha à seção *Saia-justa*.

Na antiga seção de entrevistas, as temáticas das perguntas eram assuntos acerca dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres contemporâneas: seu desempenho como mães, esposas, amigas e, principalmente, profissionais. Essa seção parecia apresentar um modelo de mulher às suas leitoras. Em sua maioria, eram entrevistadas mulheres que já fossem mães, casadas ou divorciadas, e bem-sucedidas em suas carreiras profissionais. As entrevistadas da seção *Saia-Justa* tinham, em sua maioria, entre 30 e 40 anos de idade.

A seção *Por inteiro* apresenta o perfil de sua entrevistada. São feitas sempre as mesmas perguntas, que dizem respeito às preferências das entrevistadas – filmes, artistas, lugares etc. – suas atividades e seus desejos/sonhos. As perguntas e as respostas são bastante breves. As mulheres que participam dessa seção têm idades entre 20 e 25 anos. Essa faixa etária era pouco presente na *Revista Mulher* até a inserção dessa seção. A revista parecia se constituir por um perfil feminino mais maduro, ou mais experiente, em que se privilegiava as mulheres acima dos 25 anos de idade nas entrevistas. Essa inserção de um público mais jovem pode ser atribuído ao interesse do jornal por ampliar seu público leitor.

3.3. O ethos feminino constituído na *Revista Mulher*

A composição da revista e a forma de abordagem das temáticas constituem uma imagem de mulher: a imagem da leitora que se pretende alcançar. Afinal, para

conseguir a adesão de público, a revista conteúdo que satisfaça necessidades desse seus interesses, uma garantir a vendagem do Para tanto, essa construída precisa com as leitoras, de que a revista valores e anseios e pode lhes prestar informações que lhes ajudarão a lidar com seus desafios cotidianos.



um determinado precisa apresentar um – e/ou produza – as público, alcançando vez que seu objetivo é jornal de que é parte. imagem de mulher gerar uma identificação forma a persuadi-las de compartilha de seus

O ethos feminino é constituído na *Revista Mulher* por meio de uma série de concepções acerca do público da revista, uma vez que suas matérias são elaboradas de forma a buscar a incorporação de seu público ao mundo ético constituído por meio dessa prática discursiva.

Por meio da análise dos conteúdos da revista é possível depreender que revela-se um novo perfil feminino, em que há a tentativa de substituir a imagem submissa e dependente, considerado o padrão da sociedade patriarcal instaurada em uma época passada, por uma imagem de mulher emancipada, com valores e aspirações diferentes, visando ao alcance de um público que se supõe compartilhar desses mesmos ideais.

A análise das formas de abordagem dos assuntos nas matérias permitiu verificar a construção de um mundo ético de “mulher moderna”. Desse mundo ético seriam constitutivas as várias funções sociais que a mulher contemporânea precisa desempenhar: a função de mãe, de esposa, de amiga, de profissional e de mulher – a mulher que cuida de si. Trata-se da mulher forte, determinada, que é respeitada e admirada pela sociedade, por conseguir desempenhar com eficiência as várias funções sociais acumuladas no dia-a-dia; a mulher que sempre mantém o bom-humor diante das adversidades e nunca descuida de sua saúde e de sua beleza. A imagem, a seguir, elucida de forma bastante satisfatória a constituição desse mundo ético na revista:

Figura 02 – Revista Mulher
Fonte: Revista Mulher (01/02/2009, p. 04)
(ANEXO A)

O depoimento que legenda a foto (*Trabalho mais de dez horas por dia e ainda tenho tempo para estudar com os filhos e encontrar os amigos*) evidencia ainda mais tal mundo ético, revelando uma mulher bem sucedida, que consegue conciliar todas as tarefas a que se propõe. Ela nunca se cansa ou reclama por ter que dar conta de tantas responsabilidades, sempre consegue tempo para se divertir e, apesar de tantos compromissos, consegue manter-se sempre bonita e bem-humorada, como se pode constatar por meio da fotografia.

Essa construção não só reflete uma concepção sobre os papéis sociais desempenhados pela mulher contemporânea, mas também visa à incorporação das leitoras da revista, que passam a identificar-se – ou a desejar identificar-se – com essa imagem de mulher, se inserindo no mundo ético de mulher moderna, sendo interpeladas a tomar determinadas atitudes, pois se pressupõe que se a mulher que fala naquele depoimento consegue dar conta de todas essas atividades, sem descuidar de si mesma, qualquer outra mulher também seria – ou deveria ser – capaz de tal feito.

O discurso constituído nas matérias da revista permite depreender que não se deixou de atribuir certos papéis sociais à mulher, mas junto aos papéis historicamente atribuídos foram agregados outros, exigidos pelo atual contexto histórico e social como, por exemplo, a de única mantenedora do lar.

Essas considerações permitem refletir sobre as mudanças sociais, históricas e, principalmente, ideológicas às quais se tem acesso por meio do discurso. Um exemplo seria o fato de que, no passado, muitas mulheres já agregavam diversos

papéis sociais, como o de mãe e de profissional, por exemplo, mas essa conjunção de papéis não era prestigiada da mesma maneira como é atualmente.

É constituída, então, uma nova imagem feminina em oposição à imagem de mulher submissa e dependente, de tempos passados. O discurso conservador, no entanto, ainda atravessa o discurso mais contemporâneo sobre a mulher nessa constituição. Dessa forma, seria o ethos feminino constituído na *Revista Mulher*, heterogêneo, por se tratar de uma imagem atravessada por discursos pertencentes a formações discursivas diversas. De acordo com essa concepção, o discurso patriarcal não foi totalmente dissipado para dar espaço ao discurso da emancipação feminina, uma vez que ambos os discursos parecem ainda conviver e constituir o ethos feminino da mulher contemporânea. A mudança ocorrida parece ter-se dado em relação à ordem de hegemonia desses discursos, afinal, o contexto histórico-político-social mudou e o papel feminino em sociedade, certamente, acompanhou essas mudanças.

3.4. A cena enunciativa da revista

A cena enunciativa que o discurso da revista constitui é o lugar de enunciação que irá determinar os posicionamentos discursivos adotados, por esse motivo faz-se necessário situá-la, para que se tenha uma melhor compreensão do modo de constituição do ethos feminino na revista.

Sendo a *Revista Mulher* publicada em um jornal, sua cena englobante, ou seja, o tipo de discurso característico dessa prática discursiva é o discurso jornalístico. Assim, suas matérias são organizadas de forma a seguir o padrão adotado pelo jornal na constituição das suas demais seções. Supõe-se, portanto, que a preocupação com a credibilidade da informação e com a qualidade da impressão segue o mesmo rigor do jornal como um todo.

Além disso, como já mencionado anteriormente, o discurso jornalístico, apesar de focar-se em informações acerca de fatos ocorridos, reflete – ao mesmo tempo em que constitui – os posicionamentos da sociedade em que circula, uma vez que a imparcialidade, tão defendida pelos jornais como requisito de credibilidade, trata-se de mera ilusão, visto que todo texto reflete e refrata as determinações ideológicas próprias do lugar onde são produzidos. Da organização do jornal, ao

modo de abordagem dos assuntos, tudo revela um determinado posicionamento assumido.

Por meio de sua organização, pode-se conceber, por exemplo, que o jornal de domingo é mais voltado para a família, uma vez que é o único dia da semana em que há um caderno especial para cada possível integrante: um caderno para crianças (*O Liberalzinho*), um para o público mais jovem (*Tropo*), um mais voltado para o público masculino (*Auto & Cia*), e um para as mulheres (*Revista Mulher*). Pode-se inferir, então, que o público de domingo é diferenciado. É o dia da semana em que os leitores teriam mais disponibilidade para ler o jornal e, entre esses leitores, estariam as mulheres.

Também por meio dessa composição do jornal de domingo, revela-se uma imagem de família concebida: a família constituída por um pai, uma mãe e um ou mais filhos (crianças e jovens), em que cada integrante exerceria um papel particular.

Quanto à cena genérica, há uma grande diversidade, uma vez que o jornal é um suporte para vários gêneros do discurso. Na *Revista Mulher* há uma grande variedade de gêneros discursivos – carta, receita culinária, entrevista, colunas – que dão suporte a uma determinada cenografia, que se constitui de acordo com o objetivo que a matéria pretende alcançar.

Os gêneros do discurso escolhidos na constituição da revista, bem como as temáticas definidas, consideram uma imagem prévia do público feminino. Não são recorrentes nas temáticas, por exemplo, assuntos como esportes, carros, economia ou política. Pode-se pressupor, então, que a imagem constituída na revista é a de mulheres que não se ocupam desses assuntos, ou se ocupam em maior grau de assuntos relacionados à família, saúde, relacionamentos ou culinária, por exemplo.

A seção *Pet Liberal*, por exemplo, que aborda assuntos relacionados a animais de estimação (cuidados com os animais, informações sobre os comportamentos de cada espécie e raças, anúncios de clínicas veterinárias e de animais que estão disponíveis para adoção etc.) não por acaso é publicada na *Revista Mulher*. Chama a atenção o fato de o nome dado à seção ter em sua composição o nome do jornal – o que sugere que se trata do único lugar em que esse assunto será tratado – e ser publicada na revista direcionada ao público feminino. Pode-se depreender, dessa forma, que à mulher também é atribuída a

decisão de adotar ou não um animal doméstico ou a responsabilidade e os cuidados com esses animais.

Pode-se conceber, portanto, que a seleção das temáticas se dá de acordo com os interesses tradicionalmente atribuídos ao universo feminino. Sendo assim, a composição da *Revista Mulher* já aponta para uma heterogeneidade na constituição da imagem feminina, pois apesar de as matérias serem elaboradas de forma a construir um ethos de mulher independente, emancipada, a escolha dos temas revela indícios de um ethos de mulher tradicional, cujas ocupações são os cuidados com os filhos, o marido, a casa, ou seja, o ambiente doméstico.

O posicionamento assumido nos depoimentos das entrevistadas – e reforçado na composição das matérias e principalmente nas apresentações das entrevistas – é o da mulher independente, prática, forte, destemida, desenvolta. No depoimento a seguir, tem-se um exemplo da constituição desse lugar da enunciação:

“Para a secretária Tânia Martins, as cobranças, são soluções perfeitamente cabíveis e funcionam como um alerta. ‘Tem cara que vacila mesmo, aí você tem que chamar a atenção, dar bronca. Se ele achar que não vale a pena mudar, um beijo e tchau. Não perco tempo com quem não tem sensibilidade de perceber e entender do que eu preciso’ garante.”

(Revista Mulher, 18/04/2010, p. 09) (ANEXO B)

A entrevistada é apresentada, primeiramente, por sua profissão, apesar de o assunto não tratar de sua rotina profissional e sim pessoal. Essa estratégia pode apontar para sua independência financeira em relação a seu companheiro e seu desprendimento no que diz respeito às decisões tomadas sobre seu relacionamento, além de contribuir para situar a mulher em um universo externo ao doméstico, nesse caso, o universo do trabalho.

Percebe-se que a postura assumida pela entrevistada é a de uma mulher decidida, que toma as decisões que julga mais vantajosas para si, sem pestanejar. O posicionamento da entrevistada reflete um novo padrão de comportamento que se distancia do padrão de mulher que se cala diante das adversidades em uma relação, que releva certos comportamentos de seu companheiro em prol da relação e do desejo de tê-lo junto de si.

A mulher contemporânea, segundo essa perspectiva, é aquela que não temeria terminar um relacionamento em que não estivesse feliz, por medo de ficar sozinha. Posição que destoa da concepção dos anos 50, por exemplo, em que a possibilidade de “ficar para tia” era considerado o grande temor das moças.

Não se pode ignorar, no entanto, que o lugar de onde a entrevistada fala influencia sua forma de se posicionar: a temática da entrevista sugere um comportamento a ser adotado, e esse comportamento se constituirá de acordo com o contexto sócio-histórico em que o sujeito está inserido e com o lugar ocupado em uma determinada situação. Nesse caso, pressupõe-se que as entrevistadas tenham algum conhecimento acerca da *Revista Mulher*, e conheçam a abordagem que a revista faz das temáticas discutidas, o que também determina de alguma forma o posicionamento assumido por elas.

Dentre as matérias publicadas na *Revista Mulher*, foram selecionadas, como corpus para este trabalho de pesquisa, aquelas que contém depoimentos femininos acerca do tema desenvolvido, uma vez que se adota a concepção de que o ethos se constitui pela tomada da palavra. Sendo assim, somente a reprodução dos depoimentos das entrevistadas permite analisar a constituição dessa imagem de mulher. Ainda que esses depoimentos tenham sido recortados para ilustrarem as matérias, tratando-se, assim, de um simulacro construído, na revista, do discurso das entrevistadas, é essa voz das mulheres na prática discursiva sob análise que constituirá seu ethos. E ainda que as entrevistadas sofram coerções da cena enunciativa em que estão inseridas, esse posicionamento assumido também constitui uma imagem de mulher dentro da revista, a imagem que se pretende analisar por meio deste trabalho.

3.5. Propósitos da pesquisa

Apesar de as temáticas das matérias da *Revista Mulher* apontarem sempre para um perfil de mulher marcado por características e atitudes divergentes das concepções atribuídas às mulheres em uma época passada, os depoimentos das mulheres, que servem de ilustração para as matérias – e, por vezes, as próprias matérias – permitem depreender que há um entrecruzamento de discursos acerca do papel social desempenhado pelas mulheres, em que se relacionam, de diversas maneiras, discursos mais conservadores e discursos mais contemporâneos,

constituindo, dessa forma, um discurso heterogêneo acerca do lugar social ocupado pela mulher na contemporaneidade.

Percebeu-se, portanto, que o ethos feminino de mulher contemporânea seria, dessa forma, tecido por relações interdiscursivas. E esses diversos posicionamentos constituintes da imagem feminina estabelecem entre si relações que podem ser de aliança, de oposição, de ratificação, de negação, de conflito, de indiferença etc.

Ainda que seja constituída na revista uma imagem de mulher independente, emancipada, que se instrui e trabalha para alcançar sucesso profissional, não somente como um meio de subsistência, mas também para satisfação pessoal; as vozes de uma época que definia o papel social feminino de maneira diferente – em que o padrão de comportamento instituído era de que a mulher dedicasse sua vida a seus filhos, seu marido e sua casa – em alguns momentos ainda se fazem presentes, de maneira a revelar o caráter heterogêneo da imagem feminina na sociedade contemporânea.

O propósito desta pesquisa, portanto, é o de aproximar o conceito de ethos, incorporado ao arcabouço teórico mais recente da Análise do Discurso, do conceito de heterogeneidade discursiva. Propõe-se pensar o ethos sob uma perspectiva não usual na bibliografia que trata desse conceito, isto é, como uma imagem constituída por meio da relação interdiscursiva e, portanto, como uma imagem cindida, entrecortada pelos diversos posicionamentos que a atravessam.

A hipótese central desse trabalho é a de que discursos pertencentes a duas formações discursivas diversas – que, aqui, chamar-se-á de “conservadora” e “contemporânea” – relacionam-se, constituindo um ethos feminino heterogêneo, porque cindido entre discursos divergentes, que revelam um processo de constituição do sujeito mulher, do universo feminino, do lugar social que a mulher passa a ocupar.

Partindo dessas conjecturas, tem-se como objetivo, para esse trabalho de análise, investigar as vozes, as marcas de discurso que se atravessam, constituindo uma imagem feminina heterogênea. Pretende-se reconhecer e analisar os discursos dos quais emanam essas imagens, uma vez que o ethos, como uma imagem constituída (também) discursivamente, reflete e constitui uma determinada condição sócio-histórica.

Pretende-se estudar a heterogeneidade na constituição do ethos feminino a partir da constituição da cenografia que compõe a cena enunciativa na revista.

Serão observadas as fotografias de mulheres, que ilustram as matérias da revista; o processo de constituição do enunciador e do coenunciador, por meio das referências e interpelações estabelecidas nos textos; os temas abordados que, como já mencionado, dão acesso a uma imagem prévia do papel social feminino na sociedade contemporânea; a dêixis enunciativa, de forma a explorar o lugar e o tempo que constituem a cena enunciativa da revista.

Conforme já exposto nessa seção, foram selecionadas como corpus para este trabalho de pesquisa as matérias que contém depoimentos de mulheres, elucidando o assunto abordado. Considera-se que, ainda que estes depoimentos tenham passado por alguns recortes para satisfazer aos objetivos das matérias, podendo ser considerados simulacros dos discursos femininos, esses posicionamentos também constituem o ethos feminino da mulher contemporânea, na medida em que explicitam concepções acerca das temáticas desenvolvidas.

Ainda que não se possa comprovar se, de fato, as mulheres agem conforme os posicionamentos assumidos, o objetivo desse trabalho é o de analisar as tensões causadas pela relação entre discursos mais conservadores e discursos mais contemporâneos que constituem o ethos feminino contemporâneo.

4. AS MARCAS DA HETEROGENEIDADE NA CONSTITUIÇÃO DE UM ETHOS FEMININO

Conforme exposto anteriormente, o estudo dos exemplares selecionados para este trabalho de pesquisa permitiu depreender que a *Revista Mulher* apresenta matérias que abordam assuntos considerados pertencentes ao universo feminino, ou seja, são discutidas questões ligadas às diversas funções sociais desempenhadas pelas mulheres atualmente, como a de mãe, de esposa, de profissional, de chefe de família etc. A abordagem dessas temáticas objetiva levar o público da revista a identificar-se com o mundo ético das mulheres que conseguem conciliar de forma muito competente todos os papéis acumulados, sem grandes prejuízos em nenhum setor de sua vida, seja sentimental, seja profissional.

A imagem feminina é constituída por características que parecem convergir para o perfil da mulher independente e emancipada, perfil esse que se afasta daquele considerado padrão em uma época não tão remota, da sociedade patriarcal, em que as funções femininas eram diferentes. Entretanto, a análise mais atenta dos discursos das matérias da revista permite perceber o entrecruzamento dessa concepção mais contemporânea acerca do papel feminino com uma concepção mais conservadora, o que permite depreender, nos discursos, as mudanças de cunho social, político e ideológico que constituem o ethos feminino, revelando, dessa forma, um ethos clivado, dividido entre discursos pertencentes a formações discursivas diversas.

Recorrendo à noção de heterogeneidade discursiva, a qual defende que um discurso nasce a partir da negação de um discurso Outro e se constitui por meio da relação inextrincável que mantém com esse discurso negado, concebe-se que foi em relação aos discursos patriarcais que surgiram os discursos de emancipação feminina. Obviamente essa constituição discursiva não ocorre de forma abrupta, mas por meio de um processo em que novos discursos emergem e, de acordo com o contexto sócio-histórico, conquistam maior relevância, se sobrepondo a seu Outro.

Apesar de, na *Revista Mulher*, essa relação de oposição entre os discursos conservadores e os discursos contemporâneos ser mais visível, ambos os discursos estabelecem entre si outros tipos de relação, como a de complementariedade, por exemplo. A modernidade muitas vezes é contestada por meio do discurso dos depoimentos das entrevistadas e, por vezes, por meio do texto das próprias

matérias, revelando que o discurso mais conservador ainda constitui o sujeito mulher, nem sempre em uma relação conflituosa com as novas concepções acerca do papel social feminino, mas por vezes aliando-se a elas.

De forma a evidenciar essas relações estabelecidas entre uma formação discursiva mais conservadora e outra mais contemporânea na constituição do ethos feminino, será traçado um paralelo entre os discursos defendidos e os discursos negados na revista, admitindo-se que o ethos feminino contemporâneo resulta da interseção dessas duas formações discursivas, constituindo um ethos heterogêneo, dividido entre ideologias diversas.

Concebe-se que do entrecruzamento desses discursos resulta o ethos da mulher contemporânea: aquela coagida a acompanhar as mudanças pelas quais a sociedade de que faz parte passa e assume uma postura distinta do comportamento feminino em décadas anteriores, mas que ainda sofre com as coerções de discursos passados tanto no que diz respeito ao modo como o mundo ao seu redor a concebe quanto ao modo como ela mesma se enxerga frente ao mundo.

A mulher contemporânea é dividida entre as ideologias que a regeram desde seu nascimento, por boa parte de sua vida – ou que regeram sua família e as demais instituições nas quais está inserida – e concepções inerentes a uma nova organização social, uma nova condição política e econômica, que constituem uma nova maneira de se conceber o lugar social da mulher.

A principal mudança ocorrida parece ter-se dado em relação às áreas de atuação feminina que, se antes eram restritas ao ambiente doméstico, atualmente parecem ter-se expandido para várias outras áreas. A nova concepção acerca do papel feminino aponta que as mulheres precisam se desdobrar para dar conta de ser uma boa mãe, boa esposa, boa administradora do lar, mas também uma boa profissional e uma mulher atraente. E a conjunção de tantos papéis gera conflitos, pois, da mesma maneira que esses papéis se acomodam uns aos outros, por vezes há a dificuldade de conciliá-los e definir uma ordem de prioridade entre eles.

4.1. A construção do mundo ético da mulher contemporânea

A análise dos exemplares selecionados permite reconhecer a construção de um mundo ético da mulher contemporânea, constituído pelas atividades que as mulheres precisariam exercer atualmente. Tal mundo ético parece não ser

constituído somente por meio das várias funções assumidas pelas mulheres na sociedade atual, mas também por meio de comportamentos assumidos por essas mulheres na execução dessas funções, conforme se pode verificar por meio da análise do trecho a seguir:

“Priscilla Heitmann escolheu a engenharia como profissão. Com bom humor, a engenheira de 31 anos vê o lado bom da vida, sempre transformando os aspectos negativos dos problemas – que, para ela, são apenas desafios. (...) Divorciada, mãe de dois filhos e dona da própria empresa, ela é uma mulher forte. (...) Empreendedora, Priscilla viu na escassez do mercado local de engenharia, há seis anos, a oportunidade do sucesso. (...) A rotina atribulada de trabalho não impede que ela se divirta e aproveite suas duas maiores paixões: os filhos Bernardo e Gustavo. (...) Priscilla não está em busca de outro amor, mas não descarta a possibilidade de encontrá-lo. Casar de novo pode ser apenas uma questão de tempo. (...) Priscilla Heitman é a prova de que as mulheres cada vez mais tomam a dianteira da sua vida, sem medo de desafios ou de estereótipos.”

(Revista Mulher, 01/02/2009, p. 04) (ANEXO A)

Esse texto pertence à seção de entrevistas da *Revista Mulher*, denominada *Saia-justa*, e trata da apresentação da entrevistada da semana, posicionado ao lado de sua foto, na página anterior à que contém as perguntas e respostas que constituem a entrevista. Por meio da análise dos nomes que caracterizam a entrevistada (grifadas em vermelho), pode-se traçar um perfil das atitudes reivindicadas às mulheres contemporâneas, ao executarem os diversos papéis assumidos por elas: o bom humor, o empreendedorismo, a força emocional, a independência financeira e sentimental etc.

Isso também pode ser verificado por meio da análise dos verbos utilizados para caracterizar as ações da entrevistada (grifados em preto): a mulher contemporânea é aquela que **escolhe** sua carreira profissional, que **transforma** seus problemas, que **supera** os desafios, que **vê** as oportunidades que se apresentam em seu caminho.

Essa construção aponta para uma imagem de “super mulher”: aquela que consegue dar conta de tudo e não se cansa, não se preocupa, não se lamenta em relação à quantidade de tarefas que precisa desempenhar. Parece não haver limites

para essa mulher, ela parece conseguir fazer tudo o que lhe for proposto e sempre da melhor forma possível. Essa construção permite refletir se esse sujeito de fato existe, o que pode comprometer de alguma forma a adesão do público da revista, uma vez que essa imagem pode gerar não a identificação, mas a frustração do público por ter a consciência de não conseguir se inserir nesse mundo ético apresentado.

A frase final do trecho selecionado (*Priscilla Heitman é a prova de que as mulheres cada vez mais tomam a dianteira da sua vida, sem medo de desafios ou de estereótipos*) elucida muito bem a imagem da mulher contemporânea constituída na revista. É a esse público que a revista se direciona, considerando o atual contexto histórico e social.

Aponta para esse padrão feminino o fato de que a seção *Saia-justa* ocupou, por anos, um lugar de destaque na revista, sendo da entrevistada da semana a foto que estampava sua capa. É importante situar que as fotos da entrevistada da semana são fotos preparadas para a revista, feitas em estúdio, nas quais a mulher está sempre muito bem vestida e maquiada. Dentre os exemplares selecionados para este trabalho, não houve exemplos de fotos de mulheres no seu ambiente de trabalho ou no doméstico, por meio do que se pode depreender que o principal objetivo almejado pela revista era o de destacar a beleza da mulher, sua vaidade. Corrobora com essa ideia o fato de que, entre todas as entrevistas analisadas, apenas uma apresenta uma foto em que a mulher se veste com os trajes utilizados em seu trabalho:



Figura 03 – Revista Mulher

Fonte: Revista Mulher (31/08/2008, p. 04)

(ANEXO D)

A entrevistada em questão é bailarina profissional de dança do ventre e também exerce a advocacia. Ambas as profissões são abordadas na entrevista, sendo que a de bailarina é a que está em destaque. Tanto a foto da capa quanto a que ilustra a entrevista apresentam a entrevistada vestida em trajes típicos da dança que pratica, ou seja, destaca-se aquela profissão em que a beleza e a sensualidade da mulher ficam mais evidentes, o que pode ser confirmado por meio da legenda da foto: *A dança do ventre desenvolve a auto-estima, aumenta a confiança, e isso torna qualquer mulher mais interessante e sensual.*

Se, por um lado, as fotos destacam as características físicas das entrevistadas, por outro lado, os títulos que introduzem as entrevistas da seção *Saia-justa* sempre fazem remissão às conquistas das mulheres, dando maior relevância à sua carreira profissional e a características que as definem como fortes, independentes, vencedoras. Das 20 entrevistas analisadas, publicadas no período que constitui o corpus deste trabalho, verifica-se que em 15 delas há referência direta à carreira profissional da entrevistada da semana.

A primeira entrevista citada, por exemplo, tem o seguinte título: *Bases sólidas para o sucesso*. Percebe-se, que, apesar de falar-se na entrevista sobre sua vida pessoal, o título destaca seu papel de profissional, o que demonstra um atravessamento de concepções em que o papel mais valorizado, exercido pela mulher contemporânea, é o de profissional, mas em que esse prestígio só parece se concretizar, se esse papel for conjugado com outras funções – como se pode constatar no interior da revista, por meio das abordagens dadas aos outros papéis desempenhados.

O mundo ético da mulher moderna é, aparentemente, constituído pelo ideal da mulher emancipada, no entanto pode-se verificar a relação entre dois discursos ideologicamente divergentes: o da mulher emancipada, independente – discurso defendido – e o da mulher ainda inserida em ideais patriarcais – discurso que se pretende negar. Ao afirmar que as mulheres cada vez mais tomam a dianteira de suas vidas, com coragem, por exemplo, o discurso remete a uma época passada em que as mulheres eram submissas e dependentes.

Essa relação pode ser verificada não só nas entrevistas da seção *Saia-justa*, por meio das perguntas dirigidas à entrevistada e de suas respostas, mas também nos depoimentos que compõem as demais matérias da revista, de forma mais ou menos evidente, conforme será estudado no decorrer da análise.

4.2. A heterogeneidade na constituição do ethos feminino

A análise dos dados será organizada de maneira a privilegiar os principais lugares sociais ocupados pela mulher historicamente. Para tanto, os depoimentos analisados foram selecionados de acordo com a temática que abordam e a forma como o fazem. Será mantida a mesma organização adotada no terceiro capítulo deste trabalho, de maneira que se possa traçar um paralelo entre os discursos contemporâneos e aqueles mais conservadores, permitindo a análise de como se dão as relações estabelecidas entre eles.

Essa organização é somente metodológica, visto que se concebe que cada lugar ocupado pela mulher na ordem social é constituinte do sujeito feminino, permanecendo esses papéis ligados entre si de forma indissociável. Ainda que a mulher opte por não desempenhar uma determinada função, como a de mãe, por exemplo, essa ausência também a constitui, por meio das coerções de discursos passados e/ ou contemporâneos acerca deste tema.

4.2.1. A trabalhadora

Conforme abordado no terceiro capítulo, ainda em épocas em que o trabalho feminino fora aceito, devido sua importância para interesses sociais, as mulheres ocupavam um espaço desprivilegiado nas relações trabalhistas: trabalhavam muito, ganhavam pouco, sofriam assédios constantes, ocupavam sempre cargos subalternos por serem consideradas menos capazes que os homens etc. Essa condição feminina não foi totalmente resolvida na contemporaneidade, a realidade de algumas mulheres no mercado de trabalho ainda se assemelha, mesmo que de forma mais velada, às condições de uma época remota.

Na sociedade contemporânea, certamente devido aos novos interesses econômicos, parece haver um esforço das instituições no sentido de reintegrar a mulher ao ambiente de trabalho, incentivando as mulheres a construírem uma carreira profissional de sucesso. No entanto, ainda se pode entrever, em meio a essa nova concepção, algumas vozes de velhos discursos acerca deste tema, seja contestando a eficiência da mulher em seu desempenho profissional, seja criticando-a por dedicar-se demais ao trabalho em detrimento de sua família, ou ainda,

descaracterizando o trabalho feminino, concebendo-o como algo irrelevante, por exemplo.

Acompanhando essa constituição heterogênea dos discursos concernentes à atuação da mulher no mercado de trabalho, na *Revista Mulher*, há a relação entre um discurso que valoriza o exercício de uma carreira profissional da mulher – e esse parece ser o discurso defendido na revista – e um discurso mais conservador, que concebe o lar como lugar a ser privilegiado pelas mulheres – discurso que se pretende negar na revista.

A tensão entre estes dois discursos pode ser observada por meio da abordagem dada a essa temática na *Revista Mulher*. A análise do perfil das mulheres entrevistadas, tanto na seção de entrevistas *Saia-justa* quanto nas demais matérias da revista, permite atestar que são priorizadas aquelas que têm uma carreira profissional bem-sucedida. Nos exemplares analisados, pode-se notar a ausência de donas-de-casa nas entrevistas e nos depoimentos. Ainda que a matéria não trate deste assunto, a profissão é sempre mencionada de alguma forma, desempenhando, muitas vezes, a função de apresentar a entrevistada às leitoras.

A constante abordagem dessa temática parte do pressuposto de que uma das maiores aspirações da mulher contemporânea é, exatamente, a conquista do espaço profissional, do sucesso em sua profissão. É a imagem da mulher independente, empreendedora, inteligente, competente e dedicada que se constrói na revista, por meio dessa temática. Como elucidam os exemplos a seguir:

“Com vocação para liderança, Pamella Silva administra sua vida com sucesso. Aos 23 anos, a jovem estudante de administração encontrou no marketing sua paixão, tanto que usa elementos da própria profissão diariamente, no cotidiano.”

(Revista Mulher, 17/05/2009, p. 04) (ANEXO E)

“Carolina Souza vive um sonho. Cuidando dos preparativos para o seu casamento, a cirurgiã dentista de 27 anos tenta conciliar a atribulada vida profissional, o matrimônio e a conclusão de seu mestrado em ortodontia, que faz em Campinas (SP).”

(Revista Mulher, 21/12/2008, p. 12) (ANEXO F)

“Para a analista de Recursos Humanos Janete Santana, grávida de seis meses, cuidados como estes estão sendo essenciais para que ela se sinta bem e consiga trabalhar até os últimos momentos da gestação.”

(Revista Mulher, 31/05/2009, p. 06) (ANEXO G)

Pode-se conceber, portanto, que faz parte da constituição da imagem feminina na *Revista Mulher* a imagem de mulher profissional, ou seja, fazem parte do mundo ético da mulher contemporânea a rotina de trabalho, a construção de uma carreira, a busca pelo sucesso profissional. No entanto, apesar desse destaque positivo dado ao trabalho feminino na revista, os discursos mais conservadores acerca deste tema ainda se fazem presentes, estabelecendo relação com os discursos mais atuais, constituindo, também, a imagem da mulher trabalhadora contemporânea, como no exemplo a seguir:

“Cristiana conquistou um espaço até então dominado pelos homens, numa época em que o machismo ainda era predominante. Foi neste cenário que ela mostrou que a competência e dedicação não têm sexo. (...) ‘Costumo dizer que a mulher, para se firmar na profissão naquele tempo, tinha de trabalhar dobrado; não podia adoecer nem deixar de trabalhar por causa de filho doente; até se vestia de forma mais sisuda, para não ser considerada mulher frágil, ou o que fosse. Agora, não. Trabalhamos de igual para igual. Não há vantagens em ser homem ou em ser mulher. É tudo igual. Vale o trabalho, a competência, a dedicação.’”

(Revista Mulher, 24/05/2009, p. 10) (ANEXO H)

Neste exemplo, a entrevistada, uma experiente jornalista que atua como comentarista política, expõe os problemas que teve de enfrentar no início de sua profissão, décadas atrás, e atesta que nos dias atuais há igualdade na forma de se conceber o trabalho masculino e o trabalho feminino.

Esse posicionamento converge com a imagem feminina moderna, pretendida na *Revista Mulher*. Não se pode perder de vista o lugar de onde a entrevistada fala – que define a cenografia assumida: o de mulher, trabalhadora, bem sucedida, digna de uma matéria de destaque em uma revista feminina. Isso, de alguma forma, influi no seu posicionamento em defesa de uma nova realidade vivida pelas mulheres contemporâneas, em comparação a épocas passadas.

Há, no depoimento, a negação explícita de um discurso mais conservador: a entrevistada expõe todas as dificuldades que a condição feminina de outrora proporcionava às trabalhadoras da época, apresentando a nova condição como melhor que a antiga.

De acordo com a entrevistada, para conseguir espaço em sua profissão, a mulher teria de trabalhar o dobro do que os homens trabalhavam (*tinha que trabalhar dobrado*), os cuidados com sua saúde e com sua vaidade eram reduzidos, quase inexistentes (*não podia adoecer/ até se vestia de forma mais sisuda, para não ser considerada mulher frágil*), exercia com dificuldades seu papel de mãe (*nem deixar de trabalhar por causa de filho doente*) etc. Percebe-se que, para exercer o papel de profissional, a mulher precisaria abdicar, em maior ou menor grau, dos outros papéis a serem desempenhados por ela. Concorrer pelo espaço profissional com os homens exigia que a mulher renunciasse, em seu ambiente de trabalho, à sua feminilidade.

De acordo com a entrevistada, a realidade, na sociedade contemporânea, mudou, de maneira que homens e mulheres compartilham do mesmo tratamento no ambiente profissional. Ao dizer que “É tudo igual”, ela nega o conflito, a tensão existente entre os dois discursos, garantindo que o mais antigo se dissipou e o mais novo se estabeleceu plenamente.

No entanto, o próprio título da matéria, *Olhar feminino na política*, aponta para a coexistência de ambos os discursos – o mais conservador e o mais contemporâneo – uma vez que, reconhecendo o título como elemento que dá destaque ao texto, que chama a atenção do leitor àquilo que será apresentado, pode-se ver refletida, em sua constituição, a mudança de concepções acerca do papel social feminino, visto que por muito tempo política era assunto considerado pertencente ao universo masculino. Se um olhar feminino sobre a política chama a atenção, ainda que positivamente, é indício de que as concepções mais antigas ainda não se dissiparam, de que esse processo ainda se encontra em andamento.

Também no exemplo a seguir, se pode perceber essa relação interdiscursiva na constituição de uma concepção acerca do trabalho feminino, por meio da elaboração das perguntas da entrevista, como: *A engenharia é um ramo que tem, na sua maioria, profissionais do sexo masculino. Você sentiu algum tipo de preconceito?*

A pergunta transcrita questiona o possível preconceito sofrido pela entrevistada em relação à sua atuação profissional, uma vez que a engenharia historicamente é exercida por homens. A resposta da entrevistada, a seguir, nega esse discurso mais conservador:

“De maneira alguma! Nem preconceito e nem falta de respeito. As engenheiras, com certeza, são minoria, mas já somos um número expressivo e que vem mostrando competência e conquistando seu espaço”.

(Revista Mulher, 01/02/2009, p. 05) (ANEXO A)

Esse depoimento demonstra a relação entre dois posicionamentos, entre os dois ideais sobre o papel feminino. Na relação entre esses dois discursos, é privilegiado aquele que defende a independência feminina e nega o Outro – o que defende os ideais mais conservadores, patriarcais – mas que ainda depende deste Outro para se constituir. Ao reconhecer que as mulheres ainda são minoria nesse ramo profissional, se reconhece também que existe uma ordem patriarcal, ainda vigente, que define, há bastante tempo, o que é o universo profissional masculino e o que é o universo profissional feminino.

O discurso da entrevistada também reconhece que essa divisão deve ser questionada e transformada e que tal transformação é um processo que depende, também, do esforço feminino, uma vez que se trata de um universo que precisa ser conquistado. Elucida essa ideia de processo a escolha lexical da entrevistada, ao dizer que a mulher “vem **mostrando** competência e **conquistando** seu espaço”. O uso do gerúndio, nessa construção, evidencia que se trata de algo em andamento, algo que não foi concretizado, ou seja, ainda que ela negue veementemente que tenha sofrido algum tipo de preconceito no exercício de sua função, por ser mulher, deixa, em seu discurso, marcas que apontam para o fato de que ainda há dificuldades a serem enfrentadas, de que não se trata de um espaço totalmente conquistado.

Ainda que a composição da *Revista Mulher* aponte para uma atualidade nas concepções acerca dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres, concebendo-as como emancipadas, independentes tanto financeira quanto sentimentalmente, ainda são apresentadas condições que convergem para a

formação discursiva contra a qual se opõe, como se pode observar nos exemplos a seguir:

“Mãe de Gabriel, 31, e Flávio, 26, ela abdicou o trabalho quando Gabriel estava com 5 meses. ‘Larguei tudo. Meu marido e eu decidimos que eu não precisava trabalhar e eu parei de bobear. [...] Porém poderia ter realizado isso como diversas mulheres, trabalhando fora de casa. Conciliar esses 2 papéis pode ser feito, observo pelo sucesso que certas amigas minhas conseguiram’ diz. Há dez anos, Ruth está separada do marido. De acordo com ela, foi nesse ponto que os problemas surgiram. ‘Eu não tive mais meu sustento próprio, não tinha trabalho. As coisas tinham se alterado bastante. Estava totalmente defasada em um mercado que já é em geral inchado, quer dizer, sem nenhuma oportunidade.’”

(Revista Mulher, 10/05/2009, p. 09) (ANEXO I)

“Marcela e seu marido têm conversado muito sobre sua possibilidade de parar de trabalhar, mesmo por um tempo, para se dedicar totalmente à maternidade. ‘Nós podemos seguir com o nosso padrão de vida e as despesas do Lucas mesmo se eu parar. O que receio é que, depois dele crescer, eu me arrependa do que fiz: perder uma boa carreira profissional e ficar meio perdida. Tenho medo do futuro, porém meu coração, agora, pede essa decisão.’”

(Revista Mulher, 10/05/2009, p. 08) (ANEXO I)

O título que apresenta a matéria, *Mamãe profissional*, anuncia a abordagem das dificuldades pelas quais passam as mulheres que tentam conciliar o papel de mãe com o papel de profissional. Em ambos os exemplos pode-se verificar o conflito entre esses dois papéis que, em alguns momentos, parecem ser inconciliáveis. Por meio dos exemplos citados, se pode identificar tensões tanto na ordem da razão quanto da ordem da emoção. Há o reconhecimento, por meio desses conflitos, de que o desempenho de um papel interfere na execução do outro de tal forma que, em alguns casos, há a necessidade de abandonar o emprego para dedicar-se integralmente ao papel de mãe. Essa tomada de decisão, no entanto, conforme se pode verificar por meio dos depoimentos, não se dá de forma tranquila.

São consideradas questões como as necessidades financeiras da família (*Nós podemos seguir com o nosso padrão de vida e as despesas do Lucas mesmo*

se eu parar) e, também, a (im)possibilidade de retomar a carreira depois de algum tempo afastada (*Estava totalmente defasada em um mercado que já é em geral inchado, quer dizer, sem nenhuma oportunidade/ O que receio é que, depois dele crescer, eu me arrependa do que fiz: perder uma boa carreira profissional e ficar meio perdida*). As entrevistadas declaram seu **receio**, seu **medo** de perderem oportunidades e, até mesmo, de jamais conseguirem retomar sua carreira depois de um tempo afastadas e do **arrependimento** que isso pode causar. No entanto, também há a declaração da necessidade de estar presente o tempo todo no desenvolvimento do filho (*Tenho medo do futuro, porém meu coração, agora, pede essa decisão*) de onde emerge a questão sentimental.

Outro aspecto que pode ser observado por meio dos depoimentos em questão é que, em ambos os casos, as mulheres relatam terem tomado a decisão de pararem de trabalhar em conjunto com seus maridos, para dedicar-se integralmente à maternidade. Ao marido caberia, então, manter o sustento da família. Isso revela a manutenção, na atualidade, das relações familiares instituídas historicamente, em que o ambiente doméstico confere à mulher, enquanto que ao homem cabe o provimento da família.

Pode-se perceber que o papel de profissional desempenhado pelas mulheres é posto em segundo plano, apesar de também ser considerado importante para elas. Não se cogita a possibilidade de o homem deixar seu emprego para cuidar dos filhos, ou dividir com a mulher a responsabilidade pelos cuidados com as crianças: essa é uma responsabilidade instituída às mulheres. Revela-se, dessa maneira, que a importância atribuída ao trabalho feminino é menor do que a atribuída ao trabalho masculino e que os cuidados com os filhos ainda são concebidos como a principal função social a ser desempenhada pelas mães.

Apesar de a atitude de abandonar a carreira profissional para dedicar-se integralmente à maternidade revelar um posicionamento em concordância com as concepções mais antigas acerca do lugar a ser ocupado pelas mulheres, os depoimentos permitem perceber uma relação ao mesmo tempo conflituosa e complementar entre essas concepções mais antigas e uma concepção mais atual, que exige das mulheres a dedicação a uma carreira profissional. Percebe-se que, diferentemente de uma época passada, em que abandonar o emprego para cuidar dos filhos não só era aceito como até mesmo incentivado pela sociedade, na contemporaneidade, essa atitude já não é julgada tão positivamente.

Isso demonstra uma associação de posicionamentos na constituição do sujeito mulher e também dos discursos sobre a mulher contemporânea. Percebe-se que a concepção mais antiga se entrelaça à mais contemporânea, constituindo um discurso que define a mulher como aquela que deve articular diversos papéis sociais para obter sua realização pessoal.

Em outra pergunta da entrevista apresentada no anexo A, por exemplo, quando questionada se sua rotina intensa de trabalho não atrapalharia sua vida social, a entrevistada afirma o seguinte:

“De forma alguma, dá para conciliar os dois. Trabalho mais de dez horas por dia e ainda tenho disposição para estudar com os filhos, levá-los às atividades esportivas e ainda dar uma esticadinha para encontrar os amigos.”

(Revista Mulher, 01/02/2009, p. 05) (ANEXO A)

Essa resposta elucida a imagem da mulher incansável, da mulher que tem competência para desempenhar muito bem todas as tarefas a que se propõe, que, apesar de acumular muitas tarefas cotidianas, sempre está bem disposta e de bom humor.

Essa resposta da entrevistada representa os anseios da “mulher contemporânea”. E o fato de essa ser a mulher cuja foto estampa a capa da revista não é algo sem propósito, afinal, dar conta de tantas tarefas cotidianas não parece ser algo fácil de executar, apesar de, na sociedade contemporânea, as mulheres serem interpeladas não só a executá-las, como também a fazê-lo de maneira muito competente. O não cumprimento ou o fracasso, ainda que momentâneo, de qualquer papel social desempenhado sequer é cogitado no referido depoimento, construindo a ideia de que a capacidade de desempenhar todas essas funções é algo intrínseco ao sujeito mulher.

Nessa relação interdiscursiva, em alguns momentos podem prevalecer o discurso mais antigo ou o discurso mais atual. Isso depende também do lugar social em que a mulher se encontra. O ethos de mulher contemporânea é constituído atravessado por estes diversos discursos, conforme se demonstrou por meio da análise: há os discursos de valorização do desempenho do papel de trabalhadora, que nega eventuais diferenciações de tratamento a homens e mulheres no ambiente profissional; há os discursos que enfatizam os conflitos ocasionados pela agregação

dos papéis de profissional e de mãe, que exigem, em alguns casos, até mesmo o abandono do emprego por parte das mulheres, para dedicarem-se melhor aos cuidados com os filhos; e há, também, os discursos que defendem ser possível a conciliação desses papéis, sem prejuízo para nenhum dos dois setores – ideia mais defendida na revista, da qual se pode conceber que os papéis mais importantes a serem desempenhados pelas mulheres contemporâneas são, justamente, o de profissional e o de mãe de família.

4.2.2. A mulher de família

No que confere ao lugar ocupado pelas mulheres nas relações familiares, ainda se fazem ouvir vozes de um discurso patriarcal. Percebe-se a permanência do padrão familiar instituído historicamente - pai, mãe e filhos – em que, na hierarquia, o pai ocupa o lugar de maior autoridade. Conforme se pode perceber no exemplo a seguir:

“Eu costumo apresentar os rolos e namorados para a minha mãe. Como eu moro sozinha com ela, tenho bastante liberdade. Não gosto de ficar na portaria, no carro... prefiro assistir a um filme em casa ou algo do tipo. Então, com ela, a apresentação é sempre informal. Já com meu pai é diferente. Não tem um tempo pré-definido. Eu apresento alguém a ele quando é sério. Vale mais o sentimento e a solidez do relacionamento do que o tempo que estamos juntos. Estou com meu namorado há um mês e meu pai já o conheceu.”

(Revista Mulher, 28/06/2009, p. 12) (ANEXO J)

Por meio do discurso da entrevistada, nota-se uma relação menos íntima com o pai, em comparação à mãe. Isso aponta para uma constituição familiar instituída em uma época passada em que as relações dos filhos se davam em maior grau com a mãe e que ao pai cabia o sustento da família, mantendo, portanto, pouco contato com as questões pessoais dos filhos.

Dentre as várias relações familiares estabelecidas pelas mulheres, uma das funções desempenhadas que merece grande destaque na *Revista Mulher* é a de mãe. Por meio da análise do conteúdo da revista, percebe-se que questões inerentes à relação da mulher com os pais e/ou com os irmãos é pouco explorada.

Isso pode ser indício de que a revista se reporta a um público adulto, concebendo que o relacionamento com os pais e irmãos, nessa fase, é menos frequente.

Apesar de a revista apontar para uma concepção atual das relações familiares, em que os homens participam mais ativamente tanto dos cuidados com a casa quanto da educação dos filhos, ainda se pode perceber nos discursos das matérias uma divisão desigual no que diz respeito à execução dessas tarefas. Por meio da análise das formas de abordagem realizadas na revista, é possível depreender que às mulheres ainda é atribuída a maior responsabilidade sobre os cuidados com os filhos e o ambiente doméstico, como se pode verificar no exemplo a seguir:

“Mãe de Luiza, de 20 anos, e Miguel, de 10, a secretária Maria Lourdes se esforça para controlar o acesso dos herdeiros a informações de conteúdo adulto, principalmente através da internet. ‘Acho que isso depende da capacidade das mães de entender que criança é criança e precisa vivenciar essa fase. Não se deve estimular o que ainda não deve ser estimulado. O problema é que hoje em dia existem muitas possibilidades de acesso à informação tanto para o bem quanto para o mal, então é claro que fica mais difícil de controlar, mas as mães devem estar sempre atentas.’”

(Revista Mulher, 20/06/2010, p. 14) (ANEXO K)

“Quem tem que dar educação para o filho é a mãe. Quando ele a enfrenta, responde ou não obedece, pode sim levar uns ‘tapinhas’.”

(Revista Mulher, 01/08/2010, p. 12) (ANEXO L)

Nos exemplos citados, pode-se perceber que as próprias mulheres se consideram as maiores responsáveis pela educação e pelos cuidados com os filhos. O fato de se afirmar que cabe à mãe cuidar dos filhos e educá-los, em vez de “os pais” ou “os responsáveis”, demonstra que a maior responsabilidade sobre os filhos ainda confere à mãe, na maioria dos casos, e que as próprias mulheres se colocam nesse lugar de atuação, excluindo a figura paterna da realização dessas funções.

Apesar de novas relações familiares serem estabelecidas na contemporaneidade, as vozes dos discursos que historicamente instituíram um modelo de família ainda ecoam. Como mencionado anteriormente, as mudanças

sociais ocorrem por meio de processos e, no decorrer desse processo, novas atitudes e decisões são assumidas pelas mulheres, em busca de sua realização pessoal e profissional, mas essas atitudes e decisões permanecem atravessadas por concepções mais antigas.

Na abordagem da revista acerca da temática “família”, predominam aqueles assuntos relacionados à criação, aos cuidados e à educação dos filhos, o que reforça a ideia de que este é o principal papel a ser assumido pelas mulheres na contemporaneidade. São recorrentes os assuntos que estabelecem relação entre os demais lugares de atuação feminina (o profissional, o conjugal) com o lugar de mãe; constantemente abordando os impactos que a articulação desses papéis exerce, enfocando de que maneira o exercício de um papel interfere na execução de outro, como elucida o exemplo a seguir:

“Eu me dedico demais ao trabalho, mas meus filhos são prioridade na minha vida. Organizo meus horários respeitando os deles, afinal, eles são a razão do meu viver e meu maior motivo de orgulho e alegria.”

(Revista Mulher, 01/02/2009, p. 05) (ANEXO A)

Essa imagem feminina da mãe amorosa, cuidadosa, dedicada, que prioriza sempre os filhos é clivada pelos discursos que defendem a busca pelo sucesso profissional e a dedicação à carreira e aos estudos. Ter uma carreira profissional faz parte das atribuições da mulher contemporânea, assim como desempenhar bem a função de mãe. Essas parecem ser as duas principais funções a serem desempenhadas pelas mulheres na sociedade atual e pode-se perceber um conflito entre elas por meio dos discursos das matérias que as relacionam.

A decisão de não ser mãe para poder dedicar-se mais e melhor ao trabalho é abordada de forma positiva na *Revista Mulher*, o que permite entrever uma mudança na forma de se conceber os papéis femininos, já que, no passado, essa decisão era considerada passível de internação em uma clínica psiquiátrica – conforme apresentado no capítulo 3. No entanto, apesar de reconhecer que a quantidade de mulheres que optam por priorizar o trabalho e abrem mão da maternidade é cada vez maior, ainda se pode perceber um entrecruzamento de concepções acerca desta tomada de decisão.

Os títulos das matérias que abordam este tema dão indícios do impacto que esta decisão ainda pode causar no público leitor da revista. O título “Ser titia é tudo o que ela quer” remete à expressão “ficar para titia” direcionada às moças dos anos 50 que não se casavam. O que era considerado o terror das moças nos anos dourados, nos dias atuais pode ser uma decisão assumida pelas mulheres, que buscam a realização pessoal de outras maneiras que não por meio do casamento e da maternidade. O título “Não quero ser mãe”, ocupando um lugar de destaque na revista, publicada no dia das mães, também chama a atenção, soando como uma resposta às coerções sociais que exigem o desempenho deste papel.

O depoimento a seguir demonstra o conflito a respeito dessa temática na sociedade contemporânea:

“O primeiro casamento se desfez porque ele desistiu de me convencer da ideia de um herdeiro. Foi doloroso, mas precisei ser egoísta e pensar no momento profissional em que vivia. Já meu segundo marido, quando me conheceu, sabia que filhos não estavam – e não estão – nos meus planos. Assim, podemos fazer muitas coisas juntos, como viajar ou ir ao cinema durante a semana, sem a preocupação de não ter com quem deixar as crianças. Como ele é executivo e viaja muito, entendeu que seria melhor assim. Eu dou palestras em universidades pelo Brasil, trabalho seis vezes por semana, dez horas por dia. Ter um filho seria até um ato cruel, pois sei que não estaria presente nos momentos em que ele mais precisasse de mim. No início, quando tomei a decisão, meu pai ficou sem falar comigo por quase um ano, pois não admitia que sua única filha não lhe desse netos. Hoje, ele entende melhor minha situação e até tem dois ‘netinhos’, uma casal de labradores que dei a ele quando fizemos as pazes.”

(Revista Mulher, 21/12/2008, p. 24) (ANEXO M)

Alheia aos tabus sociais por meio dos quais se defende que não ser mãe foge à natureza da mulher, a mulher contemporânea pode decidir não desempenhar este papel e conquistar sua realização pessoal de outras formas. Na matéria em questão, é negado o discurso mais conservador de que a realização pessoal da mulher se dá somente com o casamento e a maternidade. A carreira profissional, nesse caso, é concebida como o principal papel na vida da mulher, que abre mão de ser mãe e

também de ser esposa – caso o marido não a apoie em sua decisão – em prol de sua carreira.

Apesar disso, pode-se entrever um conflito em relação a essa nova postura assumida pelas mulheres, pois, também por meio da constituição discursiva da matéria em questão, o argumento de que a dedicação ao trabalho faria com que o desempenho da mulher como mãe fosse prejudicado aponta para o fato de que não é somente a busca pela realização profissional que faz com que as mulheres optem por não ter filhos, mas também o receio de fracassarem, de não suprirem as expectativas sociais no desempenho dessa função. A entrevistada relata ser esta uma decisão **dolorosa** e se julga até mesmo como uma pessoa **egoísta**, ou seja, julga sua postura como algo negativo. Isso demonstra um conflito com as coerções de uma época passada.

O fato de não poder estar presente em todos os momentos importantes da vida dos filhos, ou de não dar a atenção de que eles necessitam ou que eles solicitam, também parece influenciar na decisão de abrir mão da maternidade. A entrevistada caracteriza como um **ato cruel** a ausência da mãe no desenvolvimento dos filhos, a não participação da mãe, em tempo integral, da vida dos filhos.

Chama a atenção, também, o fato de que seus conflitos se deram sempre com figuras masculinas: seu primeiro marido não entendeu sua decisão e houve a separação; o segundo marido parece ter sido convencido de sua decisão e compreendeu seu posicionamento; e o pai, por fim, acabou se conformando com sua decisão. A entrevistada não menciona em seu depoimento nenhuma figura feminina que tenha questionado sua decisão, o que aponta para a ideia de que para os homens seria mais difícil aceitar que as mulheres não exerçam a maternidade.

Percebe-se, portanto que, assim como a decisão de deixar de trabalhar para dedicar-se aos cuidados com os filhos em tempo integral não é uma decisão tomada com tranquilidade pelas mulheres, a decisão de abdicar da maternidade para dedicar-se à sua carreira profissional também não o é.

Essa inquietação também acompanha as mulheres que optam por conciliar os dois papéis, o que demonstra que não abrir mão de nenhum dos dois também gera conflitos, conforme se pode observar no caso a seguir:

“Fico sofrendo para ir ao trabalho diariamente. Desejo estar com ela o tempo inteiro. Telefono para casa diversas vezes diariamente para saber se está tudo certo.

Mesmo tendo total confiança na babá que possuo. (...) Quando ela disse a primeira palavrinha 'arroz', e eu não estava em casa com ela e sim trabalhando, fiquei chateada em não estar presente nessa hora.”

(Revista Mulher, 10/05/2009, p. 8) (ANEXO I)

Esse depoimento demonstra a divisão do sujeito entre uma formação discursiva que o constituiu por muito tempo, atribuindo a responsabilidade pelos cuidados dos filhos às mães, e outra formação discursiva que concebe como necessidade para a realização feminina o sucesso profissional. A entrevistada explicita um conflito entre o racional e o sentimental: ela sabe que está tudo bem com sua filha, mas ainda assim sente-se mal por não estar presente, acompanhando o desenvolvimento, as primeiras descobertas dela. Ela permanece no emprego, apesar de relatar que **sofre e deseja** estar com a filha o tempo todo.

Como se pode perceber, por meio da análise dos exemplos, há um embate entre formações discursivas que definem os papéis a serem assumidos pela mulher contemporânea. Assumir os cuidados com os filhos permanece um dos principais papéis a ser desempenhado, apesar de os discursos mais atuais apontarem para uma nova constituição familiar na contemporaneidade, em que são cada vez mais comuns as famílias formadas por um casal sem filhos, por exemplo.

Por meio dessa nova postura, outras relações familiares também são redefinidas, como a conjugal. O depoimento a seguir exemplifica uma atitude feminina diversa à de submissão, assumida na sociedade patriarcal de um tempo passado:

“Ele nunca me cobrou um filho. Pelo contrário sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos e talvez por isso estejamos juntos todo esse tempo.”

(Revista Mulher, 09/05/2010, p. 06-07) (ANEXO N)

Este posicionamento da entrevistada atesta uma nova organização das relações conjugais, em que os desejos e aspirações femininos e masculinos são equiparados. Percebe-se que o apoio do parceiro às suas decisões é uma das condições para o sucesso do relacionamento.

Dessa forma, a imagem de mulher constituída apresenta como características o domínio sobre sua vida, a determinação ao tomar suas próprias decisões e sua

emancipação frente às imposições sociais. No entanto, assim como nas demais relações, isso não é realizado sem conflito, sem que a mulher precise conquistar esse direito de alguma forma, ou sem que tenha que abdicar de algo importante para si.

4.2.3. A companheira

Conforme abordado no terceiro capítulo, as relações conjugais no início do século passado constituíam-se por meio de uma hierarquia familiar, em que ao homem era instituído o poder sobre os demais integrantes. A divisão de funções atribuía aos homens o papel de chefe de família, responsável pela subsistência de sua esposa e de seus filhos. Enquanto à mulher cabia a função de administrar as questões domésticas e zelar pela harmonia da família.

Desde muito cedo as mulheres eram educadas para atenderem a um padrão de comportamento que lhes garantisse um casamento e, conseqüentemente, a constituição de uma família e essa educação consistia em aprender a executar serviços domésticos, a portar-se de maneira recatada e submissa. Na sociedade patriarcal, ao casar-se, a mulher deixava de ser responsabilidade de seu pai ou do homem responsável por sua família e passava à responsabilidade de seu marido, devendo obediência e respeito a ele, na mesma medida a que seu pai.

Acompanhando as transformações de ordem sócio-histórica, pode-se perceber mudanças significativas no padrão de constituição das relações conjugais na contemporaneidade, em que a divisão de funções e a relação entre marido e esposa parecem ter sofrido uma reorganização.

Por meio da análise do conteúdo que trata deste tema nas matérias da *Revista Mulher*, pode-se ter acesso a uma nova maneira de se conceber o lugar feminino ocupado nos relacionamentos. Essas mudanças se fazem notar nas matérias da revista, desde a abordagem do início do relacionamento, o momento da conquista, passando pela convivência a dois, até aquelas que tratam do momento de lidar com uma possível separação.

Na revista, é anunciada uma postura atual nas relações amorosas, em que à mulher são atribuídas características como a determinação, o desprendimento, a extroversão, a independência. No entanto, como em todas as relações femininas

estabelecidas em sociedade, ainda se fazem ouvir concepções mais conservadoras acerca do comportamento a ser adotado pela mulher nessas relações.

É importante justificar que serão analisadas as relações heterossexuais, devido à ausência, nos exemplares publicados no espaço de tempo selecionado, de matérias que abordem relações homossexuais. Isso também revela um padrão ainda vigente de constituição familiar, o qual concebe que as famílias são formadas por um homem, uma mulher e seus filhos. Esses filhos podem ser do casal ou frutos de relacionamentos anteriores. Na revista são frequentes os exemplos de casais que já tinham filhos ao se conhecerem e, ao assumirem um compromisso, uniram as famílias. Esse é um novo modelo de constituição familiar que se institui na contemporaneidade.

Por meio da análise da constituição das matérias da *Revista Mulher*, pode-se perceber que ainda se atribui grande importância ao casamento na sociedade contemporânea. Ainda que seja defendida a independência financeira e sentimental da mulher atual, a constituição de uma família, em conformidade com os padrões mais antigos, ainda vigora com certa força. E essa coerção social também tem incidência sobre as formas de se avaliar os comportamentos assumidos pela mulher.

Em uma matéria que trata sobre as atitudes femininas, dispõe-se a discutir de que maneira os homens lidam com as mulheres que tomam a iniciativa no momento da conquista. O comportamento ativo, assumido pelas mulheres na atualidade – bastante diferente daquele assumido há décadas, em que cabia ao rapaz o papel de tomar a iniciativa, quando estava interessado em uma moça – ainda gera opiniões diversas, como se pode observar por meio do exemplo a seguir:

“Dar a cara a tapa é difícil. Prefiro até que o homem tome a atitude, mas se estou afim não fico parada’. Ela acredita que você, antes de tudo, deve fazer o que tiver vontade, mesmo reconhecendo que esse tipo de comportamento assusta. A publicitária, no entanto, faz uma ressalva. ‘Só que esses que se assustam facilmente nunca me interessaram. Tomo a iniciativa em outras situações e se essa já não agrada, não tem como dar certo.’”

(Revista Mulher, 16/11/2008, p. 11) (ANEXO O)

O título da matéria, *Papéis invertidos na sedução*, já anuncia uma modificação de comportamentos assumidos. Essa construção remete para um padrão de

comportamento que instituía aos homens o papel ativo na conquista, enquanto as mulheres deveriam manter-se passivas, esperando pela iniciativa masculina.

No depoimento citado, pode-se perceber a adoção de um comportamento ativo pela mulher, em que ela assume o papel de conquistadora e afirma que os homens que não aprovam sua atitude não lhe são interessantes. Essa atitude vai de encontro àquela concepção mais conservadora ao mesmo tempo em que é entrecortada por ela. No depoimento, a mulher se julga mais confortável no lugar de conquistadora do que no lugar de conquistada (*Prefiro até que o homem tome a atitude*), assumindo que a atitude mais ativa ainda assusta os homens, ou seja, ainda surpreende, ainda causa estranhamento (*Só que esses que se assustam facilmente nunca me interessaram*).

Sendo assim, ambos os discursos – o mais conservador e o mais contemporâneo – se entrecruzam, gerando um certo conflito em que uma nova atitude, ao mesmo tempo em que é aceita, e até mesmo exigida, ainda gera um certo estranhamento devido às concepções historicamente instituídas.

Esse desconforto que o comportamento feminino mais direto, mais incisivo ainda causa demonstra que a delicadeza e a sutileza ainda são atitudes esperadas das mulheres, são atitudes consideradas tipicamente femininas, como se pode notar nos depoimentos a seguir:

“Eu queria chegar, mas não abertamente. Comecei conversando com ele sempre que possível. Não só para me fazer perceber, mas para ver se ele era tudo aquilo que eu imaginava.”

(Revista Mulher, 16/11/2008, p. 11) (ANEXO O)

Por meio do discurso do depoimento citado, pode-se conceber que o cuidado para não parecer muito disponível, o comedimento e, até mesmo, a timidez, são atitudes que, ao menos no momento da conquista, são esperadas das mulheres. Da mesma maneira que o homem assume uma postura mais ativa no momento da conquista, a mulher se situa em uma posição menos ativa, mais comedida. A entrevistada admite que teve vontade de tomar a iniciativa, mas que assumiu uma atitude menos incisiva, para se fazer notar de uma maneira mais discreta, talvez por medo de um julgamento negativo por parte do homem por quem estava interessada.

Pode-se perceber, portanto, um conflito entre essas concepções. A mulher contemporânea se define como aquela que pode, sim, tomar a iniciativa se estiver interessada em alguém, mas ao mesmo tempo, demonstra-se receosa de parecer vulgar perante a sociedade ou de assustar quem lhe despertou interesse. Ainda que assuma uma postura mais ativa, demonstra ter uma ressalva em relação a ela.

A constituição do ethos feminino se dá, dessa forma, por meio dessa relação interdiscursiva, em que interagem discursos pertencentes a formações discursivas diversas, estabelecendo entre si relações também diversas.

Esse conflito de concepções também pode ser observado no tratamento de questões sobre o casamento. Por meio dos depoimentos nas matérias que tratam dessa temática na *Revista Mulher*, tem-se acesso a uma postura feminina mais independente em relação ao marido, de maneira que seus objetivos e suas realizações pessoais já não seriam mais considerados menos importantes do que a manutenção do casamento e a harmonia do casal. Diferentemente de uma época passada, em que a mulher acompanhava seu marido e vivia em função dele, a mulher contemporânea toma suas decisões visando ao seu bem-estar, à sua felicidade. A mulher passa a preocupar-se mais consigo, com seus interesses pessoais e assume uma postura mais individualista em seu relacionamento. No depoimento a seguir, em uma matéria que trata das cobranças de atenção nos relacionamentos, uma das entrevistadas defende o seguinte:

“Eu entendo que haja essa necessidade às vezes, porque criamos expectativas que nem sempre são atendidas. Mas não suporto um homem do meu lado me exigindo presença, que eu abra mão das minhas coisas para satisfazer carências dele. Pode parecer egoísmo, mas não acho que essas coisas se resolvam dessa forma. Claro que existem momentos em que é preciso ceder, mas o outro tem que ter o bom senso de perceber até quando esse ceder é uma violação do mundo dele.”

(Revista Mulher, 18/04/2010, p. 09) (ANEXO B)

No discurso assumido, a entrevistada defende uma nova concepção, em que são valorizados o seu espaço individual e seus compromissos pessoais. A mulher assume uma postura mais independente em relação ao seu companheiro, afirmando não admitir as cobranças da parte dele, defendendo a manutenção da individualidade de ambos no relacionamento.

Pode-se recuperar em seu discurso, entretanto, marcas que revelam um conflito entre esse posicionamento e aquele que se pretende negar. Ao afirmar que **pode parecer egoísmo** agir desta maneira, a entrevistada dá acesso a uma concepção que defende que a mulher deve dedicar-se a seu companheiro, dando-lhe a atenção solicitada. Em outras palavras, a postura mais individualista não é assumida de maneira tão tranquila e desprendida pelas mulheres. Há um conflito entre essa nova maneira de agir, de conceber os relacionamentos e uma concepção mais conservadora, que reivindica às mulheres uma atenção especial dedicada a seu companheiro. Ainda se pode recuperar, por meio das vozes liberadas na materialidade linguística, um discurso mais conservador nos assuntos concernentes aos relacionamentos amorosos, como no exemplo a seguir:

“Meu ex-marido foi um namorado excelente: carinhoso, apaixonado, divertido. Mas, depois que casamos, vi que ele era um péssimo marido: irresponsável, folgado e acomodado. Eu achava que as coisas entre nós podiam voltar a ser como eram na época do namoro, que eu tinha que tentar mais, me dedicar. Até que chegou uma hora em que a ficha de que ele não era o homem certo caiu e pedi a separação”

(Revista Mulher, 30/11/2008, p. 24) (ANEXO P)

Apesar da atitude ativa da mulher, demonstrada no depoimento, em que, ao perceber que não seria feliz na relação, pediu a separação, pode-se perceber uma constituição discursiva em que ela atribui a si mesma a responsabilidade por garantir o sucesso do casamento (*Eu achava que as coisas entre nós podiam voltar a ser como eram na época do namoro, que eu tinha que tentar mais, me dedicar*). Mesmo percebendo atitudes que julgava negativamente em seu marido (*depois que casamos, vi que ele era um péssimo marido: irresponsável, folgado e acomodado*), a entrevistada ainda concebe, em alguns momentos, que era sua responsabilidade se dedicar para garantir o sucesso da relação. Essa postura revela um posicionamento próximo aos discursos mais conservadores que atribuía às mulheres a responsabilidade pela harmonia do lar. E essa postura assumida no casamento ainda pode ser reconhecida em meio aos depoimentos nas matérias da *Revista Mulher*, como nos exemplos a seguir:

“Uma vez me disseram que o marido é o primeiro filho de uma mulher. E o pior de todos: já vem todo estragado.”

(Revista Mulher, 20/06/2010, p. 04) (ANEXO Q)

“Não fico em cima do meu marido fazendo tudo para ele. Afinal, casamento é uma troca. Cuido dele na mesma medida que ele cuida de mim’ diz Maria, que ainda não conseguiu se libertar das tarefas frequentemente atribuídas às mulheres como fazer comida, limpar da casa, lavar as roupas. ‘ Mas ele sabe onde ele deve por a roupa suja. Se ele não coloca lá, depois não adianta vir reclamar que eu não lavei. Não fico atrás procurando.”

(Revista Mulher, 20/06/2010, p. 04-05) (ANEXO Q)

“Com o passar dos anos a gente vira mãe de todos. E passa a amar o marido como filho, o que não é legal. [...] Acho que para o homem é cômodo. Sabe porquê? Porque, pra ser mulher de verdade, tem as de fora do casamento”

(Revista Mulher, 20/06/2010, p. 05) (ANEXO Q)

Nos três depoimentos citados, pode-se ter acesso a um discurso em que a mulher define o casamento como uma relação em que as mulheres assumem uma postura maternal diante de seus maridos. Percebe-se, portanto, que a imagem de mãe de família é constituída também por meio da relação conjugal. Assim como os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos, há também a coerção para que a mulher assuma os cuidados com o marido.

O primeiro depoimento dá acesso à concepção de que, ao casar-se, o homem espera que a esposa tenha com ele os mesmos cuidados que sua mãe tinha, daí a ideia de que o homem **já vem todo estragado**, o homem, de acordo com essa concepção seria mimado pela mãe e esperaria a mesma atenção de sua esposa. Assim como na sociedade patriarcal cabia ao homem assumir a responsabilidade pelo sustento de sua esposa, ao casar-se, ocupando, a partir de então, o lugar que o pai ocupava; à mulher, após o casamento, parece caber ocupar o papel da mãe do marido, assumindo a responsabilidade por todos os cuidados de que ele usufruía antes de casar-se.

No segundo depoimento a entrevistada afirma assumir uma postura mais “moderna” em sua relação conjugal, negando a postura mais conservadora, que

defende que a mulher deve assumir os afazeres domésticos e os cuidados com o marido e os filhos. Por meio de seu depoimento, no entanto, se pode ter acesso a várias marcas linguísticas que revelam um conflito entre a concepção mais contemporânea, assumida por ela, e uma concepção mais conservadora, que ela tenta negar em seu discurso.

Já no início de seu discurso, ao afirmar não fazer tudo para seu marido o tempo todo, a mulher dá acesso à concepção de que existem mulheres que agem dessa forma – e que ela as julga negativamente. No entanto, apesar de defender em seu discurso a divisão igualitária de tarefas, e uma reciprocidade nos cuidados tomados entre si, a entrevistada confessa ainda desempenhar as tarefas historicamente instituídas às mulheres, ressaltando que o marido sabe como agir para ajudá-la.

O conflito entre as duas concepções é evidenciado por meio dessa tensão entre o que a mulher defende em seu discurso e a maneira como ela age, na prática. O trecho, por exemplo, que diz “Mas ele sabe onde ele deve pôr a roupa suja. Se ele não coloca lá, depois não adianta vir reclamar que eu não lavei. Não fico atrás procurando.” demonstra o desejo da mulher de integrar-se ao mundo ético da mulher contemporânea, que divide os afazeres domésticos com seu marido e assume uma postura mais emancipada na relação, mas que, por outro lado, ainda assume, na prática, as tarefas domésticas sozinha.

Dizer que o marido **sabe onde pôr a roupa suja** reforça a ideia de que a mulher assume uma postura maternal no casamento, como se o fato de o homem saber onde guardar a roupa suja fosse algo admirável. Da mesma maneira, ao dizer que, caso ele não ponha a roupa suja no devido lugar e ela não lave por isso, ele não pode reclamar, a mulher deixa entrever em seu discurso que, semelhante ao que ocorria na sociedade patriarcal, o marido assume o direito de cobrar a execução dos afazeres domésticos por parte da esposa.

O último depoimento converge com a concepção mais conservadora de relacionamentos em que, conforme exposto no terceiro capítulo, à esposa cabia ocupar o ambiente doméstico, a manutenção da boa imagem de seu marido e os cuidados com os filhos, da mesma maneira em que era esperado dela um comportamento mais recatado. Uma mulher que assumisse uma postura mais ousada não era considerada adequada para ser esposa, apenas para a “diversão” dos homens.

Chama a atenção a mulher definir em seu discurso as possíveis amantes dos homens como **mulheres de verdade**. Esse discurso revela um posicionamento que concebe que à esposa cabe a vida doméstica e à amante a diversão, no entanto, se é a amante a mulher de verdade, para ser mulher de verdade, seria necessário abandonar a postura mais recatada, mais comedida e assumir uma postura mais ousada, mais extrovertida.

Verifica-se que a mulher defende uma postura feminina mais independente, mais emancipada, no entanto, seu posicionamento discursivo revela uma postura clivada em que as concepções mais conservadoras se relacionam com as mais contemporâneas. A mulher se define de uma maneira que revela um sujeito cindido, um sujeito em conflito devido às coerções instauradas por formações discursivas diversas.

Os discursos sobre as relações conjugais, como um todo, revelam que novos modelos de relacionamento se desenham na sociedade contemporânea, demonstrando, assim, que o casamento, a constituição de uma relação conjugal, de uma nova família ainda são, sim, considerados muito importantes, mas que os relacionamentos são concebidos de diversas maneiras, conforme se pode perceber nos exemplos a seguir:

“Temos os mesmos objetivos, ele é família, tem um filho mais velho que se dá superbem com o meu, temos uma vida bem leve. Não brigamos, não discutimos, no entendemos. É um relacionamento saudável. Se não der certo, vou continuar tentando, não se deve perder as esperanças. Vou sempre continuar tentando.”

(Revista Mulher, 22/08/2010, p. 14) (ANEXO R)

“Meus filhos não gostam da Zona onde ele mora, já tinham a vida deles aqui no bairro. A mesma coisa acontece com o Victor. Além disso, não tenho mais interesse em casamento. Do jeito que levamos nossa relação é melhor, temos mais liberdade para cada um viver a sua vida. A gente até vem conversando sobre a possibilidade de morar junto, porque meus filhos estão mais velhos, mas ainda não quero. De repente, depois de os filhos saírem de casa. Para mim as coisas estão boas do jeito que estão. Me acostumei com a nossa rotina. Nos vemos sempre, saímos, jantamos um na casa do outro, mas preciso de um lugar só meu, de um momento só meu.”

(Revista Mulher, 01/08/2010, p. 14) (ANEXO S)

Percebe-se nesses dois casos que as relações conjugais ou amorosas se constituem entre pessoas que já passaram por uma outra experiência, que já haviam constituído famílias com filhos e, após a separação, decidiram tentar novamente. No primeiro depoimento, a mulher afirma acreditar na constituição de um casamento em conformidade com os modelos historicamente instituídos e se dispõe a continuar tentando, caso não obtenha sucesso em sua atual relação. Percebe-se a valorização do casamento, da prática de dividir a vida com outra pessoa. Ao dizer que, caso não dê certo, vai sempre continuar tentando, a entrevistada demonstra a importância que um relacionamento estável ocupa em sua vida, podendo ser considerado uma necessidade para a sua felicidade.

O segundo relacionamento citado se constitui de uma maneira diferente: trata-se de uma relação estável, na qual o casal não divide o mesmo lar. E a mulher defende que funciona melhor dessa maneira. Pode-se verificar, entretanto, um conflito existente entre essa concepção de que o relacionamento funciona melhor dessa maneira e um desejo de constituir uma relação nos moldes tradicionais. Em seu discurso, a entrevistada defende que a relação funciona melhor dessa forma, mas deixa entrever que o motivo mais relevante para que a relação se constitua dessa maneira seria a dificuldade de adaptação que a união das famílias causaria para os filhos de cada um. Ao dizer, no entanto, que o casal tem conversado sobre a possibilidade de morarem juntos, depois que os filhos crescerem e saírem de casa, o discurso da entrevistada contesta aquilo que vinha defendendo, aponta para o desejo de constituírem um relacionamento amoroso em conformidade com os modelos tradicionalmente instituídos.

São concepções diferentes, posicionamentos discursivos diferentes, mas que não se anulam, que se complementam. Demonstrando, assim, que formações discursivas mais conservadoras e mais contemporâneas podem estabelecer relações de aliança na constituição dessa imagem feminina.

É importante ressaltar também que, embora se defenda, na *Revista Mulher*, uma postura mais emancipada, mais aberta, como um casamento em que o casal more em casas separadas, nem todas as diferenças na constituição familiar são acolhidas na revista. A ausência da abordagem dos relacionamentos homossexuais é um bom exemplo disso.

4.2.4. A mulher que se cuida

Conforme abordado no terceiro capítulo, os cuidados da mulher com sua aparência em uma época passada pautavam-se em agradar ao seu marido ou pretendente. Quando solteira, a mulher preocupava-se em estar bem vestida e bem composta para chamar a atenção de um possível pretendente e, após o casamento, fazia parte das atribuições da “boa esposa” manter-se sempre bem arrumada para agradar ao seu marido. Além disso, o indumentário da mulher, assim como os acessórios que usava, diziam sobre a condição do marido – suas posses, seu sucesso nos negócios.

Sendo assim, os cuidados que a mulher tinha consigo estavam diretamente relacionados à responsabilidade de constituir uma família e, após isso, manter uma boa imagem acerca desta família. Dessa forma, assim como ocorria com os demais papéis desempenhados pela mulher, os cuidados com sua saúde e sua aparência também estavam relacionados à sua condição de “mulher de família”.

Os depoimentos de mulheres nas matérias que tratam deste tema na *Revista Mulher* permitem entrever que também faz parte das atribuições da mulher contemporânea manter uma boa aparência ao desempenhar todos os papéis sociais que lhe são instituídos, tanto aqueles relacionados à sua vida profissional quanto à sua vida pessoal. Assim, matérias que abordam temáticas como saúde, boa alimentação, hábitos saudáveis e tratamentos estéticos são constantes na revista e, associados a isso, constam vários anúncios publicitários que, geralmente, são dispostos de acordo com o tema que está sendo abordado, como se pode comprovar no exemplo a seguir, em que a matéria trata de métodos que as mulheres podem adotar para recuperar a “boa forma” após a gravidez e na mesma página constam anúncios de clínicas de estética e emagrecimento:

DIA DAS MÃES

Fique linda

DEPOIS DA GRAVIDEZ



Mulheres que se renderam aos prazeres da maternidade mostram que dá para ter filhos e ainda manter a boa forma. Aliás, com determinação, dieta, exercícios e produtos específicos dá para ficar até mais bonita do que antes da gravidez.

Foi-se o tempo em que a preocupação com a aparência era atribuída unicamente a mulheres vaidosas. Atualmente ser mãe é mais um dos recursos que deixam a mulher ainda mais bonita e prova que a maternidade não é, e nunca será, empecilho para a beleza e sim um fortíssimo aliado.

Mesmo antes de o exame marcar "positivo", são inúmeras as transformações que o corpo começa a passar, devido a enorme carga de hormônios que uma gestação necessita. Qualquer mulher que ficou grávida e teve o parto natural sabe que não confundível é a sensação do início da gravidez. Além da extrema fadiga, náusea, vômito, sensibilidade a temperaturas e acne, a grávida ainda precisa lidar com o crescimento da barriguinha e saliências em outras partes do corpo como seios e calcanes.

Para muitas mulheres, todas estas transformações são apenas uma fase que precisa ser vivida, mas que com muita determinação, dieta e força de vontade dá para superar. E em alguns casos ela pode até ficar melhor e mais bonita do que antes da gravidez. É o caso da publicitária, Izabela Coimbra, de 36 anos, que garante ter ficado mais bonita depois da maternidade. Com exercícios físicos e alimentação controlada antes e após o parto, ela conseguiu eliminar o peso e ficar mais magra do que antes da gravidez.

"O segredo é determinação. Também não se pode pensar que por você já ser mãe pode relaxar. Pelo contrário. É melhor, cuidar e se cuidar desde a gravidez mesmo. Fiz hidroginástica desde o início da gestação e procurei uma nutricionista para me orientar sobre a dieta. Após o parto, voltei aos exercícios e fiz muitas caminhadas que me ajudaram a perder o excesso de peso da gravidez e chegar aos 59kg que mantivei até hoje", conta.

Produtos para se manter sempre bela

- São diversos os produtos que colaboram para a beleza das mulheres. A indústria especializada no assunto, diariamente apresenta inúmeros lançamentos que prometem renovar, rejuvenescer e até mesmo acabar com as gordurinhas localizadas. De acordo com cada caso, são recomendados produtos e cosméticos com o objetivo de melhorar estas transformações. A Artesanal Farmácia de Manipulação oferece diversas opções de cosméticos voltados para a mulher usar durante e após a gravidez. É importante lembrar que, mesmo que estes produtos venham enriquecer o visual da mulher antes de sua utilização o médico deve ser consultado. Além, seja algumas dietas para antes, durante e depois da gestação.
- **Prevenção de Estrias:** elas aparecem praticamente em todas as mulheres grávidas durante o segundo e terceiro trimestres. Para prevenir ou suavizar as estrias, é importante utilizar cremes hidratantes diariamente, com ativos como o Óleo de Amêndoas ou Óleo de Prímula.
- **Hidratantes Corporais:** promovem a hidratação, suavidade e o equilíbrio da pele. Os que possuem Óleo de Macadâmia em sua composição são ideais para peles normais ou secas.
- **Sabonetes de Limpeza Facial:** recomendados para utilizar diariamente, devem ajudar a suavizar a pele. Cada tipo de pele possui o ideal: com Óleo de Prímula, para peles ressecadas e secas; com Erva Doce ou Gel Associated, para peles mistas ou normais.

Você mais magra e jovem neste verão!
Em 4 semanas. Pacotes a partir de 300,00!

Consultas Ortomoleculares
Piel e Piel Ovariano
RPG, Reabilitação e Monitoramento
Dietoterapia Bariátrica

REDUÇÃO DE PESO E MEDIDAS

- Enxofre • Carboxi
- Talasso • Infravermelho
- Lipomassagem • Ultrassom

Laser de CO2
Remoção de manchas
Manchas • Depilação definitiva
Seqüências de sono • Estrias • Varizes

Fone: 3091-0919 / 8144-4073
Av. Comendador Faria, 2311 - Vila 420

BioOrtoMednatural

Ciência e tecnologia a serviço da beleza

Dra. Helicy Pires
FEBRABRASIL

SOFRADO XL

- Depilação definitiva
- Queratina Ácida
- NIK LASER
- Fibrose da face
- Prevenção de celulite

LASER DE CO2

- Graxas de ácido
- Regeneração celular

ÁZUL PULSADA

- Olheira
- Lentes escuras
- Manchas

OUTROS:

- Tônico facial
- Procel
- Flashing de cílios
- Hidratante gel

Salão: www.helicypires.com.br
Vilação Empresarial - Rua Domingos Manoel
Proc. Dech, Sala 319 - Fone: 3152-7200

EMAGRECENTRO

Diárias a partir de R\$ 6,16,00

SPA: Fitness + Tratamento Estético + Oligonutrientes

3223-119

(Revista Mulher, 09/05/2010, p. 08-09) (ANEXO T)

Reiterando que, por se propor a tratar de assuntos pertencentes ao universo feminino, a *Revista Mulher* serve como uma vitrine para empresas que prestam serviços a esse público, pode-se depreender que as mulheres são concebidas na contemporaneidade como clientes em potencial de determinados produtos. Se antes os produtos direcionados às mulheres eram aqueles relacionados aos afazeres domésticos e à sua vida em família, na contemporaneidade há uma variedade de produtos destinados ao público feminino, com o objetivo de atender às mulheres em todos os setores de atuação, desde cosméticos até aparelhos eletrônicos, por exemplo. Isso pode ser explicado por meio da inserção da mulher no mercado de trabalho e sua consequente emancipação financeira.

Na *Revista Mulher*, a abordagem de assuntos relacionados aos cuidados que a mulher deve ter com sua saúde e aparência considera sempre os diversos papéis sociais desempenhados por ela, de maneira a apresentar sugestões e opções para que a mulher consiga manter boa saúde e boa aparência para enfrentar os desafios de sua vida repleta de compromissos.

A abordagem destas temáticas, no entanto, em alguns momentos perpassa pelo desejo e esforço de alcançar o modelo de beleza física mais aceito na sociedade contemporânea. Além disso, assim como na sociedade mais conservadora, é possível perceber nos discursos das entrevistadas que os cuidados com a aparência, em alguns casos, não são uma maneira de a mulher sentir-se bem consigo, mas uma maneira de agradar ao sexo oposto, de conseguir um pretendente. Isso demonstra um conflito de concepções em que, apesar de na *Revista Mulher* se defender a emancipação feminina, relacionando os cuidados consigo ao bem-estar da mulher, ainda pode-se perceber que estes cuidados também objetivam agradar ao outro, passar uma boa imagem ao outro, podendo ser esse outro, os homens ou as outras mulheres. Percebe-se então, também por meio das atitudes assumidas pelas mulheres nos cuidados que tem consigo, a constituição de um ethos feminino heterogêneo, entrecortado por concepções diversas.

Atitudes como a determinação e a coragem também são exigidas da mulher contemporânea no momento de cuidar de si mesma, conforme se pode observar por meio do exemplo a seguir, extraído de uma matéria que defende que, após serem mãe, as mulheres devem cuidar de sua beleza:

“O segredo é determinação. Também não se pode pensar que por você já ser mãe pode relaxar. Pelo contrário! É malhar, caminhar e se cuidar desde a gravidez mesmo. Fiz hidroginástica desde o início da gestação e procurei um nutricionista para me orientar sobre a dieta. Após o parto, voltei aos exercícios e fiz muitas caminhadas que me ajudaram a perder o excesso de peso da gravidez e chegar aos 59kg que mantenho até hoje.”

(Revista Mulher, 09/05/2010, p. 09) (ANEXO T)

Na matéria em questão, defende-se que a gravidez é uma aliada na busca pela beleza e incentiva-se as mulheres a se esforçarem para recuperarem a “boa forma” após o parto. O depoimento da entrevistada permite observar a dedicação e os cuidados tomados por ela para manter-se em forma. No entanto, apesar da satisfação demonstrada por ela, seu discurso aponta para uma certa dificuldade para alcançar seu objetivo. Ao afirmar que é necessário ter **determinação**, a mulher dá indícios de que se trata de algo custoso, de que não é algo fácil de se executar.

No trecho seguinte (*não se pode pensar que por você já ser mãe pode relaxar*) revela-se o posicionamento de que um objetivo já foi alcançado – o de ser mãe – mas ela precisa recuperar sua beleza física para sentir-se realizada. Pode-se conceber que há a negação do discurso que defende que, uma vez que já se conseguiu constituir uma família, ou seja, já se alcançou o principal objetivo em sua vida, a mulher não precisa mais preocupar-se com sua aparência. Dessa forma, seu bem-estar, a satisfação com sua aparência física também são importantes para a realização pessoal da mulher.

Esse conflito também ocorre no sentido inverso ao exposto anteriormente. Alguns discursos expostos na *Revista Mulher* demonstram que também não basta estar satisfeita com sua aparência, se não conseguir chamar a atenção do sexo oposto:

“Fui loira desde os meus 14 anos, mas chegou uma hora em que decidi reverter isso’, diz ela, que não se arrepende da decisão. ‘Ser morena é mais fácil, mais barato e eu fiquei satisfeita com o resultado. Antes era comum a mulher desejar ser loira, eu mesma pensava assim. Hoje as morenas têm espaço garantido’ avalia a jovem.”

(Revista Mulher, 27/11/2011, p. 10-11) (ANEXO U)

“Atualmente não passa pela minha cabeça voltar a ser morena’ garante. ‘Me senti mais sexy quando me tornei loira. Também acredito que passei a chamar mais atenção, tanto profissionalmente quanto em relação aos homens’ declara.”

(Revista Mulher, 27/11/2011, p. 11) (ANEXO U)

Mostrar-se uma mulher atraente, bem cuidada e, dessa forma, chamar a atenção dos homens pode ser considerado um dos objetivos femininos revelados por meio dos discursos assumidos nas matérias da revista. Dessa forma, ainda que os cuidados com sua saúde e sua aparência física sejam relacionados na revista, com maior ênfase, à melhoria da qualidade de vida da mulher, a conquista, a busca por um companheiro também está associada a esses cuidados e, em alguns momentos, pode ser considerado seu objetivo principal.

No primeiro depoimento, a entrevistada afirma ter decidido voltar a ter cabelos escuros e julgar ser mais vantajoso (*mais fácil, mais barato*) dessa forma. No

entanto, demonstra ter tido dúvidas quanto a essa decisão, ocasionada pela ideia que foi muito defendida na década de 50, após o filme “Os homens preferem as loiras”, de que as loiras são, de fato, as preferidas dos homens. Dessa forma, depreende-se que as escolhas femininas relativas à sua aparência também consideram, em maior ou menor grau, a possível aprovação do sexo oposto. No final de seu depoimento, ela justifica que tomou a decisão de voltar a ser morena, visto que **hoje as morenas tem espaço garantido** entre as preferências dos homens.

No segundo depoimento citado, a entrevistada contesta a ideia da primeira, ao dizer que passou a chamar mais a atenção dos homens após tornar-se loira. No entanto, assim como no primeiro caso, se pode verificar a intenção de agradar ao sexo oposto por meio de sua aparência física. Essa ideia de estar sempre bem apresentável também é justificada por meio de sua profissão (modelo), no entanto, a escolha da cor dos cabelos parece ter por objetivo sentir-se mais segura na conquista dos homens. Ideia que também é sustentada no depoimento a seguir:

“O sacrifício compensa. Até porque a aparência é essencial quando você não conhece a pessoa.”

(Revista Mulher, 17/08/2008, p. 07) (ANEXO V)

Ao falar sobre a prática da musculação, a entrevistada afirma, de maneira explícita, sacrificar-se para manter boa aparência e, dessa forma, ter mais sucesso na conquista. A mulher argumenta que, antes de conhecer a pessoa, a aparência física é o que chama a atenção, de onde se pode inferir que, para ela, o primeiro aspecto observado nos homens é o físico. Dessa forma, ela justifica o **sacrifício** de sua dedicação para a obtenção de um corpo em conformidade com os padrões mais aceitos na contemporaneidade, para satisfazer um possível pretendente e não por uma questão de saúde ou para sentir-se bem consigo mesma. O que destoa da prática da revista como um todo, em que questão da beleza física é muito abordada associada aos vários setores de atuação da mulher contemporânea, sendo que a maneira mais recorrente é justamente a beleza como consequência de uma vida saudável, de bons hábitos, de prática de esportes etc.

A matéria a seguir, que trata sobre a prática do boxe, por mulheres, pode elucidar de maneira satisfatória a forma de abordagem dada, na *Revista Mulher*, a este assunto:

“É uma atividade muito aeróbica, excelente para perder peso e bem diferente das aulas monótonas de academia. Sinto-me bem condicionada fisicamente, além de também aliviar bastante o estresse do dia-a-dia’, comenta. Em quatro meses, ela já conseguiu sentir a diferença na balança e na hora de vestir as roupas, pois perdeu seis quilos. ‘Estou feliz e satisfeita. Saio das aulas mais leve e disposta para encarar a rotina””.

(Revista Mulher, 07/09/2008, p. 13) (ANEXO W)

Como se pode observar, a prática do boxe é indicada para as mulheres, ressaltando-se os benefícios que proporciona tanto para o corpo, quanto para a mente de quem pratica. Por meio do depoimento da entrevistada, tem-se acesso à rotina intensa de tarefas das mulheres contemporâneas e do estresse que tal rotina ocasiona. A prática de esportes é então sugerida como uma maneira de espairecer e de ajudar à mulher a manter-se saudável. Aliada a isso está a questão da beleza física, quando a entrevistada afirma estar satisfeita com a perda de peso, por exemplo.

Essa questão do bem-estar, da saúde da mulher, no entanto, não raramente é abordada na revista, associada também à relação com o sexo oposto. O bem-estar feminino, em alguns momentos, também parece estar associado ao sucesso em sua vida sentimental, conforme se pode observar no caso a seguir:

“Se o remédio é para parar de comer, e eu não conseguia parar, achava que nada iria dar jeito no meu caso, que eu ia ficar uma monstra e que nenhum homem jamais olharia para mim. A sorte é que meu médico me indicou um psicólogo, que me ajudou bastante, e um nutricionista fez uma dieta, que não foi fácil de seguir, mas funcionou. Já perdi 30 dos 40 quilos que eu quero perder.”

(Revista Mulher, 03/05/2009, p. 09) (ANEXO X)

Ao tratar do uso dos moderadores de apetite, a entrevistada relata ter tido problemas para perder peso e enfrentar a obesidade. Chama a atenção, no entanto, que atrelada à preocupação com sua saúde está a preocupação de ficar sozinha, de não incitar o interesse em nenhum homem, devido a sua aparência física. Percebe-se, no discurso da mulher, uma tensão entre suas preocupações, que passa pelo

seu bem-estar, mas que, assim como em uma época passada, está relacionada à conquista de um pretendente, ao medo não conseguir um homem.

Nas matérias que tratam sobre moda, sobre a maneira de vestir-se da mulher contemporânea, também pode-se reconhecer esse conflito entre um cuidado da mulher para sentir-se bem consigo e um interesse em agradar ao outro, em especial, aos homens. Como exemplifica o depoimento a seguir:

“Minhas amigas falam que eu faço um estilo perua, mas eu acho que exageram’ brinca. No guarda roupa de Werônica, minissaias, blusas com decotes nos seios ou nas costas e cores vibrantes são fáceis de achar. A bancária, no entanto, toma cuidado para não ultrapassar a linha do sensual para o vulgar. ‘Se for usar decote não uso minissaia e vice e versa’, explica. O salto alto é outra marca registrada de Werônica. ‘Sou tão viciada que às vezes até durmo de salto’, revela. O dinheiro que ganha, a bancária confessa: ‘Gasto quase tudo em roupas e sapato.’ Um dos principais motivos a que Werônica atribui o uso desse estilo de roupa é o clima quente e úmido do Pará. ‘Aqui é muito quente, então temos que achar jeitos de driblar o calor’ diz.”

(Revista Mulher, 11/04/2010, p. 04) (ANEXO Y)

A matéria em questão fala sobre a sensualidade feminina, mais especificamente, das mulheres paraenses. O discurso da entrevistada defende a preocupação em manter uma imagem de mulher sensual, mantendo o distanciamento da vulgaridade, o que revela uma determinada concepção, um determinado julgamento acerca da mulher, baseado nas roupas que veste: para manter a elegância, a sensualidade como algo positivo, é necessário que adéque suas roupas de maneira que não revele muito de seu corpo. Caso aja diferente, a mulher pode ser julgada de maneira negativa.

Por meio do depoimento, também pode-se perceber que a atitude de utilizar a maior parte de seu salário com a compra de roupas e sapatos é julgada de maneira negativa na matéria da revista, uma vez que tal fato é tomado como uma **confissão**, ou seja, como o relato de uma atitude negativa, passível de penitência. Isso revela que, apesar de se defender na revista a emancipação feminina, existe uma delimitação acerca de seus gastos com sua vaidade, com produtos para uso pessoal e individual, em que as extravagâncias não são julgadas como positivas.

Pode-se conceber, portanto, que há ainda um conflito de concepções acerca dos cuidados que a mulher contemporânea tem consigo, em que os cuidados com a aparência, com sua saúde e sua forma de vestir-se são, por um lado, concebidos como uma maneira de a mulher sentir-se bem, estar satisfeita consigo, mas, por outro lado, continuam, assim como em uma época passada, associados ao desejo da mulher de conseguir um companheiro e de garantir uma boa imagem em sociedade. Conforme as ideias expostas de Coracini (2007), no terceiro capítulo, as mulheres ainda são coagidas a sempre estarem bem vestidas, bem arrumadas, passando uma imagem de disposição. Essa atitude revelada por sua aparência não serve para satisfazer somente aos homens, como o marido, mas também para a construção de uma imagem respeitável a seu respeito em sociedade, uma vez que o desleixo feminino nunca fora aceito como atitude feminina, antes com os cuidados com o marido, com os filhos, com sua casa e, hoje, com os cuidados que deve ter consigo.

CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar a constituição de um ethos feminino na *Revista Mulher*, de maneira a identificar, nesta constituição, uma relação interdiscursiva, definindo-o como uma imagem heterogênea. Concebe-se que o ethos, por tratar-se de uma imagem constituída por meio de um comportamento discursivo assumido, assimila o conflito interdiscursivo próprio dos discursos.

O ethos feminino se constituiria, portanto, das tensões geradas pela relação estabelecida entre diversos discursos, dos quais se distinguem dois: o discurso conservador e o discurso contemporâneo. A análise dos dados permitiu conceber que esses discursos mantêm entre si relações variadas, ou seja, na mesma medida em que se confrontam, se opõem em determinados momentos, também podem estabelecer relação de complementariedade, na constituição da imagem feminina.

Por meio da análise do corpus selecionado, é possível depreender que é construído, na *Revista Mulher*, um mundo ético, com base em concepções de quais atividades seriam próprias do universo feminino na contemporaneidade; atividades estas que se organizariam de maneira diferente, mas não totalmente diversa, daquela instaurada em uma sociedade patriarcal.

Por se considerar o ethos como uma imagem construída por meio da tomada de palavra, delimitou-se como corpus de análise, os depoimentos das mulheres entrevistadas que servem para elucidar a abordagem dada nas matérias das temáticas discutidas. Isso implica, no entanto, na construção de um simulacro do discurso das entrevistadas, na medida em que, ao fazer um recorte dos discursos que servirão de ilustração para a matéria, a revista também se posiciona, utilizando, dessa forma, os discursos das entrevistadas para confirmar o seu discurso.

Também é relevante o fato de que a seleção das mulheres entrevistadas se dá por meio da apresentação de características que atendam aos objetivos da matéria – o que implica um ethos pré-discursivo. Dessa forma, a idade, a profissão, as experiências com relacionamentos, a quantidade de filhos, entre outras, são características consideradas nessa seleção. Sendo assim, pode-se considerar que o ethos feminino também é constituído por meio do discurso da revista, por meio da cena em que a revista situa a mulher. A leitora precisaria, portanto, incorporar esta cena construída para inserir-se no mundo ético constituído.

Não se pode ignorar, no entanto, que, ainda que inscritas em uma cena de enunciação que determina em algum grau sua tomada de posição, as mulheres entrevistadas assumem esse posicionamento e por meio de seu discurso dão acesso às concepções concernentes à sociedade de que fazem parte, a respeito dos papéis desempenhados socialmente pela mulher contemporânea. Sendo assim, é possível entrever, por meio de seu discurso, os conflitos interdiscursivos que constituem de maneira heterogênea esse ethos feminino na revista.

A análise da *Revista Mulher* como um todo, permitiu observar que não houve mudanças significativas na prática de se escrever para o público feminino no que confere à seleção dos conteúdos. Da mesma maneira que ocorria quando essa prática teve início – no século XVII, de acordo com Buitoni (2009) – as temáticas direcionadas a este público são diferenciadas daquelas direcionadas ao público masculino, estabelecendo, dessa forma, uma diferenciação entre ambos.

Às mulheres continuam sendo relacionadas questões relativas aos cuidados com a família e com o ambiente doméstico e continuam sendo concebidos como dois dos principais assuntos de interesse feminino a moda e o relacionamento amoroso. Não se pode negar que houve um acréscimo de assuntos, ocasionado pelas mudanças de ordem social, como, por exemplo, as relações da mulher com o mercado de trabalho ou sugestões de sites considerados úteis às mulheres. A abordagem desses novos assuntos, no entanto, se dá, recorrentemente, de maneira a relacioná-los às áreas de atuação feminina mais tradicionais.

O capítulo de análise se constitui das quatro principais áreas de atuação feminina abordadas na revista: sua atuação como profissional, como mãe de família, como companheira e como mulher que cuida de si. A separação dessas temáticas na análise é meramente metodológica, uma vez que todas elas se relacionam entre si na constituição do ethos feminino. O objetivo de tal organização é identificar as tensões sucedidas entre as concepções mais conservadoras e as concepções mais contemporâneas que circundam cada um desses papéis desempenhados, tensões essas que também perpassam em alguns momentos, justamente, pela agregação desses papéis.

Percebeu-se, por meio da análise, que, ao desempenhar o papel de trabalhadora, de uma mulher que se dedica a uma carreira profissional, os conflitos se situam nas seguintes questões: a diferenciação entre homens e mulheres no mercado profissional e o esforço de se negar discursivamente essa diferenciação,

instituída historicamente, do que é trabalho masculino e o que é trabalho feminino; e os conflitos ocasionados pela agregação do papel de profissional ao papel de mãe de família, devido à oposição do discurso conservador que concebe que a principal atividade a ser desempenhada pela mulher são os cuidados com os filhos ao discurso contemporâneo que define a mulher bem-sucedida como aquela que é financeiramente emancipada, aquela que tem uma carreira profissional de sucesso.

No que concerne à constituição da imagem de mulher de família na contemporaneidade, pode-se perceber que o principal papel a ser desempenhado pela mulher permanece o de mãe. A mulher de família parece se constituir da mãe de família. Sendo assim, em alguns momentos, o papel de mãe de família e de profissional parecem ser inconciliáveis.

Percebeu-se que as tensões discursivas se dão em quaisquer das três possibilidades de relação entre esses dois papéis. A mulher que opta por não trabalhar fora para dedicar-se exclusivamente aos cuidados com os filhos, sofre com as coerções sociais que lhe exigem que tenha uma carreira profissional; a mulher que opta por não ser mãe para poder dedicar-se exclusivamente a uma carreira profissional sofre com as coerções mais tradicionais que concebem que o papel natural a ser desempenhado pelas mulheres é o de mãe; e, por fim, a mulher que opta por conciliar os dois papéis, permanece em conflito por se considerar em falta com um ou outro papel em determinados momentos.

Em relação à constituição familiar, percebe-se que, apesar de a revista apontar para uma nova forma de organização, na qual os homens participam mais ativamente das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, por exemplo, a maior responsabilidade por essas tarefas permanece direcionada à mulher.

Por meio da abordagem estabelecida na *Revista Mulher* sobre as relações familiares, pode-se observar que se tenta abranger todas as novas formas de organização, como casais que optam por viver em casas separadas, por exemplo, o que aponta para a construção de uma ideia de “modernidade” na revista. Há, no entanto, uma limitação para essa abrangência, que ainda não considera, por exemplo, as relações homossexuais em sua abordagem. Pode-se inferir um receio do jornal de indispor-se com seu público leitor, por considerar que este ainda é um assunto tabu na sociedade em que o jornal circula.

As relações conjugais acompanham as mudanças na constituição familiar. Defende-se, na revista, tanto a emancipação financeira e sentimental da mulher,

quanto uma atitude mais ativa na relação amorosa, desde o momento da conquista. Os conflitos entre os discursos mais conservadores e os mais contemporâneos, no entanto, também se existem nessas relações e os discursos das entrevistadas revelam esse atravessamento na maneira de conceber o papel da esposa e do marido na relação, suas funções, seu modo de lidar com os problemas etc.

O discurso sobre os cuidados que as mulheres tomam com sua saúde, com seu corpo, com sua estética também são atravessados por posicionamentos diversos. Na *Revista Mulher* aproxima-se a ideia dos cuidados estéticos com o bem-estar da mulher, com uma vida mais saudável, no entanto, verifica-se por meio dos discursos das entrevistadas que esses cuidados também estão relacionados ao desejo de alcançar um determinado padrão de beleza ou, assim como ocorria em uma época remota, conseguir um pretendente.

Observa-se, portanto, que as concepções de uma sociedade mais conservadora permeiam as relações da mulher em todas as suas áreas de atuação na contemporaneidade. Na *Revista Mulher*, há um modo de abordagem dessas relações direcionado para uma “modernidade”, no entanto, a própria organização da revista e os discursos das entrevistadas em seus depoimentos dão acesso a esse atravessamento, afinal, negar um discurso é confirmar sua atualidade, sua presença na constituição dos discursos atuais.

As marcas alcançadas na materialidade linguística dos depoimentos das mulheres permitem uma reflexão acerca da constituição heterogênea do sujeito em sociedade, os conflitos, as coerções de formações discursivas diversas que constituem esse sujeito e de que forma essas coerções determinam seu modo de se posicionar, de agir.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

_____. Enunciação e metaenunciação: heterogeneidades enunciativas e problemáticas do sujeito. In: _____. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: editora da UNICAMP, 1998. p. 177-196.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. In: BRAIT, Beth (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001, p. 07-25.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001, p. 07-25.

_____. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

BUITONI, Dulcília S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CORACINI, Maria José. Discurso de e sobre a (in)submissão feminina. In: _____. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: mercado de Letras, 2007.

COSTA, Nelson Barros da (org.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes, 2005. p. 17-48.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-240.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-56.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Problemas de ethos. In: POSSENTI, Sírio. SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de. (orgs.). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.p. 55-73.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel. SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008c.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 69-92.

MARQUES, Maria Celeste Said S. **Panfletos**: uma leitura sob o olhar de Bakhtin e de Certau. Porto Velho: EDUFRO, 2001. p. 39-59.

MOTTA, Ana Raquel. SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: _____; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. Ed., São Paulo: Cortez, 2006. p. 101-142.

ORLANDI, Eni P. A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 75-88.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p. 59-67.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; KAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997, p. 311-319.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-57.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 607-639.

POSSENTI, S. Observações sobre o interdiscurso. In: **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 153-168.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 578-606.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 578-606.

ANEXOS

“

Trabalho mais de dez horas por dia e ainda tenho tempo para estudar com os filhos e encontrar os amigos.

”



PABLO PINO

Priscilla Heitmann escolheu a engenharia como profissão. Com bom humor, a engenheira de 31 anos vê o lado bom da vida, sempre transformando os aspectos negativos dos problemas – que, para ela, são apenas desafios. “Sou de bem com a vida, pois é na satisfação do que se faz que se conquista as melhores recompensas”, declara. Divorciada, mãe de dois filhos e dona da própria empresa, ela é uma mulher forte. “De sexo frágil não tenho nada. Não nego que dá um trabalho enorme gerir casa, empresa e ainda acompanhar a educação dos filhos, mas graças a Deus, estou dando conta do recado”.

Empreendedora, Priscilla viu na escassez do mercado local de engenharia, há seis anos, a oportunidade do sucesso. “Montei várias frentes de trabalho com equipes próprias de profissionais especializados e vivemos em constante atualização”, explica. A rotina atribulada de trabalho não impede que ela se divirta e aproveite suas duas maiores paixões: os filhos Bernardo e Gustavo.

Mesmo trabalhando dez horas por dia, ela ainda encontra tempo para acompanhar os estudos dos filhos e sair com os amigos. Priscilla não está em busca de outro amor, mas não descarta a possibilidade de encontrá-lo. Casar de novo pode ser apenas uma questão de tempo. “Quero, sim, ter um companheiro para dividir as alegrias, tristezas, me ajudar na criação dos meus filhos, fazer planos para o futuro e viver felizes até que a morte nos separe”, admite.

Priscilla Heitmann é a prova de que as mulheres cada vez mais tomam a dianteira da sua vida, sem medo dos desafios ou de estereótipos.

www.fabiopinafotografia.blogspot.com

SAIA-JUSTA

PRISCILLA
HEITMANN

BASES SÓLIDAS PARA O SUCESSO

A ENGENHARIA É UM RAMO QUE TEM, NA SUA MAIORIA, PROFISSIONAIS DO SEXO MASCULINO. VOCÊ SENTIU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO?

De maneira alguma! Nem preconceito e nem falta de respeito. As engenheiras, com certeza, são minoria, mas já somos um número expressivo e que vem mostrando competência e conquistando seu espaço.

COMO VOCÊ DECIDIU ABRIR A PRÓPRIA EMPRESA?

Trabalhava na administradora de imóveis dos pais do meu ex-marido, acompanhando de perto as ampliações e reformas e fazendo reparos emergenciais nos imóveis. Diante da escassez do mercado, resolvi há seis anos, oferecer todas essas vantagens para o público em geral. Montei várias frentes de trabalho com equipes próprias de profissionais especializados, contando com a parceria de grandes empresas do setor, vivemos em constante atualização.

QUAIS FORAM OS SEUS PRIMEIROS TRABALHOS?

Fomos contratados para executar os atendimentos emergenciais das seguradoras de Belém até Castanhal. Fizemos grandes parcerias com arquitetos renomados, orçando e executando seus projetos arquitetônicos. Uma grande carteira de clientes que se fidelizou com nossos serviços, desde serviços básicos para o lar, como simples fixação de quadros e cortinas, limpeza pós-obra, conserto de eletrodomésticos, hameiros e vidraceiros, até construções em geral.

COMO É SER DIVORCIADA, TER QUE CUIDAR DE DOIS FILHOS E GERENCIAR UMA EMPRESA?

A condição de divorciada não muda em nada a minha rotina. Fácil com certeza não é, mas nós mulheres conseguimos fazer muitas coisas ao mesmo tempo. E diria que de sexo frágil não tenho nada. Não nego que dá um trabalho enorme gerir casa, empresa e ainda acompanhar a educação dos filhos, mas, graças a Deus, estou dando conta do recado, pois além de muita disposição, tenho equipes especiais e muito competentes, tanto em casa, quanto na empresa. Aí tudo fica mais fácil.

VOCÊ NÃO TEM MEDO QUE SUA ROTINA INTENSA ATRAPALHE A VIDA SOCIAL?

De forma alguma, dá para conciliar os dois. Trabalho mais de dez horas por dia e ainda tenho disposição para estudar com os filhos, levá-los as atividades esportivas e ainda dar uma esticadinha para encontrar com amigos. Eu me dedico demais ao trabalho, mas meus filhos são a prioridade na minha vida. Organizo meus horários respeitando os deles, afinal, eles são a razão do meu viver e meu maior motivo de orgulho e alegria.

O QUE VOCÊ FAZ PARA SE DIVERTIR?

O dia-a-dia já é uma atração a parte, afinal, lido diariamente com muita gente e tenho que me dividir entre a administração do escritório, visitar e fiscalizar obras, colégio e esportes dos meus filhos. É uma correria, mas me divirto de verdade nessa loucura diária. Fora isso, viajo bastante, saio com amigos e faço reuniões semanais em família que meus filhos já batizaram de "Dia de todo mundo", pois junto todos os avós, meus irmãos, cunhado e sobrinho e fazemos uma farra.

VOCÊ ESTÁ EM BUSCA DE UM NOVO AMOR?

Em busca não estou, mas sei que ele vai me encontrar.

DEPOIS DO DIVÓRCIO, VOCÊ ACHA QUE É UMA MULHER DIFERENTE? POR QUÊ?

Definitivamente sim. Foi um processo muito doloroso, mas que me engrandeceu profundamente, pois foi na dor que descobri em mim uma Priscilla que não conhecia. Dediquei-me ao trabalho e aos meus filhos, me fortaleci como pessoa e profissional. Hoje sou uma mulher decidida, capaz e, o melhor de tudo, bem humorada.

QUAIS OS SEUS PLANOS PARA O FUTURO?

Quero viver um dia de cada vez e ver meus filhos crescendo saudáveis e felizes. Quero trabalhar cada vez mais, continuar crescendo e expandindo meus negócios e viajar muito.

QUAL O SEGREDO PARA GERENCIAR UMA EMPRESA?

Não acredito que tenha um segredo, acredito, sim, que faz diferença ter profissionalismo, simpatia, responsabilidade, bom humor e uma boa equipe com profissionais qualificados objetivando cativar sempre nossos clientes com bons serviços.

QUAIS OS ATRIBUTOS FEMININOS QUE VOCÊ ACREDITA QUE AJUDAM COMO PROFISSIONAL?

Meu bom humor e tranquilidade são minhas marcas registradas! A dedicação, persistência e a vontade de fazer bem feito me impulsionam.

PRETENDE SE CASAR DE NOVO? TER MAIS FILHOS?

Claro! Não é porque me decepcionei com a primeira experiência que vou deixar de acreditar no casamento.

CE CENTRO DERMATOLÓGICO E ESTÉTICO
DRA. CÉLIA MACEDO

Dra. Flavia Macedo CRM 7918	Dra. Celia Macedo CRM 1007
<ul style="list-style-type: none">• Thermacool p/ flacidez• Accent p/ flacidez• Laser p/ depilação definitiva• Laser p/ rejuvenescimento• Laser p/ manchas	<ul style="list-style-type: none">• Botox• Sculptra• Clear Peel (Peeling cristal)• Hidratante injetável• Preenchimento• Terapia Fotodinâmica

Tecnologia a serviço da beleza!

Rua Diogo Mória, 1022 • (91) 3230 0712 • 3230 0845 • 8121 4304
www.celiamacedo.com.br • atendimento@celiamacedo.com.br



RELAÇÃO

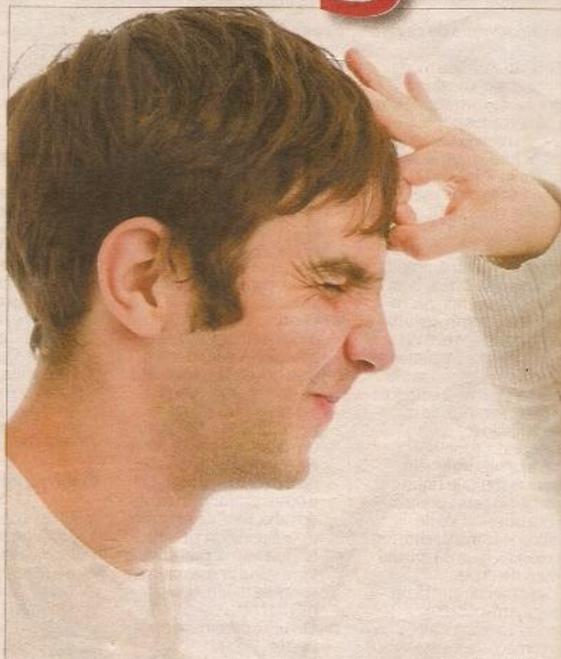
COBRANÇA

Por mais inteligentes, evoluídas, modernas e independentes que as mulheres possam ser, quando entramos num relacionamento esperamos alguma coisa do nosso companheiro. E, a complicação começa quando percebemos que ele não está dando exatamente conta do recado, das menores às maiores carências, mesmo que momentaneamente. É a frequência sexual, a intensidade da atenção dispensada, a presença física, o companheirismo, a paciência. Quando isso acontece, é quase sempre inevitável que surjam as cobranças, dividindo a relação: de um lado, o suposto devedor, que nem sempre pode pagar o valor cobrado. De outro, o cedente que, muitas vezes, já está com a corda no pescoço. Nessas horas, o jeito mesmo é sentar e negociar a dívida, com sinceridade, antes que a única solução seja a de decretar a falência.

Cobranças podem levar qualquer relacionamento, não só os amorosos, ao colapso. É uma situação que angustia os envolvidos nele e, na maioria das vezes, só chega

a tona depois de um desgastante período de atuação velada. A gerente Ana Rosa comenta que, toda vez em que se sente carente, só falta fundir cabeça e coração para conseguir encontrar uma solução para o problema. "Não consigo chegar e dizer: 'olha, estou precisando de mais carinho, de mais presença sua'. Porque acredito que o que estou recebendo naquele momento do outro é o que ele pode e consegue me dar. Tenho muito medo de tolir a vontade do outro num relacionamento porque prezo muito isso. É um conflito insuportável", revela Ana Rosa. Diante das suas dificuldades, ela prefere suprir o que está faltando buscando se satisfazer de outras formas. "Nesses períodos, em geral, me dedico mais ao trabalho, ou invento uma atividade física, aulas de alguma coisa. Prefiro fazer isso, do que encostar o outro na parede", acredita ela, garantindo que a tática tem sido eficiente.

A assessora Gabriela Moreira passou por experiências traumáticas sobre o assunto. Na opinião



Cada moda tem o seu estilo.
Todos eles você encontra na Blz.



Av. Gentil Bittencourt, 768 • (91) 3223-4301

EMOCIONAL



dela, a saúde do relacionamento é mantida pelo respeito à individualidade e as cobranças são verdadeiros atentados a essa liberdade. “Eu entendo que haja essa necessidade às vezes, porque criamos expectativas que nem sempre são atendidas. Mas não suporto um homem do meu lado me exigindo presença, que eu abra mão das minhas coisas para satisfazer carências dele. Pode parecer egoísmo, mas não acho que as coisas se resolvam dessa forma. Claro que existem momentos em que é preciso ceder, mas o outro tem que ter o bom senso de perceber até quando esse ceder é uma violação do mundo dele”, opina.

Para a secretária Tânia Martins, as cobranças, são soluções perfeitamente cabíveis e funcionam como um alerta. “Tem cara que vacila mesmo, aí você tem que chamar a atenção, dar bronca. Se ele achar que não vale a pena mudar, um beijo e tchau. Não perco tempo com quem não tem sensibilidade de perceber e entender do que eu preciso”, garante.

Para os psicólogos, não há mesmo nada mais destrutivo e, no entanto, usual nos relacionamentos de que as cobranças. Elas são inevitáveis, no menor grau que seja. Entretanto, por mais que relacionamentos envolvam expectativas, a mulher não pode exigir da pessoa perfeição, a completude, embora seja exatamente isso o que, inconscientemente, muitas procuram. Por esse motivo que, quando a cobrança chega textualmente, a carência já está no limite. Porque, antes disso, vai-se um período de expectativa de que o outro perceba do que estamos sentindo falta e supra essa nossa carência exa-

tamente da maneira que a gente quer. E isso quase nunca acontece.

E aí, a conversa sobre o assunto já vem carregada de angústia, e decepção, o que só prejudica a negociação da dívida. Os especialistas concluem que ninguém deve exigir um modelo de retorno afetivo. É claro que, quando se falta com o respeito, com carinho, é preciso uma atitude. Mas o que é importante entender é que nem sempre nossas carências individuais provêm da relação afetiva. Por isso, não há nada melhor do que o diálogo a dois, aberto, para a compreensão e a resolução dos problemas.

Dr. Rosival Nassar
CRM2256

Centro de Reprodução
nascere

(91) 3241-9244 - Belém • (92) 3642-0907 - Manaus
www.centrodereducaoascer.com.br

Bio OrtoMedNatural
ASSESSORIA

ESPAÇO SAÚDE, VIDA É BEM ESTAR

CUIDANDO MAIS DO SEU CORPO E EQUILÍBRIO

RPG, PILATES SOLO E DERMATOFUNCIONAL

- Treinamento funcional
- Reabilitação pós operatório
- Monitoramento com personal
- Hidrolight e Hidroterapia
- Psicologia (acompanhamento bariátrico, emagrecimento e pós parto)

you mais magra e jovem neste verão

- Consulta e avaliação ortomolecular
- Estética tradicional e ortomolecular
- Pré e pós operatório com monitoramento alimentar
- Dietoterapia bariátrica
- Emagrecimento com acompanhamento terapêutico

Laser de CO2

- Remoção de tatuagem
- Manchas • Depilação definitiva
- Sequelas de acne • Estrias • Varizes

Fones: 3081-0919 / 8144-4073
Av. Conselheiro Furtado, 2391 - Sala 409

BREVE EM NOVO ENDEREÇO

A terapia do cartão



Só as mulheres sabem como, às vezes, a carência vem violenta. Umás horas, é falta de abraço, outras, de certas palavras de incentivo ou mesmo de companhia para ouvir suas lamúrias. Enfim, o que não falta dentro da mulherada é buraco para ficar vazio. Cada um se vira como pode ou consegue para tentar preenchê-los, só que nem sempre o reboco cai sob medida. Aí, a máxima que diz que a felicidade é uma ilusão do capitalismo se abre como um lindo dia de sol à frente delas, pronto para ser aproveitado numa saída às compras. Afinal, atire a primeira nota fiscal quem nunca supriu suas carências com algum tipo de impulso consumista. Tudo bem, isso pode até ser saudável algumas vezes. O problema é virar vício ou gerar outra carência, a financeira. E essa não pode ser resolvida com mais contas a pagar.

Numa rápida e despretensiosa pesquisa, descobrimos que, nesses momentos de fúria de consumo, as mulheres preferem as roupas. Além de suprirem a necessidade de se

dar um presente, elas ainda embelezam e ajudam a dar um empurrãozinho na autoestima. “Não posso ir ao shopping se estou um pouquinho mais pra baixo! Meu cartão de crédito chega a ficar cansado! Eu saio sempre com alguma roupa. Me dá uma felicidade, mesmo que momentânea, aquela compra, ter aquela peça nova, fora que eu fico me sentindo mais bonita, pode ser, inabalável.

Depois, quando chega a conta, eu me resolvo”, garante a relações públicas Laura Nabuco. Outra que não consegue resistir à tentação é a dona de casa Silvana Maia. Ela está até hoje pagando as parcelas do fim de seu último namoro, em março desse ano. “Saí no dia seguinte e comprei tudo no supermercado: comida, até roupas como calças, blusas, sutiãs, almocei em lugar caro, fiz o diabo. Não vou dizer que me arrependo porque adoro tudo o que eu comprei, mas não precisava ter sido numa tacada só. Só sei que eu estava muito abalada e aquilo me fez ser melhor”, reconhece ela.

O segundo caixa preferido pelas mulheres para deixar dinheiro em momentos de capengue sentimental, é o do salão de cabeleireiro. Novamente, se sentir mais poderosa e bonita é o objetivo. “Tem uma coisa no salão que me agrada muito quando eu estou carente é que eles te mimam. Fica uma em cima no cabelo, outra ajoelhada na sua frente fazendo a unha, outra que te pega pra oferecer um cafezinho, tem a que te lava a cabeça. É ótimo, me sinto muito paparicada, o centro das atenções”, diz a agente de turismo Olívia Siqueira. Para quem está insatisfeita com a vida, o salão também pode ser um ótimo começo para

de crédito

Muitas mulheres reconhecem que, para compensar alguma carência, gastam muito com o 'dinheiro de plástico'

dar a virar o jogo. "Sempre que estou insatisfeita comigo, vou ao salão e saio mais confiante. Fico me sentindo diferente, o que é maravilhoso para quem está querendo mudar alguma coisa na vida e não sabe por onde começar", assume a recepcionista Kelly Ramos.

Existem também aquelas que conseguiram encontrar comunicações mais objetivas e particulares entre carência e consumo. Muito citados em nossa pesquisa, os potinhos plásticos herméticos conhecidos como Tupperware, fazem a alegria de uma faixa emocionalmente desorganizada mulherada. "Quando estou deprimida, entro numa loja de departamentos e gasto uns R\$ 50 em potinhos. De tempos em tempos, renovo os da minha casa. Um amigo meu diz que isso é a tradução da minha dificuldade em conservar o cari-

nho e a atenção que as pessoas me dão. Não sei se é viagem dele, mas até que faz algum sentido", acredita a designer gráfica Marcela Lino. "Se a deprê é em menor escala ou eu estou num lugar em que não tenha potinhos para vender, me satisfaço com dois chicletes, mascando até doer o maxilar. Tudo bem, eu não sou normal mesmo", diz-verte-se ela.

Já os psicólogos garantem que tudo isso é sim, bastante normal. Para eles, comprar é uma forma mais rápida e prática de preencher espaços vazios, sem depender do outro. Já que está faltando alguma coisa que eu não posso ter, eu me dou alguma coisa, algum presente, que possa fazer com que eu não me sinta tão vazio. É mais fácil porque só se depende de si e mata-se a ansiedade rapidamente. Só é prejudicial quando vira um mecanismo de vício, porque fica um movimento de perseguir eternamente a ansiedade. Momentos de carência, além de teoricamente bons para ir às compras - que nosso dinheiro não nos ouça - são ainda as melhores oportunidades de se conhecer. Deixar o shopping de lado e ter uma conversa franca com si mesma pode não ser tão prático, mas acaba saindo bem mais em conta.

DESTINO

A SENSIBILIDADE DE CÂNCER

O signo de câncer pertence ao elemento água e isso representa na relação sentimental uma forte imaginação, sensibilidade emotiva e o desejo de segurança material. Não se pode esquecer que o regente deste signo é a Lua, o que lhe confere uma natureza emocional, oscilações de comportamento, apego a raízes, dentro de uma forte necessidade de construção material como forma de resguardar sua segurança.

Por sinal, a casa para os cancerianos tem uma dimensão que vai além do simbolismo material. Ela representa proteção, segurança ligada com o passado com objetos que remontam suas memórias. E olha que cada objeto guardado tem uma relação muito forte com a pessoa do canceriano. No fundo eles são conservadores. Se be que a palavra conservar possui um significado muito especial para eles, tanto socialmente quanto sentimentalmente. Mas vamos ver como é a natureza amorosa da mulher e do homem de câncer.

MULHER DE CÂNCER

Para quem tem a idéia de que as cancerianas sejam pela própria característica do signo eternas mães, boas cozinheiras e lidam muito bem com as prendas do lar, acertou, em parte. Por trás de uma vida ligada ao cotidiano doméstico existe uma mulher que para fluir e funcionar precisa criar e viver emotivamente com a sua natureza. Elas podem até gostar de cozinhar e de se dedicar aos afazeres domésticos, mas isso não significa que não tenham suas ambições pessoais.

Por isso, quando os filhos crescem e seguem suas vidas, algumas cancerianas entram na famosa crise de identidade. Este acontecimento é muito natural nas pessoas que atingem a meia-idade. No fundo, é como se a vida dessas pessoas começasse somente a partir daquele momento, pois a primeira parte foi toda dedicada instintivamente à família. As cancerianas vivem quase um dilema entre ser a mãe e a eterna criança. Essa natureza é nada mais que a essência indivisível do feminino deste signo.

HOMEM DE CÂNCER

Quem quiser se relacionar com o homem de câncer tem de estar preparado para lidar com um fato: sua relação com a mãe. Inclusive, tal relação pode ter sido boa ou ruim, mas isso influenciará de uma forma ou outra no seu relacionamento com a pessoa amada. O mito da super mãe uma hora ou outra acontecerá e ninguém escapa. Isso acaba sendo natural, considerando as características sentimentais que norteiam a vida dos cancerianos. E como isso acontece? Os cancerianos possuem uma necessidade por atenção e de proteção. Acaba que tentarão buscar na pessoa amada esse apoio, mesmo que inconsciente.

É muito comum ver os cancerianos casando jovens, ou seja, aqueles que possuem uma boa relação com a mãe. Casam geralmente perto dos vinte e cinco anos, pois desejam formar uma família e desempenham muito bem a posição do pai protetor. O contrário, por exemplo, aqueles que têm uma relação negativa com suas mães, geralmente casam mais tarde, como forma de não se comprometer, o que revela certo medo das mulheres. O canceriano é um ser complexo e possui nuances que somente quem convive com ele saberá decifrar e revelar para ele mesmo.

RUI PAIVA

Astrólogo
rupaiva@bol.com.br



CENTRO DERMATOLÓGICO E ESTÉTICO
DR.ª CÉLIA MACEDO

Use a tecnologia a favor do seu corpo!

ACCENT-PRO - Flacidez e gordura localizada

DREAM HEALTHER/PLATAFORMA VIBRATÓRIA - Perda de peso praticando apenas 20 minutos

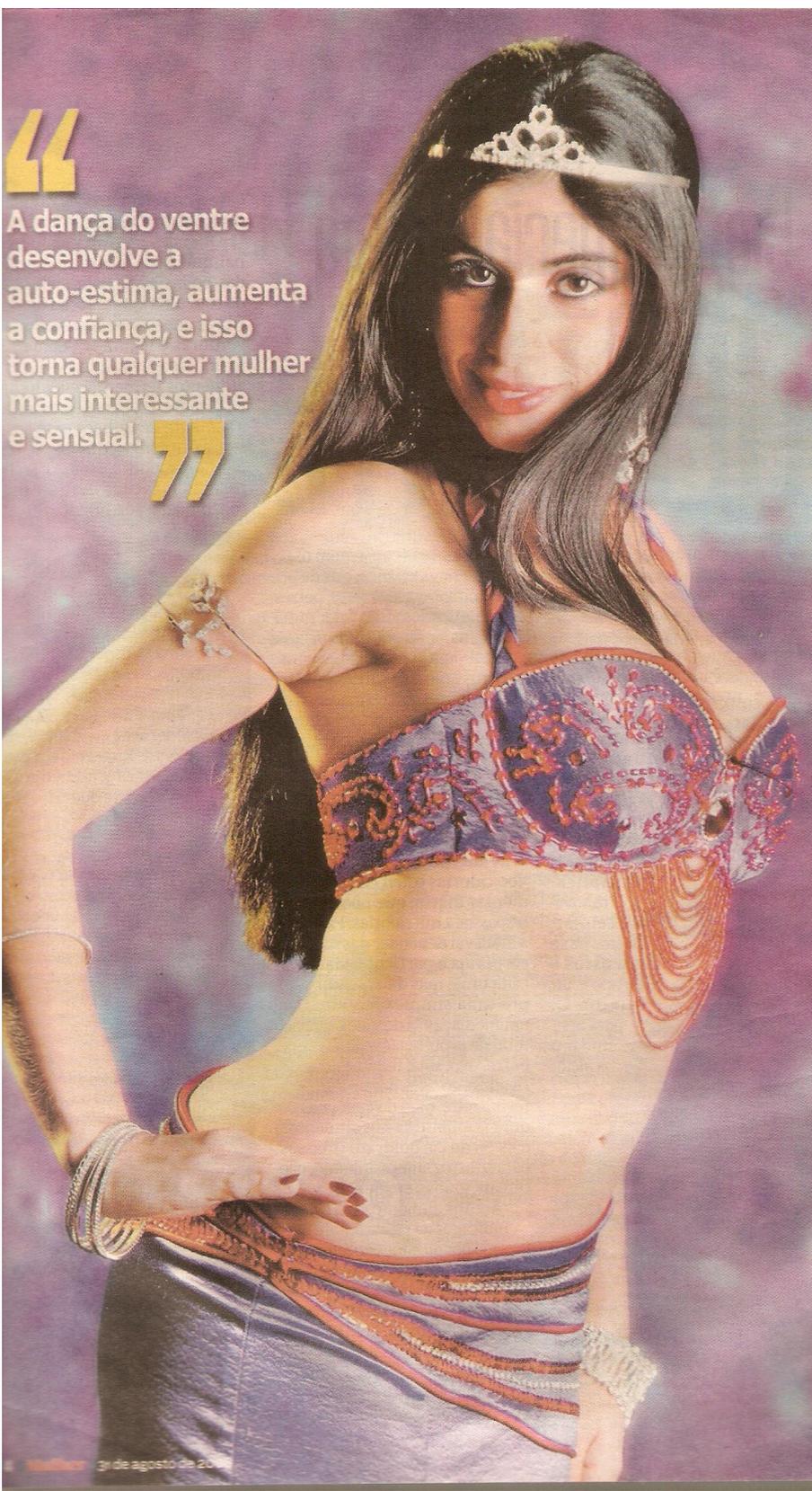
DHERMIA - Celulite e tonificação da pele

Fios • Carboxiterapia • Manthus • In-dermolaser

Rua Diogo Mória, 1022 • (91) 3230 0845 • 8121 4304

www.celiamacedo.com.br • atendimento@celiamacedo.com.br

Marque uma avaliação com a fisioterapeuta



“
A dança do ventre desenvolve a auto-estima, aumenta a confiança, e isso torna qualquer mulher mais interessante e sensual.”

Muitas mulheres em uma só. Assim se define Ludmilla Raissulli, 27, advogada, graduada pela Universidade da Amazônia (Unama), bailarina profissional de dança do ventre, além de mãe de uma menina de 3 anos e esposa dedicada. Casada há quatro anos, Ludmilla tem como maior inspiração a mãe, a qual define como o seu melhor exemplo de mulher. A paixão pelo balé começou bem cedo. Queria fazer dança desde criança e teve o pedido atendido aos 7 anos. Começou no balé clássico com a professora Vera Lúcia Torres. “Eu me apaixonei muito cedo pela dança”. Como bailarina, Ludmilla relaxa para compensar todo o estresse causado praticando a advocacia.

De olho no futuro, ela e o marido começaram a construir um espaço no Umarizal, que vai abrigar os projetos vindouros do casal. “Por enquanto, estou recebendo muitos convites para levar a dança do ventre para eventos”, revela Ludmilla. A bailarina também faz apresentações frequentes no restaurante Kafta’s e está de viagem marcada para o Workfest, um evento com a renomada bailarina Soraia Zaied, no qual irá se apresentar. Assim que retornar, Ludmilla embarca para o Egito e Turquia, para aperfeiçoar ainda mais sua dança.

SAIA-JUSTA

LUDMILLA
RAISSULLI

EM DEFESA DA DANÇA DO VENTRE

○ O QUE FAZER PARA NÃO “DANÇAR” NO TRIBUNAL?

Advogados sempre estão “dançando” nos tribunais. Ora dando shows, ora fazendo seus clientes “dançarem”. O importante é dançar conforme a música, buscando sempre os aplausos.

○ A DANÇA DO VENTRE AJUDA NA HORA DE “APIMENTAR” O CASAMENTO?

A dança do ventre pode realçar ou fazer aflorar a sensualidade de qualquer mulher. E com certeza pode trazer surpresas dentro do relacionamento conjugal. Muitas mulheres procuram a dança do ventre com este objetivo e acabam descobrindo muito mais.

○ VOCÊ PRETENDE QUE A SUA FILHA SIGA ALGUMA DAS SUAS DUAS PROFISSÕES?

Minha filha é muito esperta, muito inteligente. Ela veste com a mesma facilidade as fantasias da bailarina e do homem-aranha! Desde os 2 anos, ao escutar música clássica, ela passou a desenvolver, por si só, pequenas coreografias de balé de modo surpreendente. Na verdade, quero que ela seja feliz e realizada naquilo que fizer.

○ COMO VOCÊ SE SENTE MAIS REALIZADA, COMO ADVOGADA OU COMO BAILARINA?

Com certeza, como bailarina, pois, ao contrário da advocacia, a dança só desestressa.

○ QUAL A OPINIÃO DO SEU MARIDO SOBRE AS SUAS APRESENTAÇÕES? ELE TEM CIÚMES?

Meu marido é meu maior incentivador a seguir carreira como bailarina, apesar de ele ser advogado militante há 15 anos. Acho que meus irmãos têm mais ciúmes do que ele. Mas não há como ele ter ciúmes porque a dança do ventre é uma arte requintada, como a cultura árabe em geral. Na dança que eu apresento, não há nada de vulgar ou de sensualismos apelativos. Busco fazer prevalecer a elegância e a sensibilidade em cada movimento. A dança do ventre é muito apresentada em eventos familiares.

○ É MELHOR SER SEXY NO TRIBUNAL OU FORMAL NA DANÇA?

Quem advoga seriamente não busca utilizar sensualidade. Já, na dança, formalidade faz perder a espontaneidade que dá graça e leveza ao corpo.

○ ALGUM FATO ENGRAÇADO JÁ ACONTECEU ENQUANTO VOCÊ SE APRESENTAVA?

Durante alguma apresentação não. Mas depois, já vieram perguntar de que país eu era e se eu falava português. Também teve uma senhora que quis comprar a roupa que eu estava usando, queria levar para filha dela, mesmo toda suada!

○ A DANÇA AJUDA VOCÊ A USAR A SUA SENSUALIDADE? COMO VOCÊ APLICA ISSO NA SUA VIDA?

A dança do ventre desenvolve a auto-estima, aumenta a confiança e isso torna qualquer mulher mais interessante e sensual. Acabei de lançar um site, www.bailarinadoventre.com.br, em que dou dicas sobre sensualidade na dança e na vida.

○ QUE QUALIDADES VOCÊ ACHA QUE LEVAM AO SUCESSO PROFISSIONAL?

Como bailarina, às minhas características mediterrâneas. As pessoas pensam que eu tenho origem sírio-libanesa, o que facilita a associação com a dança do ventre, embora eu seja descendente de imigrantes do sul da Itália. Outra qualidade é minha formação em dança, que vem desde criança.

○ COMO VOCÊ SE DEFINE?

Um trecho do livro “O Viajante”, de Khalil Gibran, reflete um pouco de mim: “... a alma do filósofo habita sua mente, a alma do poeta habita seu coração, a alma do cantor habita sua garganta, mas a alma da bailarina habita todo o seu corpo”.

○ SÓ A DANÇA BASTA PARA MANTER A FORMA?

A dança faz uma boa parte: queima calorias, melhora a circulação sanguínea, afasta a celulite, melhora a postura, dá tônus muscular... Mas ela deve ser acompanhada de uma alimentação correta e natural. As gordurinhas geralmente não são problema para quem faz dança do ventre.

○ VOCÊ SEMPRE QUIS SER ADVOGADA?

Fui funcionária do Banco do Brasil por sete anos, fiz a faculdade trabalhando, queria algo melhor. Logo que terminei a faculdade, larguei o banco para ser advogada.

○ QUAL SEU LEMA DE VIDA?

Deus acima de todas as coisas. Ele tem preparado algo muito especial para cada um de nós.

 **SPAmazônia**
Clínica de Estética & Saúde de Beleza

Espaço Bem Oiver

A SPAmazônia garante a perda de 5% do seu peso ou medida em 20 dias ou seu dinheiro de volta. Aqui sua meta é garantida.

AVALIACÃO GRÁTIS

Estética Facial e Corporal • Odontologia
• Podologia • Estética Ortomolecular •
Tratamentos (Plástica Consultas) •
Acupuntura e Osteopatia (E. O. M. A.) •
Preenchimento de Rugas e Lábios •
Botox • Maquiagem definitiva • Chocofango
(Hidratação profunda) • Unhas de gel.

Av. Nazaré, 777 • Fone: (91) 3212-4560 / 3087-7187
Galeria do Hilton • Fone: (91) 3212-5319
Alm. Carmo, 4750 • Fone: (91) 3083-8986 / 8838-8373

SPAmazônia
Resultado é o que importa

ODONTOLOGIA

Dr. Antônio Adolfo Albuquerque - CRO-PA.1294
Dr. Nancy Brito Galvão - CRO-PA.1761
Dr. Denise Lins Faraco - CRO-PA.182

✓ Implantes ✓ Estética dental
✓ Próteses ✓ Clareamento

Trav: São Pedro, Ed. Carajás, 566 - Sala 601
Fones: 3242-4341 / 3087-7101

“

Não existe segredo para uma relação. Basta querer, acreditar e deixar acontecer.

”

Com vocação para liderança, Pamela Silva administra sua vida com sucesso. Aos 23 anos, a jovem estudante de administração encontrou no marketing a sua paixão, tanto, que usa elementos da própria profissão diariamente, no cotidiano. “Procuro aplicar a gestão de pessoas, porque temos de lidar com pessoas em todos os lugares e em qualquer situação”, diz. Assim que terminar o curso, Pamela pretende se especializar e fazer sua pós-graduação em São Paulo, onde ela acredita que terá uma melhor formação.

A idéia de morar sozinha e em uma cidade estranha ainda está amadurecendo. “Sou muito ligada a minha família, aos meus amigos e a minha casa. Morar sozinha seria no futuro, somente para aprimorar os meus estudos”, explica. Sempre preocupada com a sua boa forma, ela procura levar uma vida saudável com a prática de exercícios. Por causa de tanta dedicação à saúde do corpo ela revela que chegou a pensar em fazer nutrição. Seu destino, porém, era mesmo a administração.

Ela adredita que o mercado que está prestes a disputar é bem amplo e também muito competitivo, mas diz que aposta no conhecimento, visão futura e vontade para vencer esse desafio. “Sou feliz e satisfeita com a vida que tenho: saúde, estrutura familiar e amigos. O que às vezes me faz falta é uma irmã para compartilhar meu dia-a-dia, mas tenho amigas que posso dizer que são como irmãs, que acabam suprimindo a minha vontade”, diz.

PERSEVERANÇA

VOCÊ SEMPRE QUIS SER ADMINISTRADORA?

Inicialmente, o meu objetivo, quando fazia o primeiro ano do ensino médio, era fazer nutrição, mas muito mais porque sou ligada em ter uma alimentação e corpo saudável e curiosa em saber o que os alimentos nos proporcionam de positivo ou negativo para a melhor qualidade de vida. Ao chegar ao convênio, minha visão mudou, comecei a ter interesse em cálculos, administrar e liderar. Acredito muito nesse mercado, que é bem amplo e competitivo, pois vencerá aquele que tiver mais conhecimento, uma visão futura e uma vontade de sempre querer mais.





“

A odontologia
é uma arte,
cujo dom é o de
devolver a beleza
do sorriso às
pessoas.

”

FABIO PINA

Carolina Souza vive um sonho. Cuidando dos preparativos para o seu casamento, a cirurgiã dentista de 27 anos tenta conciliar a atribulada vida profissional, o matrimônio e a conclusão de seu mestrado em ortodontia, que faz em Campinas (SP). “O tempo em que estou em Belém tem que ser todo planejado, para que eu consiga escolher os detalhes perfeitos da minha festa, e atender com qualidade todos os meus queridos pacientes”, revela.

Carolina conta que ainda não percebe a dimensão do que está por vir, e diz ter encontrado o seu príncipe encantado. Esse encontro fez com que ela pensasse na realização de um outro sonho, o de ter filhos. “Posso dizer que é a coisa que mais desejo no momento”, fala, animada. Completamente apaixonada, a dentista é uma animação só, e conta os minutos para a sua grande festa.

O desejo de se tornar odontóloga veio com a mãe. Sempre ligada a atividades como desenho e pintura, a mãe a convenceu de que daria uma boa profissional, pois, segundo ela, a prática da ortodontia é uma arte. Carolina diz que não se vê exercendo outra profissão, porque simplesmente ama aquilo que faz.

Para se distrair, Carolina procura estar sempre perto do noivo e dos amigos. O seu grande hobby é a música. Ela conta que adora cantar, mas ressalta: “Não é nada profissional, é apenas algo que gosto de fazer”. Por influência do pai, que é um apaixonado por música, ela fez aulas de piano e canto lírico. “Um dos melhores momentos da minha semana em Belém é quando sento na frente de um vídeokê, com o meu pai, e cantamos até perdermos a voz”, brinca.

www.fabiopina.blog.br/wfu.blogspot.com

CUIDADOS

A mulher de hoje, tão dividida entre a vida familiar e o trabalho, não pode se descurar da beleza também no momento da gravidez. Bonita dos pés à cabeça: é assim que as gestantes também querem se sentir. Como a gestação é uma etapa de grandes transformações físicas e mentais, em determinados momentos, a mulher se sente poderosa e insubstituível, mas, em outros, pode se sentir mais frágil do que um cristal. Há maneiras, porém, de manter a beleza e, claro, a saúde nessa época tão especial.

Os cuidados começam com uma alimentação saudável, exercícios físicos adequados e uso de proteção solar. Dicas de beleza e cuidados com sua qualidade de vida podem ajudar você nesse período de espera e fazer dele algo inesquecível, sem deixar de herança, por exemplo, estrias, quilos extras e manchas pelo corpo. O médico obstetra Hugo Sabatino explica que a auto-estima da mulher pode ser extremamente impactada durante a gravidez e que muitas gestantes têm dificuldade de se sentirem bonitas com aquele "barrigão".

"O primeiro passo para evitar problemas como esses é aceitar a gestação como um processo natural. Este período deve ser respeitado em todos os sentidos, e os cuidados vão desde a adoção de uma alimentação saudável à aceitação das modificações no corpo e na mente da mulher, inclusive por parte do parceiro", orienta. Segundo ele, para não sofrer com preocupações e ansiedade, as gestantes devem ter um acompanhamento múltiplo, ouvindo orientações de profissionais como médicos, nutricionistas e psicólogos.

PESO

A alimentação saudável durante este período é fundamental. A futura mamãe precisa priorizar a boa formação do bebê, mas deve se empenhar para não ganhar peso em excesso durante a gestação e manter-se bela após o parto. "O

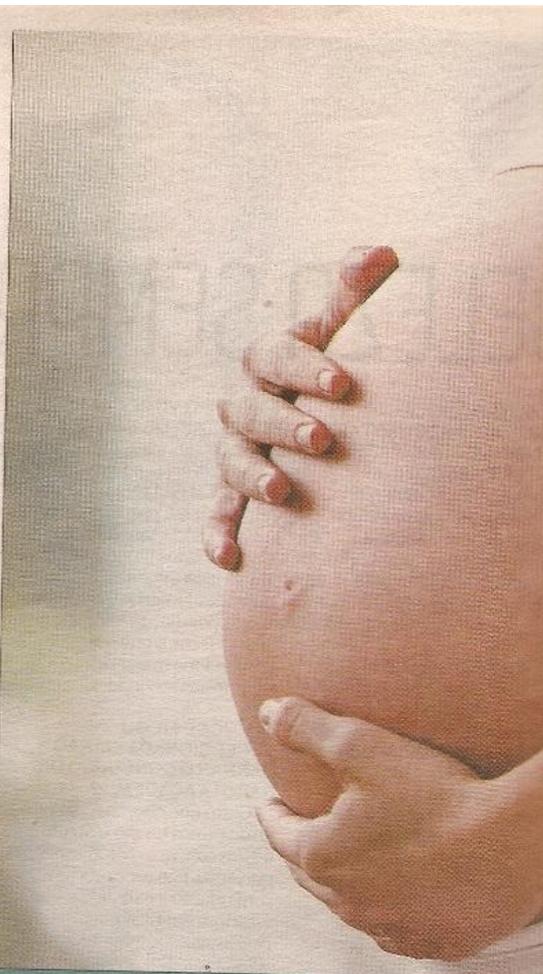
ideal é que a mulher aumente o seu peso em cerca de dez quilos durante toda a gestação. Portanto, nada de 'comer por dois'", reforça Hugo Sabatino. "Para que o seu bebê se desenvolva bem e com saúde, a mãe precisa ter uma alimentação rica em proteínas. Algumas dicas são reduzir a ingestão de doces, frituras e massas e aumentar, com moderação, a ingestão de frutas, verduras e legumes, por exemplo", ensina o médico.

Para a analista de Recursos Humanos Janete Santana, grávida de seis meses, cuidados como estes estão sendo essenciais para que ela se sinta bem e consiga trabalhar até os últimos momentos da gestação. "Como trabalho muito tempo sentada, às vezes tenho problemas como inchaço e retenção de líquido. Para rebater essa situação, estou praticando atividades físicas com orientação médica, me submetendo a sessões semanais de drenagem linfática e usando cremes e óleos corporais adequados, diariamente", revela. "Por outro lado, não descuido da aparência", completa a analista, que, em busca da beleza para manter-se sempre bela neste período tão especial, anda sempre muito bem vestida, com o cabelo arrumado e uma maquiagem discreta.

CABELOS

Não descuidar da aparência é outra medida a ser tomada para sentir-se sempre bela durante a gravidez. Uma atenção especial deve ser dada à pele e aos cabelos. Como a gestação causa um au-

São muitas as alternativas para a gestante se cuidar e guardar boas lembranças do belo período da gestação



Belezas da

CLÍNICA SOUZA
Cirurgia Plástica

- | | | |
|---------------------------------------|----------------|-----------------|
| Dra. Irene - CRM 608 | - Mama | - Palpebras |
| Dra. Vera Tatiana - CRM 4179 | - Abdomem | - Botox |
| Residência Dr. Ivo Pitanguy | - Liposcultura | - Preenchimento |
| Curso Jackson Memorial Hospital - EUA | - Orelhas | - Calvície |
| | - Rugas | - Próteses |

Cirurgia Geral

Dr. Carlos Souza - Curso Jackson Memorial Hospital - EUA - CRM 37

Oftalmologia

Dr. Carlos Souza Junior - Curso Inst. Barraquer - Barcelona - CRM 6465

Rua Mundurucus 2422 - Fone: 3225-0077

MANDALA

PALAVRAS DE SABEDORIA

QUERIDA SUELY,

Você talvez não saiba a importância que tem na minha vida e que, através de uma carta que você respondeu para uma pessoa deficiente visual, me deu forças para continuar vivendo. Sou uma pessoa muito sofrida, vítima de talidomida. Tenho os braços atrofiados e um defeito no rosto. Não sou bonita. Sou de uma família abastada, o que muito me serviu para arrumar um marido, porém ele estava apenas interessado no meu patrimônio. Vivemos juntos por oito anos e não tivemos filhos biológicos, mas adotei dois de coração, que são a minha vida. Eles se chamam Deyvid e Andersson. Há dois anos, descobri que meu marido tinha uma amante desde antes de casarmos. Ele também me maltratava. Nunca me amou. Um dia, graças a Deus, resolveu ir embora para viver com ela. O que eu não tinha coragem de fazer, o universo generosamente fez por mim. Senti-me a última das criaturas, feia, desprezada e infeliz. Há alguns meses, li sua coluna respondendo para uma pessoa cega, feliz, amada, corajosa e, principalmente, de muita fé. As suas palavras para ela me tocaram profundamente. Vi o lado bom do mundo, a beleza das almas generosas e que existem sapatos lindos para pés sofridos. Foi assim que me aconteceu. Comecei a ler suas respostas, fui ao seu ritual e comecei a acreditar que ainda posso ser muito feliz e encontrar um novo amor. Quero que me ensine um ritual completo de amor. Obrigada, Suely, por tudo, pelas palavras, pelo amor e pela fé que você nos passa. Um grande beijo no seu coração.

QUERIDA LEITORA,

Fico muito feliz quando sei que, de alguma forma, eu lhe mostrei um caminho, que já existia embora você não conseguisse ver, pois algumas ervas daninhas a impediam. O sol, as margaridas, a lua cheia e um céu iluminado por estrelas apareceram, e você viu que o mundo pode ser diferente, que o amor é a coisa mais importante. Você foi vítima, como muitas pessoas, da talidomida, que lhe mutilou as mãos e o rosto, mas o seu interior é perfeito. Seu coração é generoso, tanto que você cria com muito carinho duas crianças que entraram na sua vida para fazê-la feliz. Que bom que você leu e viu a minha amiga deficiente visual encarar o mundo de outra forma. Ela é bonita, porém cega; ela tem um amor e você tem dois filhos; ela é pobre e vive de plantar flores e você é rica e ajuda muitas pessoas. É desta forma que o mundo gira. O que precisamos é saber girar junto com ele. Tenho certeza que você ainda vai encontrar alguém que a amará de verdade, que será um pai para seus filhos. Quanto àquele que passou pela sua vida apenas por interesse, ore por ele e peça muita luz em seu caminho, pois somos um reflexo do que emitimos. Espero, como você disse, um dia conhecê-la. Vou lhe ensinar um ritual completo de amor. Pegue uma vela dos desejos ou dos amantes e acenda-a com seu nome embaixo, e cubra os nomes de mel, pois a vela já tem mel. Coloque em volta da vela pétalas de flores e sobre canela em pó. Tome um banho de sedução, passe sobre si a mironga do amor e, por último, o perfume de sedução, e, principalmente, seja positiva. Acredite que o universo é muito generoso. Vai chegar uma época propícia para pedidos de amor, que é dedicada aos apaixonados ou que querem um amor, que é a época do dia dos namorados, em que homenageamos Antônio de Pádua. Um beijo.

■ SUELY CALS

Esotérica

Cartas para avenida 16 de Novembro, 732, Cidade Velha, Belém, CEP 66023-220. E-mail: suelycals@yahoo.com.br.

Olhar

Personalidade forte e opiniões marcantes sobre o cenário político brasileiro são algumas das características da jornalista e comentarista política Cristiana Lôbo, que estará em Belém na próxima quinta-feira, 28, para proferir palestra sobre a "Crise financeira mundial e suas repercussões no Brasil, especialmente na região Norte", durante a Feira da Indústria do Pará (Fipa), promovida pela Federação das Indústrias do Estado (Fiepa). Cristiana conquistou um espaço até então dominado pelos homens, numa época em que o machismo ainda era predominante. Foi neste cenário que ela mostrou que a competência e dedicação não têm sexo.

"Costumo dizer que a mulher, para se firmar na profissão naquele tempo, tinha de trabalhar dobrado; não podia adoecer nem deixar de trabalhar por causa do filho doente; até se vestia de forma mais sisuda, para não ser considerada mulher frágil, ou o que fosse. Agora, não. Trabalhamos de igual para igual. Não há vantagens em ser homem ou em ser mulher. É tudo igual. Vale o trabalho, a competência, a dedicação", afirma Cristiana.

A história da jornalista começa como a de muitos que deixam sua terra natal para trabalhar no centro político do País. Ela nasceu em Goiânia, mas foi para Brasília em 1979, para trabalhar na sucursal do jornal "O Globo", em que ficou por 13 anos. Casada há quase 30 anos, ela tem dois filhos, Bárbara, de 26 anos, que é advogada, e Gustavo, de 23, economista. Como comentarista política na Globonews, o primeiro canal brasileiro de notícias 24 horas no ar, Cristiana Lôbo acompanha a política brasileira desde 1982.

Cobriu o governo Figueiredo, a luta pela volta das eleições diretas no País, a formação da Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves e José Sarney, a primeira eleição direta depois do

regime militar, o governo Fernando Collor, o impeachment, a transição com Itamar Franco, os dois governos de Fernando Henrique Cardoso e a chegada do PT ao governo, com Luiz Inácio Lula da Silva. Desde 1997 trabalha na GloboNews, com participações diárias como comentarista de política no "Jornal das Dez". Atualmente é âncora do programa "Fatos e Versões", sobre os bastidores da política.

"Não cheguei sozinha a este posto. Muitas outras mulheres da minha época conquistaram destaque, como a Tereza Cruvinel, que chegou até antes de mim; a Dora Kramer, a Eliane Cantanhêde e a Mírian Leitão. Então, se houve esforço, sem dúvida nenhuma ele foi coletivo. E, pelo que se vê, deu bom resultado a todas. É claro que houve períodos de certa discriminação, mas superamos isso, todas juntas", explica Cristiana.

Mesmo diante das dificuldades que existiram na época, Cristiana conta que nunca pensou em desistir da profissão. "Costumo dizer, quando me perguntam o que eu gostaria de ser se não fosse jornalista, que eu gostaria de ser jornalista-

Jornalista do canal Globonews vem a Belém falar sobre crise financeira e a paixão pela carreira

PERFIL

feminino na política



CRISTIANA
ôbo: destaque
o jornalismo
brasileiro

ta. Acho uma bela profissão e é exatamente o que eu gosto de fazer”, reforça. E não foi fácil conciliar vida profissional com a vida doméstica. “Quando meus filhos eram pequenos, tinha de me recorrer à minha sogra e minhas irmãs para viajar com tranquilidade”, relembra.

“Fui da equipe de cobertura da presidência da República e, naquele tempo, no início dos anos 1980, os repórteres eram obrigados a viajar quase toda semana. Foi um tempo muito duro, difícil para quem tinha filhos pequenos como eu. Mas em tudo dá-se um jeito. Hoje não tenho qualquer problema e digo às minhas colegas que têm filhos pequenos que não se preocupem. O que vale com as crianças não é a quantidade do tempo que se está junto

delas, é a qualidade”, ensina.

“Meus filhos fazem brincadeiras de que minha irmã participava de festa das mães e o motorista assinava o boletim escolar. Mas é piada. A gente se desdobra e dá conta de tudo. É claro, uma ou outra festa foi sacrificada. No final, porém, tudo dá certo e eles não têm trauma algum. Tem orgulho da profissão que tenho”, enfatiza. Para quem quer ser comentarista de política, em um momento de tantos escândalos envolvendo os principais poderes da república, o conselho que ela dá é: “Trabalhar muito, ouvir todos os lados, e, principalmente, não ter lado na política. Olhar com distanciamento para sentir os argumentos de parte a parte. Com isenção é que se conquista credibilidade e respeito”.



Emagrecimento monitorado
Orientação médica nutricional personalizada
Redução de gordura localizada e abdominal

DRA DANIELE FELLES

Nutrologia Aplicada

Centro Dermatológico e Estético Dra. Célia Macêdo
Rua Diogo Mória, 1022. Umarizal
Fones: 3230-0712/8121-4304

Dr. Rosival Nassar
CRM2256

Centro de Reprodução
nascera

(91) 3241-9244 - Belém • (92) 3642-0907 - Manaus
www.centrodereproducaonascer.com.br

Fique com um corpão neste verão!

Pacotes Especiais de Verão

Hidrolipectasia U.S. - Intradermo: Celulite/Estria - Botox - Preenchimento - Vinco
Dronagem Lipoética - Termoterapia c/ Destoxi-redução
Plyliss - Cellulaser - Peeling Cristal - Micropigmentação

Verão 2009

NOVO ENDEREÇO:
Tv. Dom Romualdo de Seixas, nº 963
Aruã - Belém do Pará e Janelão Penedal

CLINICORP ESTÉTICA
3212 9602 - 8138 9901

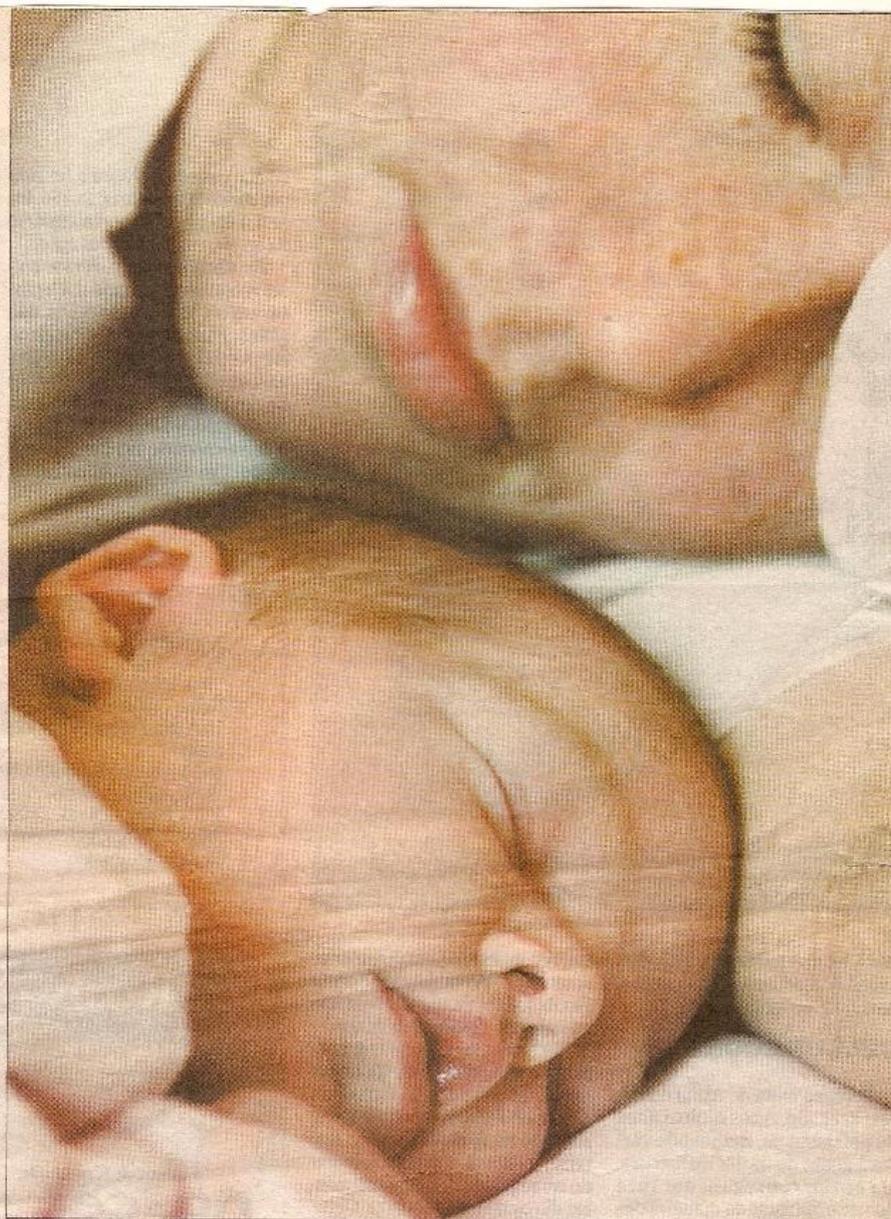
DIA DAS MÃES

A liberação feminina modificou o mundo: colocou a mulher no mercado de trabalho em definitivo, tornou-a independente financeiramente e a introduziu eventualmente no cargo de chefe de família. E alterou também a forma de ser mãe. Gostar do trabalho, muitas adoram. Gostar de ser mamãe, idem. Porém ser mãe e trabalhar ao mesmo tempo é bem complicada. Tanto que muitas deixaram suas carreiras profissionais para ter os papéis mais antigos da mulher: gestação, parto e criação dos filhos. Porém quais serão os resultados, para mães e filhos, desta decisão?

A advogada Carla Sampaio, 32 anos, está com esta dúvida. Quando ficou grávida de Celeste, atualmente com 1 ano e 4 meses, tinha em seu planejamento distanciar-se por 6 meses do trabalho e logo após, voltar ao batente. Porém o nascimento da filha despertou para outra realidade. "Fico sofrendo para ir pro trabalho diariamente. Desejo estar com ela o tempo inteiro. Telefono para casa diversas vezes diariamente para saber se está tudo certo. Mesmo tendo total confiança na babá que possuo", diz.

"Quando ela disse a primeira palavrinha, 'arroz', e eu não estava em casa com ela e sim trabalhando, fiquei chateada em não estar presente nessa hora", lamenta-se. A vontade de estar com o filho Lucas em todas as horas está modificando a forma como a arquiteta Marcela Farias vê o seu trabalho. Com sete anos de carreira, ela tem uma vida com muito conforto. Porém seu trabalho, que antes era prazeroso, se transformou em suplício.

"Quando tenho que ir para o trabalho, após dar o almoço para ela, eu soffro muito. E noto que ela sente isso também já que, quando



me vê indo embora, fica chorando muito. Estou sem estímulo no trabalho, assim que chego no serviço já quero ir embora", confessa.

PLANEJAMENTO

Marcela e seu marido têm conversado muito sobre sua possibilidade de parar de trabalhar, mesmo por um tempo, para se dedicar totalmente à mater-

nidade. "Nós podemos seguir com o nosso padrão de vida e as despesas de Lucas, mesmo se eu parar. O que receio é que, depois dele crescer, eu me arrependo do que fiz: perder uma boa carreira profissional e ficar meio perdida. Tenho medo do futuro, porém meu coração, agora, pede essa decisão", comenta ela.

Os especialistas acham normal o receio de Marcela. Para

eles, largar a carreira em nome dos filhos pode causar uma frustração. A não ser que essa situação esteja bem amadurecida, como um ciclo que acaba, um trabalho que não tem tanto gosto, essa decisão pode ser muito difícil. Já que as mulheres gostam de trabalhar e amam a maternidade, porém não o tempo todo, nenhuma das duas coisas.

A perda de uma carreira pro-

Mamãe profissional

fissional que começava sua decolagem é, atualmente, o que provoca mais frustração a dona de casa Ruth Figueira, 58. Mãe de Gabriel, 31, e Flávio, 26, ela abdicou o trabalho quando Gabriel estava com 5 meses. "Larguei tudo. Meu marido e eu decidimos que eu não necessitava trabalhar e eu parei de boqueira", afirma ela. Não é que ela se arrependeu de ter criado seus filhos e acompanhado bem próximo o crescimento deles - hoje já formados.

"Porém poderia ter realizado isso como diversas mulheres, trabalhando fora de casa. Conci-

liar esses 2 papéis pode ser feito, observo pelo sucesso que certas amigas minhas conseguiram", diz. Há dez anos, Ruth está separada do marido. De acordo com ela, foi nesse ponto que os problemas surgiram. "Eu não tive mais meu sustento próprio, não tinha trabalho. As coisas tinham se alterado bastante. Estava totalmente defasada em um mercado que já é em geral inchado, quer dizer, sem nenhuma oportunidade.

DEPENDÊNCIA

Já Flávio não reclama de re-

morso. Ele apenas se diz preocupado ao observar que, de certa maneira, sua mãe hoje depende dele. "Quando lembro que quando casar, sair de casa, fico apreensivo por ela. Se bem que, ela só, os custos serão menores. Mas de toda maneira, tenho uma responsabilidade a mais", diz ele. "Penso que era melhor até para ela ter se mantido trabalhando fora de casa, mesmo quando éramos pequenos. Quando aconteceu o divórcio de meus pais, vi a dificuldade que ela encarou para tentar voltar ao mercado e não conseguir. A autoestima dela ficou baixíssima."

Para os especialistas, tantas mudanças nas funções da mulher na sociedade e na estrutura da família nos últimos anos fizeram com que surgissem situações como o de Ruth com mais frequência. A solução para essas mulheres é tentar esquecer do passado. O que passou, passou. É necessário hoje ir à procura do desafio de passar por tantas barreiras que foram postas. Largar a carreira profissional definitivamente para cuidar dos filhos significa, um abandono de si própria. É dar prioridade a família em detrimento de si.

Toda grande mudança merece uma comemoração!

A pioneira em Eventos e Cerimônias de Belém LILIANE CUTRIM esta com novidades, nova marca, novos serviços e novos parceiros. Tudo para tornar seu evento INESQUECÍVEL e ÚNICO. Há 15 anos trazendo novidades e agora com um nova equipe para fazer do seu evento um show do início ao fim! São excelentes motivos para comemorar!

Cerimonial - Casamentos - Festa de 15 anos - Bodas
Celações de Grau e Formaturas - Eventos Empresariais

Agende uma visita, conheça as novidades e tenha muitas estrelas em seus eventos.

www.lilianecutrim.com.br
Fone: 91 3088.1936 - Cel: 91 88116291


Liliane Cutrim
eventos

10 de maio de 2009 | Mulher | 9

FAMÍLIA

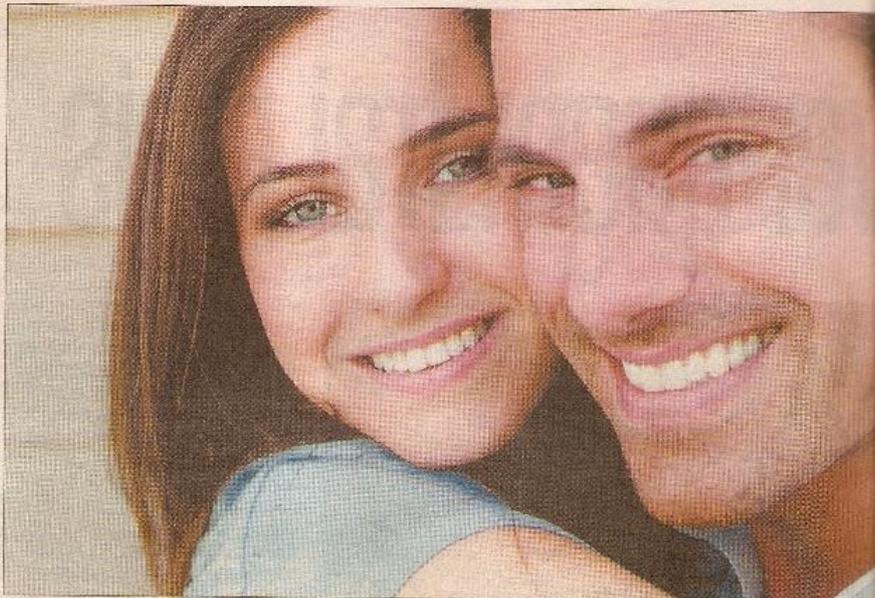
Muito bem, você quer saber qual é o momento certo de apresentar o namorado aos seus pais. Pior: como apresentá-lo. Bom, vamos por partes. A primeira coisa que você deve ter em mente é que, infelizmente, não há regras. Isso mesmo, tudo depende da relação que você tem com os seus pais, do jeito do seu namorado... São tantos fatores que fica difícil montar um manual! "Então eu vou continuar cheia de dúvidas?!", você deve estar se perguntando. Não, pode ficar tranquila. Reunimos algumas histórias e você escolhe qual delas tem mais a ver com você!

NO COMEÇO

Isso aconteceu com Carla Brito, de 21 anos. Ela tinha um amigo, que virou um ficante, que virou um, digamos, "namoficante". Os pais dela já o conheciam desde que eram "apenas bons amigos" e já gostavam dele. Então, tratá-lo como namorado diante dos pais não teria problema nenhum, certo? Errado.

Para Carla, o ideal teria sido mantê-lo fora de casa, sem muita intimidade. "A primeira vez que meus pais me viram com ele foi no dia do meu aniversário, quando fiz uma festa em casa. Depois disso, a gente começou a sair direto e ele começou a frequentar a minha casa. O problema é que a expectativa dos meus pais cresceu. E então começaram as piadinhas com ele, as cobranças comigo... Quer uma dica? Só leve alguém para conhecer a família se a relação for estável. E a minha estava longe de ser", adverte Carla.

A sugestão é: se achar melhor não levá-lo em casa, faça programas legais, aproveite para conhecer mais o rapaz e ver o que ele quer com você. Use e abuse de bares, cinemas, teatros. Na hora que você se sentir segura, pode ser que seja o momento certo de apresentá-lo aos seus pais como o seu namorado.



Meu pai é uma fera

PAIS FECHADOS

Camila Oliveira, 20 anos, teve esse problema. "Meus pais sempre foram muito tradicionais e cheios de cuidados comigo. Depois de dois meses de namoro, eu ainda não tinha apresentado o Rodrigo a eles. Nunca tinha levado ninguém em casa! Eu ficava com medo de criar uma situação constrangedora, ou então ficava pensando que os meus pais poderiam não gostar do meu namorado", conta Camila.

Nada de medo!
Descubra a melhor forma de apresentar o namorado aos seus pais.

Por isso, ela optou pela cautela: explicou para o namorado que estava tensa e que ia apresentá-lo aos poucos. Ele topou. Primeiro, o apresentou como amigo, junto com outras pessoas. Rodrigo entrou no jogo e, espertamente, fez de tudo para agradar os pais da namorada. Resultado: conquistou os dois. Depois, ele foi sozinho à casa de Camila, com a desculpa de estudar. Para os pais dela, eles ainda eram amigos – só depois de umas cinco visitas informais ela abriu o jogo.

"Foi muito mais fácil. Meus pais foram se acostumando com ele e eu, ganhando confiança. Um dia, aproveitei a hora do jantar – momento em que a gente conta como foi o nosso dia – e falei que o Rodrigo tinha me pedido em namoro. Meu pai ainda brincou: eu sabia que esses estudos não iam acabar bem... E depois riu", relembra Camila.

Outra sugestão: se você acha que não há muito espaço em casa, crie. Observe qual é o melhor mo-

mento para tocar nesse assunto. Se não tiver idéia, pergunte aos seus pais como foi a experiência deles. Numa dessas conversas eles acabam deixando escapar o que acham ou não acham legal.

HISTÓRIAS

A forma como pessoas mais velhas agem em relação a isso também pode te dar uma luz e te ajudar nesse momento. Carolina Medeiros, 25 anos, conta que tem dois métodos para apresentar o namorado em casa, já que os pais são separados.

"Eu costumo apresentar os raios e os namorados para a minha mãe. Como eu moro sozinha com ela, tenho bastante liberdade. Não gosto de ficar na portaria, no carro... Prefiro assistir a um filme em casa ou algo do tipo. Então, com ela, a apresentação é sempre informal. Já com o meu pai é diferente. Não tem um tempo pré-definido. Eu apresento alguém a ele quando

Nunca tenha medo

Se não há regras para apresentar o namorado aos pais, há ao menos um sentimento que prevalece em todos os casos: a confiança. Os psicólogos recomendam um teste. Responda a essas três perguntas:

- 1) Você se sente bem ao lado dele?
- 2) Você acredita que o relacionamento é sério?
- 3) Você confia nele?

Se você respondeu "sim" a todas elas, não tenha medo. Apresente o seu namorado aos seus pais quando você qui-

ser! Como você vai fazer isso, depende de você. O importante é que seus pais vejam que você está feliz, se sentindo bem e segura ao lado daquele rapaz.

Os psicólogos destacam que os pais não são bicho-papão. São pessoas que querem o bem dos filhos e, geralmente, sabem o que é melhor para eles. A maioria dos pais e mães também já foram apresentados aos sogros e sabem da importância desse momento para você.

Portanto garota, se você está segura a respeito do seu relacionamento, vá em frente, sem medo de ser feliz!

é sério. Vale mais o sentimento e a solidez do relacionamento do que o tempo que estamos juntos. Estou com o meu namorado há um mês e o meu pai já o conheceu", explica Carolina.

Já Gabriela Moreira, 26 anos, diz que, para ela, apresentar o namorado aos pais só depois de três meses. A regra só não valeu para o primeiro, que era amigo de um

dos primos dela e que, portanto, os pais já conheciam.

"Estipulei esse prazo, porque, em três meses, eu consigo saber se a coisa engatou ou não e se já é chegado o momento de os meus pais conhecerem o rapaz. E ainda tem um detalhe: minha mãe diz que se apegue fácil. Então, melhor só apresentar se estiver tudo OK mesmo", diverte-se Gabriela.

DESTINO

COMBINAÇÕES COM CAPRICÓRNIO

Continuaremos as combinações com o signo de Capricórnio no quesito relacionamento. Essas combinações estão interpretadas de maneira bem geral, relacionadas apenas ao signo solar de cada signo.

Capricórnio com Leão: esta é uma relação entre duas pessoas com personalidades e temperamentos bem diferentes. Leão, com toda sua vitalidade e vaidade, pode fazer com que aflore o lado sentimental de Capricórnio que teima em ficar escondido em razão de sua grande timidez. Há um benefício mútuo, pois ao mesmo tempo em que Leão se favorece da forte ambição de Capricórnio, este se beneficia dos resultados e sucesso dos leoninos. Mas, para serem felizes devem aprender a fazer concessões.

Capricórnio com Virgem: aqui são dois signos de terra, ou seja, têm muitos aspectos comuns. Ambos podem perfeitamente entender as necessidades do outro e, principalmente, entender a realidade, mesmo sendo dura algumas vezes. A tendência é lutarem por uma vida tranquila e com estabilidade. No dia-a-dia, o elemento terra, conduz para a ternura e calma na relação e possuem boas chances de serem felizes por muito tempo.

Capricórnio com Libra: o signo de Libra consegue passar a tranquilidade para Capricórnio. O lado sedutor e envolvente dos librianos, aliado a sua boa educação cativam Capricórnio. A ambição e objetivos de vida de Capricórnio encontram no social de Libra o ponto certo para construírem uma vida estável. Devem cuidar apenas para não gastarem além da conta, diante das armadilhas do consumismo.

Capricórnio com Escorpião: esta é uma relação muito forte e que o envolvimento de ambos pode passar rapidamente da fase da brincadeira para a seriedade. Ambos possuem uma grande força quando se unem para atingir metas e desafios. O controle e a intuição de Escorpião cativam Capricórnio que o vê como grande parceiro na vida. Sem deixar de lado que sexualmente os dois se dão muito bem.

Capricórnio com Sagitário: inicialmente o jogo de palavras, sinceridade e a maneira como Sagitário lida com o conhecimento empolgam Capricórnio. Mas, no dia-a-dia, começam a surgir alguns probleminhas de ordem prática e isso pode contaminar o relacionamento. Os sagitarianos possuem uma natureza expansiva em vários sentidos que pode irritar o Capricorniano, principalmente quando o assunto for poupar. No fundo, são duas naturezas bastante distintas.

Capricórnio com Capricórnio: esses dois possuem objetivos de vida bem similares. Para início de conversa ambos são ambiciosos e se compreendem muito bem quando entram numa nova empreitada. Devem apenas tomar cuidado quando o assunto entrar na fase da teimosia, pois será em dose dupla e o fazer concessão pode ser um suplício para ambos. Mas os dois têm a possibilidade concreta de se amarem de verdade, o que pode garantir vida eterna a esse romance.

Capricórnio com Aquário: em um primeiro momento o Capricorniano poderá aproveitar ao máximo o relacionamento, mas depois a realidade será um pouco difícil de saber lidar. Aquário, signo de ar, gosta de sonhar e fazer muitos planos, principalmente quando encontra estímulo na relação amorosa. Só que para Capricórnio isso deve ter limites e será necessário colocar o pé no freio e encarar a realidade de uma forma mais realista.

Capricórnio com Peixes: o mundo real de Capricórnio ganha outra perspectiva diante do mundo de sonhos e fantasias de Peixes. O encontro dos dois elementos terra e água é muito positivo. A relação pode se basear numa constante troca de ternura, dedicação e respeito. Ambos podem se completar de diversas formas, como nos objetivos comuns, no amor e na plena satisfação emocional e sexual.

RUIPAIVA
Astrólogo
ruiipaiva@bol.com.br

S.O.S. Verão

O SPAmazônia oferece um Presente de Verão para as 20 primeiras pessoas que apresentarem esse anúncio, nos seguintes pacotes:

- Corte e Hidratação a partir de **R\$ 40,00**
- Banho de Lua e Depilação 1 Área **R\$ 60,00**
- Revitalização Facial **R\$ 60,00**
- Bronzeamento **R\$ 60,00**

Redução de medidas garantida. De 5 a 12 cm por área!

Redução de Medidas

- 10 Sessões de Lipo Escultura Natural Ortomolecular
- 10 Sessões de Ultra Som
- 10 Sessões Endermologia
- 10 Sessões Massagem Conduvida
- 10 Sessões Destox Redução
- 10 Sessões Corrente Russa Local

R\$ 10,00 cada Procedimento por Área!

SPAmazônia

Av. Nazaré - 777 - (91) 3212-4560 / 3088-2531 / 3224-6565 / 30677187

Destino

RUI PAIVA

Astrólogo
ruipaiva@bol.com.br

Tempo de demonstrar

Desde o dia 14 de junho, Vênus passou a formar aspecto positivo no signo de Leão. Isso dá àquelas pessoas que estão se relacionando ou prestes a se relacionar um impulso muito forte para demonstrar seus reais sentimentos. Até aqueles que são mais frios ou tímidos tendem a demonstrar

seus sentimentos. Bem, evidentemente que as conversas e os entendimentos também serão favorecidos e o amor ganha certo enaltecimento. As juras de amor nem se fala, e se quiser demonstre, principalmente porque julho está chegando então sempre é bom "acertar o ponteiro".

Vida privada

O Sol no dia 21 de junho dá certa acalmada nas atitudes de Gêmeos porque entrou em Câncer. Com isso os aspectos cancerianos ganham a vez e a vida doméstica passa a ser bem considerada. A questão é se proteger um pouco mais na intimidade. Esse mês de junho

tem sido, pelas próprias características do período, um momento de muitas festas e badalações. Os planos podem ser muitos, mas uma coisa as pessoas não devem esquecer é que a família tem seu forte grau de importância e nunca é demais ouvir a voz da experiência.

Inteligência

O Sol forma aspecto de tensão com Saturno e isso se traduz em baixa energia diante de vários acontecimentos que passam a acontecer a partir do dia 21 de junho e interferirá nesta semana. É como se as muitas tarefas trouxessem também desânimo para

cumpri-las. Cuidado ao decidir algo importante ou fechar algum negócio. Ao mesmo tempo é o momento de colocar em prática a percepção a respeito de seus projetos, no caso, se vale ou não continuar apostando em determinadas direções.

Pense e fale

Neste período do dia 20 ao dia 27 também é muito bom pensar antes de falar o que deseja. Mercúrio faz aspecto com Netuno e isso pode trazer algumas falhas na comunicação do tipo: dificuldade de interpretação; algumas ideias podem sur-

gir em insights, mas sempre é bom parar para pensar antes de falar; cuidado com emails ou disponibilidade de dados confidenciais, entre outras coisas. O importante é manter a calma, relaxar e procurar algumas formas de lazer.

FAMÍLIA

A vida sexual entre adolescentes está começando cada vez mais cedo e crianças a partir de 10 anos de idade já apresentam interesse por sexo. Os fatores que podem influenciar esse desejo prematuro são muitos. Como evitar que seu filho faça parte dessa estatística?

Para os especialistas, o segredo está no diálogo e na convivência familiar. Eles informam que a criança pode ser influenciada pela mídia, pelos amigos, mas para eles a educação dentro de casa é muito importante. Eles tiram o exemplo do dia a dia da família. As mães têm que estar sempre conversando e dispostas a ouvir. A falta de diálogo pode levar a criança a procurar a informação com outras pessoas que eventualmente podem estar erradas.

Internet

Mãe de Luiza, de 20 anos, e Miguel, de 10, a secretária Maria Lourdes se esforça para controlar o acesso dos herdeiros a informações de conteúdo adulto, principalmente através da internet. "Acho que isso depende da capacidade das mães de entender que criança é criança e precisa vivenciar essa fase. Não se deve estimular o que ainda não deve ser estimulado. O problema é que hoje em dia existem muitas possi-

bilidades de acesso à informação tanto para o bem quanto para o mal, então é claro que fica mais difícil de controlar, mas as mães devem estar sempre atentas", aconselha.

Maturidade sexual

De acordo com os sexólogos, esta maturidade precoce sempre existiu, mas hoje tem outros objetivos. Eles afirmam que antes havia seriedade nas intenções, o objetivo era o de formar uma família. Hoje em dia eles notam um interesse maior no aprendizado, no ato em si. O problema é que você tem que ser responsável pelos seus atos e os jovens de hoje não são.

O comportamento sexual do jovem, segundo os especialistas, começa a ser moldado desde seu nascimento até por volta de um ano de idade, na fase do aleitamento materno. Eles explicam que é nesta época que a criança vai ter todas as informações sexuais e de proteção. É ressaltado ainda que a cultura em geral pode influir na cultura sexual da criança, mas não vai ser necessariamente um fator decisivo.

Família

É lembrado ainda da importância da estabilidade familiar, pois o crescimento do número de divórcios

O comportamento sexual começa a ser moldado desde seu nascimento

O Verão já chegou na CLINICORP!

20% de desconto

Tratam. Médico
BOTOX
Preenchimento de vincos
Hidrolipeo Ultrasônica
Nutrologia Clínica

Micropigmentação:
sobrancelha/olhos/lábios

Facial
Limpeza de pele
Hidratação/ Revitalização
Microdermoabrasão

Peeling químico: Acne/Estria
Yellow Peel (manchas/cicatriz acne)

Corporal
Heccus (Ultrasom de alta potência)
Phydias (estimulação russa)
Drenagem linfática
Massagem modeladora
Endermologia

Depilação a LASER

Dr. Nicholas Neto
(Nutrologia Clínica R. 7173)
Dra. Elaine Miranda
(Fisioterapia) CREFITO 32.815 F)
Dra. Fabiana Davies
(Fisioterapia) CREFITO 34.385 F)
Dra. Cileneiro Silva
(Nutrologia Clínica R. 7166)

Tratamento Estético Masculino e Masculino

Ty. Dom Romualdo de Seixas, nº 963
entre Barroil do Couto e Jerônimo Pimentel
3212 9602 • 8138 9901

**Você mais magra e jovem neste verão!
Em 4 semanas. Pacotes a partir de 300,00!**

REDUÇÃO DE PESO E MEDIDAS

Heccus • Enzimas
• Carbox • Hidrolipoclasia
• Talasso • Infravermelho
• Lipomassagem
• Ultrassom

Laser de CO2

- Remoção de tatuagem
- Manchas • Depilação definitiva
- Sequelas de acne • Estrias • Varizes

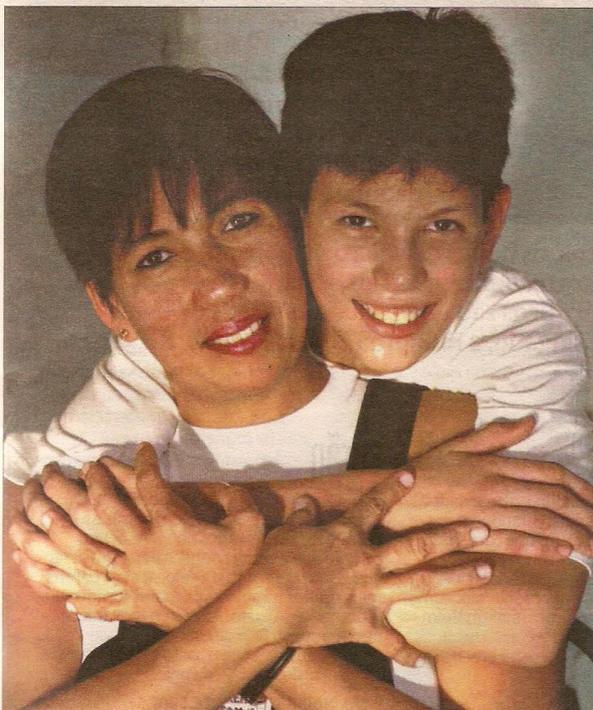
Fones: 3081-0919 / 8144-4073
Av. Conselheiro Furtado, 2391 - Sala 409

Bio OrtoMednatural
ASSESSORIA

Como lidar com o interesse sexual

PRECOCE

Adolescentes e crianças se interessam cada vez mais cedo por sexo. Veja como as mães devem orientá-los.



cios e lares desfeitos pode causar ao jovem dificuldades em montar sua estrutura emocional. Na casa do arquiteto Luis Mendonça, esse problema não existe. Ele e sua mulher, Andreia, com quem é casado há 17 anos, buscam manter uma relação franca e direta com os filhos Vitor, 12, e Vicente, 8. "Nos preocupamos com a maturidade sexual precoce, mas nossa maior preocupação é sempre abordar qualquer assunto, por mais delicado que seja, de maneira natural", reforça ele.

Andreia faz coro com o marido e diz que, apesar das influências externas, o interesse pode variar de criança para criança. "Se esses jovens são bem orientados dentro de casa, o ponto de vista será diferente. Somos da seguinte opinião: diálogo é necessário e faz muita diferença!".

Converse

Por mais que você queira fugir desse assunto, a educação sexual deve iniciar assim que a criança nasce. Se você ainda não começou a falar de sexo com seus filhos, a TV começou. Veja as dicas abaixo para

se sair bem ao falar de sexo com as crianças.

1. Mantenha a calma - É normal ficar ansiosa ou nervosa. Você não é a primeira mãe a sentir isso - e não será a última. Em vez de tentar escapar da pergunta, tente colocar na própria cabeça o quanto é importante para seu filho ter uma resposta.

2. Responda apenas o que for perguntado - Não se sinta obrigada a dar muitos detalhes. E entenda o que seu filho quer saber. Ao perguntar de onde vem, por exemplo, ele pode apenas querer saber se veio de outra cidade, como algum coleguinha da escola. Por isso, antes de responder, descubra o que ele sabe e o que está tentando descobrir.

3. Tem hora certa pra falar de sexo? - Sim. Às vezes, a criança faz uma pergunta num local ou num momento inadequado. Não é preciso responder na hora. Mas garanta a ele que vai responder depois. As crianças também não gostam de falar de sexo a qualquer hora e na frente de qualquer um. Não tenha medo de perguntar ao seu filho como ele se sente mais confortável.



Família do mal

Querida Suely,

Gosto muito da maneira como a senhora responde as cartas que lhe enviam, então resolvi lhe escrever para pedir ajuda por causa do problema que estou passando. Moro no sul do Pará, mas minha família mora em Belém, tenho uma área onde tenho plantações e cultivo gado. Há quase um ano atrás veio morar ao lado do meu terreno uma família que fazem o inferno da vida de várias pessoas, inclusive a minha. O chefe da família quer comprar uma parte de minha área para aumentar a dele, mas eu não quero. Comecei a perceber que coisas estranhas começaram a acontecer. Meu gado começou a adoecer, deu praga na horta e meu marido sofreu um acidente, do qual ainda está se recuperando. A prin-

cípio não dei muita atenção, mas começamos a receber pacotes com terra e folhas secas, na porteira havia vários ossos amarrados e há quinze dias descobri enterrado vários bonecos feitos de palha. Estou com muito medo, já estou até pensando em vender. Ajude-me e me ensine o que devo fazer, pois dia 15 de agosto vou a Belém e quero jogar um tarô. Há muito tempo minha irmã jogou com a senhora e graças a Deus tudo que a senhora falou aconteceu e para o bem. Quero jogar este tarô, pois dependendo do que me disser eu vendo tudo aqui e vou para outro lugar, até mesmo para Belém. Aproveito para lhe perguntar o que se pode colocar no altar de Santa Sara, pois eu sou devota dela e quero fazer um altar bonito.

Prezada leitora,

Muito obrigada pelas palavras carinhosas e pela confiança que deposita no meu trabalho. Existem pessoas que não sabem resolver seus problemas sem ser através do mal e acho que esta pessoa fez isso com a intenção de você ficar desesperada e vender sua terra. Vou lhe ensinar algumas coisas e espero quando eu jogar o tarô possa ver com maior clareza o que posso fazer para ajudá-la. Faça uma limpeza pesada, depois acenda uma vela de sal no local onde você desenterrou e achou as magias e enterre no esteio que dá entrada da sua propriedade um prego grande. Na sua cama você coloca o terço do divino, pois me falou de noites mal dormidas e atribuladas. Na casa toda asperge Paná Pana, que é

uma água de transformação de situações. Tome um banho de sal de arruda e por último use uma mironga de prosperidade. Faça também, se quiser, uma defumação de ervas da Amazônia. Não tenha medo, pois o poder do bem e da deusa são muito maiores que a maldade humana. Faça tudo nesta lua que é minguante para nova. Quanto ao altar de Sara kali, coloque um leque de sândalo, uma taça para água, um vaso ou arranjo de rosas vermelhas, o perfume e o mantrário dela e coloque também amarrada na imagem e uma fita azul do seu tamanho para fazer pedidos. A toalha de Sara é vermelha ou azul forte e mantenha sempre nas luvas cheias a vela dela acesa. Um prato com frutas também é muito importante. Que a deusa e Sara lhe protejam.

FAMÍLIA

O projeto do governo que deseja a proibição de que adultos utilizem palmadas para castigar as crianças e adolescentes é polêmico. O argumento para a ideia de atualização do Estatuto da Criança e do Adolescente é que a medida possa reduzir as situações de violência contra menores, que várias vezes ocorrem dentro das casas dos pimpolhos, tendo os pais como responsáveis por esses excessos.

Os pedagogos informam que bater de verdade não dá bons resultados na educação dos pequenos. Eles dizem que o processo da educação não pode ser agressivo, já que a resposta ainda poderá ser a mesma. Realmente, a mentalidade e os valores da sociedade contemporânea passaram por várias alterações desde a década de 70, e a ideia de que palmadas vão fazer uma criança ou adolescente ser melhor parece realmente ultrapassada.

Por essa razão, encontramos pais mais conscientes. Marcia de Souza tem uma filha de três anos e conta que já perdeu a paciência com a menina: "Uma vez, ela respondeu para mim. Eu dei uma bronca, falei firmemente com ela. Como não adiantou, coloquei-a de castigo, mas não bati". A vendedora se diz contra a violência e a favor de uma educação genuína, que vem de dentro dos lares.

Porém, os especialistas não concordam que exista uma lei para proibir os pais de darem "palmadinhas" e "beliscões" em seus filhos. O problema, segundo eles, é que podem surgir denúncias exageradas de um

vizinho que tenha visto uma criança chorando sem necessidade, por exemplo.

A secretária Gabriela Ferreira, mãe de três moças, concorda com a vendedora e acrescenta: "Quem tem que dar educação para o filho é a mãe. Quando ele a enfrenta, responde ou não obedece, pode sim levar uns 'tapinhas'". Para ela, os responsáveis devem apenas ter atenção para não machucar o pequeno.

Até os especialistas admitem que, de vez em quando, é preciso castigar as crianças e adolescentes, mas sem exagerar. Eles afirmam que quando chega ao estágio do castigo, é sinal de que o diálogo não foi suficiente, portanto o castigo adequado - sem violências - é necessário para que se estabeleça um limite entre o desejo e a possibilidade. Com isso, os pais mais uma vez usam de uma ação para educar.

Esse é o caso de Marta Rocha. A arquiteta e mãe de um adolescente lembra que recorria ao castigo sempre que o filho não a ouvia. "Quando ele era pequeno, eu o deixava no quarto sem poder assistir televisão e o mandava pensar. Agora que ele cresceu, procuro conversar ao máximo para que entenda por que determinado comportamento não é bom para ele."

Mas, assim como as outras mães, Marta defende as "palmadinhas para mexer com a moral do pequeno" e acredita que o Estado deve interferir na criação de uma criança apenas quando houver agressão ou violência. "Quando minha filha não obedece, falo com ela três vezes. Se

Ortoderm- Redução de Medidas



Tratamento com Oligoelementos
na Redução de Medidas, Celulite
e Equilíbrio Orgânico

Avaliação
Grátis

Paixão pelo Corpo

Trav. 14 de Abril nº 2093 - São Brás - Belém - Pa
Fones: (91) 3249-0006 - 3229-6050
www.paixaopelocorpo.com.br





Vale a pena dar

PALMADAS?

Especialistas afirmam que bater de verdade não dá bons resultados na educação dos pequenos.

de castigo, mas nem sempre é uma solução definitiva na hora de se educar a criança. O castigo pode ser temporariamente satisfatório para os pais. No entanto, pelos exemplos que tenho acompanhado, apenas dá uma pausa e faz a criança muitas vezes ficar mais tensa ao ter que lidar sozinha e quieta com aquelas sensações de euforia e agressividade. Segundo os especialistas, a melhor forma de agir quando os pequenos passam dos limites quando agredem alguém é conversar de forma firme, sem responder com violência.

Entretanto, é informado que muitos pais têm uma atitude passiva por uma simples razão: muitos deles se culpam por não passar tempo suficiente com o filho e deixam de lado o papel de educador enquanto estão juntos no curto período que lhes resta. Isso sem dúvida é um fator importante na observação de um quadro de agressividade infantil, pois quando os pais ou educadores não impõem regras claras e firmes, a criança sofre com a falta de alguém para limitar suas ações e acabam perdendo a noção de limites.

não adiantar, dou uma palmadinha de leve, e ela sossega”, disse a dona de casa Jacqueline Camargo, mãe uma menina de nove anos.

No entanto, Jacqueline admite que a lei possa amenizar a situação de pequenos que vivem com pais violentos: “Já vi gente batendo nos filhos com vassouras, para machucar mesmo. Talvez, se houver uma lei, essas pessoas fiquem com medo e pensem antes de tocar numa criança”.

Para os especialistas, os menores são protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, já que, mesmo antes do novo projeto de lei, o Estatuto já previa punições a quem os maltrata. O que falta mesmo, segundo eles, são atitudes práticas. Talvez o Governo ajudasse mais com ações efetivas na proteção da criança e do adolescente no Brasil, em vez de criar mais leis.

Agressivos

É na infância que começam os nossos primeiros contatos com a sociedade, alguns responsáveis por criar a nossa personalidade ou mesmo ditar comportamentos que continuarão para o resto da vida.

Crianças mordem, beliscam, chutam e pegam onde não devem, o que é bastante comum, afinal, elas ainda não sabem discernir o que é certo e errado dentro de casa ou mesmo na escola.

É nessa hora que começam os primeiros “nãos”, melhor dizendo, que os pais devem impor limites, principalmente quando comportamentos simples, como bater nos próprios coleguinhas, se torne algo freqüente, sempre mostrando que não é preciso machucar o próximo para conseguir o que quer.

Uma forma de corrigir comportamento errados é deixá-las

LIPO ENZIMÁTICA

Reduz até 36 cm de abdome total!

50 procedimentos com um só objetivo: deixar você mais magra.

Rádio Frequência
Endermoterapia
Massagem Redutora
Destox Redução

6X Apenas **R\$ 145,00** Por área

As 05 primeiras pessoas que fecharem o pacote ganharão 10 Sessões de Heccus - Por área



SP Amazônia

Av. Nazare, 777 • Fone: 3212-4560 / 3224-6565

1 de agosto de 2010 | Mulher

ESCOLHA

Quando recebeu a proposta para fazer um curso de especialização em Paris, onde ficaria por dois anos, a então recém-formada estilista Alba Rosa, 33 anos bateu o martelo e acatou a decisão que já havia tomado antes mesmo de entrar na faculdade. Não teria filhos, pois estes a impediriam de realizar seu sonho de se tornar uma bem sucedida fashion stylist. Hoje, depois de passar cinco anos estudando fora do Brasil e de ter criado sua própria grife de roupas femininas Alba diz não ter se arrependido de ter dado um passo tão delicado em sua vida.

Não é de hoje que muitas mulheres estão tomando a mesma decisão de Alba. Ser mãe exige dedicação exclusiva, acompanhamento do filho na escola, no curso de línguas, no balé ou natação. E com a vida corrida que o mercado de trabalho coloca sobre os ombros femininos, trocar fraldas e ir à reunião de pais está se tornando um planejamento de menor prioridade. "No início, minha família que é espanhola e, por isso tenho muitos primos e todos têm mais de dois filhos, não escondeu a frustração de eu ser a única a não dar netos aos meus pais. Mas hoje, vendo o quanto eu trabalho e viajo, eles entenderam que eu realmente seria uma mãe ausente e, sinceramente, ter filho para ser criado pelos avós ou por uma babá, definitivamente vai contra os meus princípios," conta a estilista.

A professora universitária Teresa Pontes, 42, também engrossa o time das "F. N. O. (Filhos? Não, obrigada!)". Ela já está no segundo casamento e sabe que mesmo com todos os avanços da medicina que permitem uma gravidez mais tardia, a rotina das fraldas e mamadeiras vai ficar para uma outra encarnação. "O primeiro casamento se desfez porque ele desistiu de me vencer da idéia de um herdeiro.



Ser titia é tudo o que ela quer

Foi doloroso, mas precisei ser egoísta e pensar no momento profissional em que vivia. Já meu segundo marido, quando me conheceu, sabia que filhos não estavam - e não estão - nos meus planos. Assim, podemos fazer muitas coisas juntos, como viajar ou ir ao cinema durante a semana sem a preocupação de não ter com quem deixar as crianças. Como ele é executivo e viaja mui-

É grande o número de mulheres que abrem mão da maternidade em função da carreira

to, entendeu que seria melhor assim. Eu dou palestras em universidades pelo Brasil, trabalho seis vezes por semana, dez horas por dia. Ter um filho seria até um ato cruel, pois sei que não estaria presente nos momentos em que ele mais precisasse de mim. No início, quando tomei a decisão, meu pai ficou sem falar comigo por quase um ano, pois não admitia que sua única filha não lhe desse netos. Hoje, ele entende melhor a minha situação e até tem dois "netinhos", um casal de labradores que dei a ele quando fizemos as pazes."

Na opinião dos especialistas, a maternidade vai ser cada vez menos importante para as mulheres. As gerações de nossas mães e avós foram criadas exclusivamente para o lar. Era inadmissível que uma mulher fosse à luta por um emprego. Mas os tempos mudaram e a medicina evoluiu muito, mostrando que a opção pela maternidade pode ser feita a qualquer hora. As mulheres hoje precisam trabalhar para ajudar o sustento da casa, pois só a renda dos homens não está sendo suficiente. Eles acham muito importante que tenha se chegado a este ponto. Mas dentro de toda mulher habita o tal instinto materno. Só que a opção em ser mãe presente ou ser apenas a parideira, que dá o filho para a babá cuidar, torna tudo diferente.

Não está sendo lançada aqui uma campanha pela não maternidade, mas é importante que a mulher saiba que decidir por não ter filhos em prol da carreira é hoje muito mais comum do que se imagina. Muitas empresas ainda dão salários mais altos a homens e demitem suas funcionárias assim que elas voltam de sua licença-maternidade. Então, se você decidiu que só vai investir em seus sobrinhos, tenha certeza de que não está pecando. Pecado, nesse caso, seria gerar um bebê e não presenciar o dia em que disse a primeira palavra ou ficou de pé e abriu os bracinhos para correr para os seus.

DIA DAS MÃES

NÃO QUERO

www.fabiopinafotografia.blogspot.com

Ser mãe é o sonho de quase toda mulher. Isso mesmo: quase. Apesar de a maioria brincar de casinha e escolher o nome dos herdeiros ainda na infância, nem todas têm a vontade e necessidade de procriar. Aliás, a decisão de não ter filhos começa a ser cada vez mais comum entre as mulheres. Algumas abrem mão da maternidade em prol de outras conquistas e não se sentem menos realizadas por isso. Nesse dia das mães, a Revista Mulher mostra o outro lado: o das mulheres que não vão ser parabenizadas hoje ou ganhar presentes; o lado das que decidiram abri mão (ou seria barriga?) da maternidade.

“Não tenho problema de fertilidade nenhum, nem o meu marido. Não ter filhos foi um direcionamento de vida pensado e refletido”, afirma a advogada Sonia Melo. Aos 42 anos, Sonia diz não se arrepender do que decidiu. Ao escolher a carreira jurídica, a advogada sabia que para alcançar seus objetivos profissionais precisaria de dedicação integral. “Pode até ser possível conciliar filhos e carreira. Mas você sempre deixa a desejar em pelo menos uma das partes”, justifica.

Família

A ausência de filhos, não tira de Sonia a convivência em família. Casada há 21 anos com o também advogado Delmiro dos Santos, ela diz que vive ainda em clima de lua de mel. “Ele nunca me cobrou um filho. Pelo contrário sempre me incentivou a correr



● **Realizada**
Sonia afirma que é muito bem resolvida com a decisão que tomou

SER MÃE

As mulheres começam a abrir mão da maternidade e vão em busca de outras conquistas

atrás dos meus sonhos e talvez por isso estejamos juntos todo esse tempo", revela.

Para a antropóloga Denise Cardoso, essa escolha é fruto de um processo social. Atualmente, as mulheres exercem atividades profissionais até então restritas aos homens, possuem um nível de escolaridade superior ao que ocorria há décadas atrás e buscam maior e melhor participação política. "A opção em não ter filhos é uma dessas conquistas, pois cabe a elas o direito de escolher entre ter e não ter filhos, ou quantos filhos terão e em que momento de suas vidas isso ocorrerá", diz.

Cobrança

Sonia confessa que muitas vezes a maternidade lhe é cobrada, mesmo em uma conversa in-

formal com amigas. "O papo de filhos e escola acaba surgindo e às vezes comentam que já está na minha hora", lembra. A antropóloga argumenta que há cobranças de vários níveis e intensidade não só em relação às mulheres, pois socialmente há regras. E o fato de não segui-las acarreta em sanções, mas isso não impede que as pessoas ajam pelo livre arbítrio.

É exatamente assim que Sonia encara os comentários. "Se você for viver em função das opiniões dos outros, não faz nada", afirma. A advogada explica que ser mãe é renunciar você em função de outra pessoa e que não estava preparada para fazer isso. "Sei que muita gente vai me achar egoísta, mas eu acredito que existem outros jeitos de você ser mãe. O meu trabalho e o meu marido são os meus filhos", diz.

Apesar de várias pessoas ve-

rem a decisão de Sonia com maus olhos, ela recebe o apoio incondicional da mãe, Ângela. "Acho que foi a melhor decisão que ela tomou. Eu tive cinco filhos, mas sou de uma época diferente. Sonia tem a opção de ter uma carreira e não acho que está errada em priorizá-la", defende.

Vaidade

Como não tem outra pessoa para tomar conta, Sonia gasta o seu tempo e dinheiro cuidando dela mesma. "Tudo que tive vontade de fazer para me sentir mais bonita fiz, seja tratamentos estéticos ou até cirurgias", revela. A advogada se considera uma pessoa vaidosa, mas não só esteticamente. "Além de querer estar sempre bonita e bem vestida também gosto de me manter sempre atualizada e informada sobre a minha profissão", conta. Esse é um dos aspectos que também a impediriam de dar atenção a um filho. "Hoje estou aqui, mas amanhã posso estar em São Paulo. Por isso, não tenho cachorro para cuidar nem planta

para molhar", brinca.

Para tia

Quem também sempre sonhou com a independência e liberdade e por isso abriu mão da maternidade foi a design de interiores Olinda Rocha, 37 anos. "Minha mãe casou muito cedo e teve três filhos. Logo vi que não era aquela vida que queria pra mim", afirma. Olinda diz que viu os exemplos bem perto ao observar a vida dos irmãos e das amigas. "Adoro a noite e viajar e já vi eles não poderem fazer isso, porque não tinham com quem deixar os filhos", revela.

Ao contrário de Sonia, Olinda sempre foi muito cobrada em todos os seus relacionamentos. "Todos os meus namorados questionaram a minha decisão. Mas sempre deixei bem claro o que eu queria", ressalta. A design de interiores conta que prefere mesmo é ser tia. "Tenho cinco sobrinhas que estão sempre comigo. Eu adotei elas", diz. Para Olinda é tudo uma questão de opção: "Simplesmente não me vejo mãe".

Cabe às mulheres o direito de escolher entre ter ou não ter filhos

Mes das Mães

Trio rejuvenescimento intensivo*

- Laser Uv-irradiado
- Toxina Botulínica
- Proenchimento Ácido Hialurônico

*Promove um rejuvenescimento geral da face, melhorando a qualidade da pele, linhas e rugas.

Dr. Fabíul Vendramin
CRURIO PLÁSTICO
CRP 1827

Av. Generalíssimo Deodoro, 391
(91) 3222-0888 | (91) 8871-7667
www.opainivendramin.com.br

Ψ Espaço Psi

Psicólogas Especialistas

Audrey Luciana Braga
CRP-10/02604

Lúvia Torres
CRP-10/02777

Avaliação • Psicoterapia • Consultoria e Assessoria Empresarial
Acompanhamento Psicopedagógico • Orientação Vocacional.

Rua Antônio Barreto, 1197, alcos.
Telefones: (91) 3253-8720 / 8149-6941 / 9641-1178

9 de maio de 2010 | **Mulher** | 7



Papéis

A atitude é uma palavra cada vez mais falada no universo feminino. Foi com ela que as mulheres conquistaram, definitivamente, o seu espaço no mercado de trabalho e em grandes cargos públicos, e seguiram lutando por direitos iguais entre os sexos. Porém, em se tratando de relacionamentos, ter atitude é ainda um ponto polêmico. Enquanto alguns homens gostam dessa ousadia feminina, outros ainda preferem o estilomulherzinha, delicada e um tanto submissa.

Na hora da conquista, eles ainda se sentem mais à vontade cortejando que sendo cortejados. E as mulheres, que se acostumaram com tantas conquistas, ainda precisam lidar com essa dicotomia nas relações. Será que o papel do homem e da mulher ainda está definido? Entramos em campo para debater essa questão.

Para o administrador Rafael Gusmão já não existe mais essa divisão entre o que homens e mulheres devem fazer, tudo depende da postura. Atualmente solteiro, ele gosta de conquistar, mas não vê problema em levar adiante um romance com uma garota que tenha tomado a atitude na hora da conquista. Isso, obviamente, se ela tiver valores parecidos com os seus. "A mulher pode chegar sem ser vulgar, a questão é como fazer. E tem mulher que sabe", diz ele, que admite já ter sido a "caça", e não o "caçador" algumas vezes.

A eterna discussão sobre transar ou não no primeiro encontro é indiferente para o auditor. "Por que eu posso e ela não?", questiona. Ele acredita que, hoje em dia, o relacionamento naturalmente inclui o sexo. "Se a pessoa gosta de você, se sente atraída, ela vai querer que role". E esse posicionamento, segundo ele, vale tanto na-

invertidos na sedução

ra homem quanto para a mulher. “Eu já me apaixonei por mulheres que cederam na primeira noite. Não vejo mal nisso”, afirma.

JOGO

Outro ponto polêmico nesta guerra dos sexos é o fazer-se de difícil. Mesmo a fim, muitas mulheres insistem em dizer “não” no início da conquista e assumem esse comportamento como regra. Rafael acredita que existem mulheres extremamente difíceis que se tornam um desafio para o homem apenas pela questão da conquista, mas que depois perdem a graça. Por outro lado, existem outras que não fazem joguinhos e que são extremamente interessantes. Ou seja, a negativa não é, necessariamente, o que se espera de uma mulher.

Já para o empresário Leonardo Pereira o “não” na hora da paqueta é... não! Mulher que faz charme, definitivamente, não tem vez com ele, mesmo que esteja só fazendo tipo. “Quando uma mulher faz boca torta ou olha para o lado eu já dou o fora”, diz. Segundo Leonardo, essa atitude pode até valorizar a conquista para outros homens, mas com ele o papo é outro. “Eu curto muito a sinceridade. Odeio joguinhos!”

Na opinião do empresário, a

Como as mulheres se tornaram especialistas imbatíveis na arte da conquista

mulher que não perde tempo fazendo charme mostra que é mais decidida. Essa sim seria a mulher moderna. “Gosto de conquistar. Só que é muito chato ficar bancando o bobo diante de uma garota que está a fim, mas não demonstra. É como se ela precisasse sentir que me tem na mão antes de qualquer coisa”.

Mas quando a situação se inverte e uma mulher chega nele... “Minha última namorada foi quem tomou a iniciativa. Primeiro tentou em um forró, mas na época eu estava enrolado e nada aconteceu. Em outra ocasião, já chegou falando na minha orelha”, conta. Atitude pouca é bobagem! Quem escuta isso pode até achar que ele está fazendo tipo e que essa história não passou de alguns meses. Ledo engano! O namoro não só durou três anos e meio, como virou noivado e por pouco não se concretizou em um casamento.

A publicitária Luciana Hervo, por sua vez, não chegou falando na orelha de Marcelo Hosannah, mas devagar se aproximou, mostrou o interesse e conquistou o administrador. Para ele, a mulher que chega com sede o assusta, a que chega observando o atrai mais e a que chega com cuidado, buscando saber como funciona, como pensa, é muito mais interessante. Luciana se encaixou no terceiro tipo de mulher descrita por ele: tomou a iniciativa aos poucos.

Hoje já comemoram onze meses de namoro. “Eu queria chegar, mas não abertamente. Comecei conversando com ele sempre que possível. Não só para me fazer perceber, mas para ver se ele era tudo aquilo que eu imaginava”, conta ela, que já tomou a atitude inicial outras vezes. “Sempre fiz da mesma forma que eu gostaria

que fizessem comigo”, diz. A fórmula da moça? “Conversa, charme e beijo”, indica.

ORGULHO

Medo da rejeição Luciana precisou conviver com o medo para tentar conquistar o administrador. “Eu estava mais assustada que o Marcelo”, conta. O que é normal, se considerarmos que ela se expôs diante do outro. Afinal, não é porque os desejos foram assumidos que os receios e a inseguranças ficaram de lado.

“Dar a cara a tapa é difícil. Prefiro até que o homem tome a atitude, mas se eu estou afim não fico parada”. Ela acredita que você, antes de tudo, deve fazer o que tiver vontade, mesmo reconhecendo que esse tipo de comportamento assusta. A publicitária, entretanto, faz uma ressalva. “Só que esses que se assustam facilmente nunca me interessaram. Tomo a iniciativa em outras situações e se essa já não agrada, não tem como dar certo”, diz.

Esse jeito de ser que, certamente, deixaria muitos homens arrepiados de medo, foi o que Marcelo precisava para chamá-la para um chope e dar continuidade a essa história. “A Lu foi superdelicada e eu me sentia tão confortável conversando com ela que me inte-

ressei. Essa coisa de falar o que dá na telha, de rir com o corpo todo... Agora, se ela não tivesse aceitado o convite, talvez não tivesse pedido de novo”, reconhece.

No entanto, esse tipo de mulher que toma a iniciativa ainda não faz parte da maioria. As mulheres brasileiras têm receio de contar que tiveram mais de cinco parceiros ao longo da vida. Elas têm medo de assustarem os homens e de serem consideradas galinhas apenas por demonstrarem o seu desejo.

Sendo assim, onde estaria a liberdade sexual nisso tudo? Para os psicólogos, as relações ainda não são igualitárias e as mulheres continuam muito passivas e submissas. Poucas sabem o que querem e lutam por seus desejos, mesmo que estes contrariem as normas sociais. Isto é, poucas são consideradas “modernas”.

Essas valorizam a liberdade, a autonomia, a independência e a realização pessoal. Não fogem da luta. Segundo eles, seriam aquelas que não precisariam de “um homem para chamar de seu” para provar o seu valor. E essa “independência” é o que realmente os assustam. Os homens precisam se permitir a conviver e conhecer mais esse tipo de mulher que assume os desejos para se acostumarem com a ideia.

CLÍNICA SOUZA

Cirurgia Plástica

Dra. Irene - CRM 608

Dra. Vera Tatiana - CRM 4179

Residência Dr. Ivo Pitanguy

Curso Jackson Memorial Hospital - EUA

- Mama

- Abdômem

- Lipoescultura

- Orelha

- Rugas

- Palpebras

- Botox

- Preenchimento

- Calvice

- Próteses

Cirurgia Geral

Dr. Carlos Souza - Curso Jackson Memorial Hospital - EUA - CRM 371

Oftalmologia

Dr. Carlos Souza Junior - Curso Inst. Barraquer - Barcelona - CRM 6465

Rua Mundurucus 2422 - Fone: 3225-0077

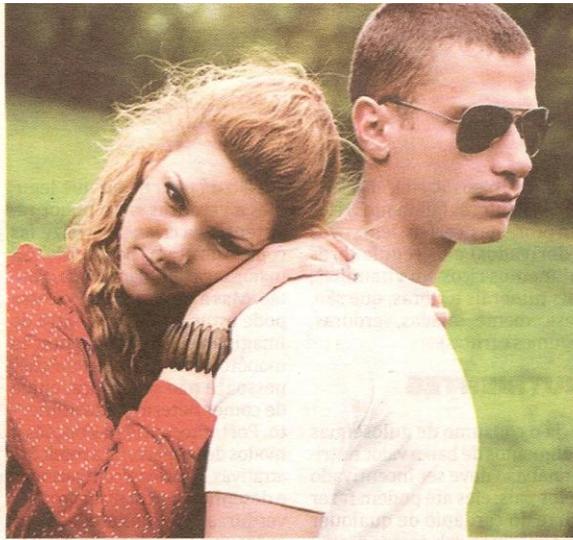
RELAÇÕES

E lá foi a noiva, toda de branco. Nos contos de fadas, é aí que a história termina: “E foram felizes para sempre”. Ninguém mencionou que o marido ia chegar bêbado em casa, que não colocaria o lixo para fora e que deixaria a toalha molhada em cima da cama. Você não sabia que ele roncava quando fica muito cansado, que ele não cogita dividir o controle remoto ou que ele não quer ter filhos nem tão cedo. Resultado: você casou pensando que ele era um príncipe, mas, pouco tempo depois, veio aquela pulga atrás da orelha, sussurrando no seu ouvido que o seu marido está mais para sapo - e ele não é nada daquilo que você pensava.

No futebol, há um jargão que diz: “Treino é treino, jogo é jogo”. No relacionamento amoroso também é assim: namoro é namoro, casamento é muito diferente. “Morar de baixo do mesmo teto que uma outra pessoa não é mole”, diz a arquiteta Fátima T., de 31 anos, que ficou casada por dois anos. “Mas poderia ter separado no terceiro mês”, conta ela, que logo sacou que o casamento não daria certo.

“Meu ex-marido foi um namorado excelente: carinhoso, apaixonado, divertido. Mas, depois que casamos, vi que ele era um péssimo marido: irresponsável, folgado e acomodado. Eu achava que as coisas entre nós podiam voltar a ser como eram na época do namoro, que eu tinha que tentar mais, me dedicar. Até que chegou uma hora em que a ficha de que ele não era o homem certo caiu e pedi a separação”, resume.

A separação também foi



Diga não ao homem errado

realidade na vida de Flávia e Gabriel. Eles casaram depois de seis meses de namoro, totalmente apaixonados. Antes do casamento, só namoravam uma vez por mês: estavam separados por algumas cidades do Brasil. “Para ficarmos juntos, tivemos que casar. Eu me mudei para o Rio e começamos a morar juntos”, conta Flávia, fisioterapeuta, que - no fundo, no fundo - sabia que aquele casamento era uma grande aposta.

“Desde o começo, sabia que ele podia não ser o homem certo, porque a gente não se conhecia tão bem assim. Mas não teve outro jeito. Não me arrependo de ter casado”, garante ela, que se separou recentemente após se dar conta de que seu estilo de vida não era compatível com o do ex-marido. “Ele dormia tarde, eu acor-

dava cedo. Eu queria ir à praia, ele queria ir para o bar. Eu queria filhos, e ele tinha horror de criança”, enumera.

ILUSÃO

Antes do casório, ele era de um jeito. Depois do casamento (parece mágica!), ele virou outro. Já viu esse filme? A professora Marília P. está vendo. “Antes de a gente se casar, ele me prometeu mundos e fundos. O

principal era um bebê, que ele dizia desejar tanto quanto eu. Mas agora ele está mostrando quem realmente é, adiando o nosso primeiro filho para depois”, reclama Marília, que tem 33 anos e acha que casou com o homem errado. “Tudo é desculpa para adiar um filho: viagens, grana... E eu não posso ficar com um cara que não tem a família como prioridade”, diz ela, que se sente enganada e não sabe se o casamento tem futuro.

De acordo com os psicólogos, em primeiro lugar, temos que pensar na questão da idealização. É comum, no começo de um relacionamento ou de um casamento, idealizar o parceiro. Aos poucos, no dia-a-dia, é que as pessoas vão se conhecendo, percebendo os hábitos e até as manias uma da outra. É também natural que diferenças apareçam, uma vez que o marido veio de uma família e teve determinada educação, enquanto a mulher teve outra, cada qual com suas particularidades.

Para eles, depois do casamento, é preciso haver um ajuste em que um terceiro jeito de viver será estabelecido, já que não é o jeito de um, nem de outro, mas uma mescla dos dois. O parceiro pode não ser exatamente como se esperava, mas mesmo assim, ter um jeito que agrada. Vale a pena tentar ver o que está errado e o que pode dar certo. Mas, se não houver entendimento possível, o caminho pode ser a separação.

Hoje em dia, é comum que casais de namorados morem juntos, no que chamamos de test-drive para o casamento. Essa experiência, sem dúvida, dá mais dados a respeito de um e de outro para saber se a vida a dois é possível.

Antes de casar, conheça o parceiro para não ter surpresas desagradáveis

CAPA

Todo mundo gosta de ganhar um mimo de vez em quando. E parece que nós, mulheres, temos uma tendência natural a mimar o marido ou namorado: beijinhos, preocupações, cuidados. Se ele deixar, tomamos conta deles como quem cuida de um bebê - e é justamente aí que mora o perigo. Qual é o limite entre mimar e ser a mãe dele?

Mimar e ser mimado por quem amamos é uma das maravilhas do mundo. Mas é preciso apreciar com moderação. A secretária Maria de Lourdes, é casada com Thiago e se preocupa em não mimá-lo demais. "Uma vez me disseram que o marido é o primeiro filho de uma mulher. E o pior de todos: já vem todo 'estragado'", brinca ela, que anda correndo do papel de mãe do marido. "Não fico em cima do meu marido fazendo tudo para ele. Afinal, casamento é uma troca. Cuido dele na mesma medida que ele cuida de mim", diz Maria, que ainda não conseguiu se libertar das tarefas frequen-



Ivana Freitas

Psicóloga Clínica

CRP/PA 3016

Educadora Física

Especialista em relação de casal e familiar

EMDR

Nova Psicoterapia

- Ansiedade, depressão
- Auxílio no Emagrecimento
- Fobias, Pânico
- Dor Crônica
- Alcoolismo
- Gagueira
- Amparo no Luto

Hora Marcada

Fone: (91) 3224 2422
8868 1911

Centro Empresarial Bolonha
Av. Governador José Malcher, 168
Sala 411. Nazaré - Belém - Pará
Cep: 66035 100



Reabilitação Oral

Estética do Sorriso e Laser Terapia



Dra. Wilma Costa • CRO 1185

Especialista em Endodontia • Mestranda em Reabilitação Oral
Estética do Sorriso • Aperfeiçoamento em Laser Terapia UFR

Laser Terapia para:

- Tratamento e prevenção de mucosite pré e pós radio/quimioterapia
- Candidíase
- Dores de cabeça e pescoço
- Herpes labial
- Paralisia facial
- Sinusite
- Queilite Angular
- Xerostomia (secura da boca)
- Língua geográfica
- Pós-operatório cirúrgico

Tratamento e Prevenção de Herpes Labial com Laser.

- Clareamento
- Emergências Odontológicas
- Estética Dental
- Halitose
- Tratamento de Canal
- Tratamento Gingival
- Próteses fixas, removíveis e sobre implantes

Atendemos particulares e convênios: B. Brasil, TRT, e Uniodonto.

Trav. Vileta, 1973 - Marco - Fones: 3226-7396/3226-4454/9984-211

Namorado muito MIMADO

Qual o limite entre mimar e ser praticamente uma mãe do seu companheiro?

temente atribuídas às mulheres como fazer comida, limpar da casa, lavar as roupas. "Mas ele sabe onde ele deve por a roupa suja. Se ele não coloca lá, depois não adianta vir reclamar que eu não lavei. Não fico atrás procurando". Ela garante que divide tarefas e reserva um tempo para alguns mimos, que, na sua visão, são demonstrações de carinho.

A advogada Carla Aguiar é casada e tem uma visão mais pessimista da questão. Para ela, mimando e cuidando o tempo todo do marido, não tem jeito: deixamos de ser mulheres para encarnarmos o papel da mãe-zona. "Com o passar dos anos a

gente vira mãe de todos. E passa a amar o marido como filho, o que não é legal", diz ela, que acredita que os homens ficam confortáveis nessa situação. "Acho que para o homem é cômodo. Sabe por quê? Porque, pra ser mulher de verdade, tem as de fora do casamento", diz.

A verdade é que num relacionamento amoroso todo mundo quer que o outro seja um pouco pai ou mãe. É o que pensa a publicitária Fernanda Siqueira, casada, que admite se sentir um pouco mãe e um pouco filha do marido. "A gente cuida um do outro, mimma, dá carinho, faz brincadeira de criança e é tudo muito lúdico.

Adoramos!". Ela conta que toma seus cuidados para não ser maternal demais. "O meu lado mulher tem que estar sempre em primeiro lugar. Por exemplo, eu gosto de brincar de enxugá-lo quando ele sai do banho, como uma mãezinha, mas acabo descambiando para algo sensual", revela.

Para os psicólogos, é uma delícia receber um carinho ou algum tipo de cuidado do parceiro. Eles dizem que quem não gosta de ser mimado? O homem muitas vezes vem de uma experiência anterior de mimo por parte da mãe. Assim, se ele foi muito cuidado ou mal acostumado, certamente vai gostar de uma parceira que

faça igual. E a mulher é preparada para cuidar, já que elas têm esta habilidade inata pois foram preparadas biologicamente para serem mães.

É esclarecido que quando a namorada ou esposa faz coisa como servir o prato dele ou falar para ele não esquecer o agasalho, isso também faz parte de uma classe de comportamentos que chamamos de cuidar. Este sempre foi papel da mulher, como uma herança biológica. Por isso, é natural que a mulher queira cuidar de seu parceiro. O que se deve evitar são os exageros. Os psicólogos alertam que fazer tudo pelo parceiro pode torná-lo preguiçoso ou passivo.

ONCOCENTER

Tecnologia a serviço da sua saúde

Alta tecnologia e profissionais especializados fazem toda a diferença na hora de tratar da sua saúde. O Oncocenter - Centro de Combate e Tratamento do Câncer - oferece a melhor opção para o tratamento e prevenção do câncer, com a mais avançada tecnologia e uma equipe multidisciplinar, qualidade desenvolvida através de constantes intercâmbios com os maiores centros médicos do país.

Dr. José Augusto
Palheta

- Quimioterapia
- Oncologia
- Mastologia
- Onco check-up
- Oncogeriatría



ONCOCENTER
Centro de Combate e Tratamento do Câncer

Av. João Paulo II, 621 - Fone: (91) 3266.2060

RELAÇÃO

Casamentos

MÚLTIPILOS

Separa, casa, separa e casa de novo. Entenda esse comportamento cada vez mais comum.

Foi-se o tempo em que casamento era um compromisso "até que a morte os separe". É cada vez mais comum encontrar 'casamenteiros de plantão', mulheres que trocam alianças não uma, mas duas, três vezes ou mais ao longo da vida. Seja pela maior facilidade do divórcio, por desapego ao comprometimento ou busca incessante pela relação idealizada, o fato é que as uniões estão com prazos de validade cada vez mais curtos.

Um dos exemplos mais célebres é o cantor Fábio Jr., o Don Juan brasileiro, que já subiu ao altar seis vezes. Sua mais recente ex-mulher é a modelo e atriz Mari Alexandre, com quem ficou por quase três anos, até a separação anunciada em junho. Antes de Mari, o galã teve um casamento de 135 dias com outra loira, a socialite Patrícia de Sabrit, atualmente numa relação estável. Ela diz que a experiência com Fábio foi válida... para descobrir o que não quer para a sua vida.

"Sou romântica, gosto de pensar que as pessoas ainda acreditam na instituição casamento. Eu acredito. Estou com o pai do meu filho há cinco anos e estamos indo muito bem. Claro que com altos e baixos, como todo mundo, mas lutando para manter a relação. Tirei uma ótima lição do casamento com o Fábio, meu primeiro e ainda único, já que desta vez não casei no papel", diz Patrícia. Ela concorda que haja menos tolerância

entre os casais, mas não menos esforço: "Meus pais são casados há 37 anos e acho isso lindo!".

A busca pelo novo

A constante busca por novas experiências é, para os psicólogos, um dos principais motivos para os casamentos múltiplos. Para eles isso tem a ver com uma característica do nosso tempo. As pessoas estão em busca de experiências e aventuras novas. Hoje em dia é tudo muito volátil. A modernidade coloca em xeque tudo o que é absoluto. Antigamente o casamento era considerado uma instituição inviolável. Hoje só é visto como uma possível experiência para um relacionamento. Esse

comportamento se assemelha ao consumismo da sociedade capitalista. As pessoas experimentam umas às outras, se gostarem elas ficam, se não a vida segue. A predisposição para construir um relacionamento duradouro diminui consideravelmente.

Foi o que aconteceu com a jornalista Marluce Loureiro. Com um histórico de cinco casamentos, ela cita a incompatibilidade de interesses e a idealização como fatais para suas relações. A primeira união aconteceu quando Marluce tinha apenas 17 anos e seu marido, 29. "Estávamos apaixonados e resolvemos nos casar. Ficamos juntos dois anos, mas era óbvio que não daria certo por causa da diferença de idade", conclui.

Três anos depois, ela conheceu a segunda homem, com quem decidiu morar fora do Brasil. "Foi uma experiência muito boa, a gente se dava muito bem, mas chegou um momento em que começamos a ter opções de vida diferentes. Ele queria continuar morando fora e eu queria voltar para o Brasil. Entre a minha felicidade e a felicidade do casamento, optei pela minha e acabamos terminando", justifica.

A terceira união foi mais estável e resultou em dois dos três filhos da jornalista. "Eu e meu marido éramos amigos de infância, nos conhecíamos muito bem. Em quatro anos e meio juntos dei à luz duas vezes. Mas chegou um momento em que a coisa esfriou. Tudo nessa vida tem prazo de validade, a gente que se esquece de ver a etiqueta", filosofa. "Um ano e meio depois eu me casei de novo. Ficamos juntos quatro anos e tive mais um filho, mas novamente o casamento acabou".

Há uma eterna busca pelo romance perfeito, mas nem sempre dá certo



Reabilitação Oral

Estética do Sorriso e Laser Terapia

Dra. Wilma Costa • CRO 1185

Especialista em Endodontia • Mestranda em Reabilitação Oral e Estética do Sorriso • Capacitação em Laser Terapia USP-SP

Dra. Hellen Almeida • CRO 2696

Ortodontista • Capacitação em Laser Terapia USP-SP

Laser Terapia para:

- Tratamento e prevenção de mucosite pré e pós radio/quimioterapia
- Candidíase
- Dores de cabeça e pescoço

- Paralisia facial
- Sinusite
- Queilite Angular
- Xerostomia (secura da boca)
- Língua geográfica
- Pós-operatório cirúrgico

Tratamento e Prevenção de Herpes Labial com Laser.

- Clareamento
- Emergências Odontológicas
- Estética Dental
- Halitose
- Tratamento de Canal
- Tratamento Gengival
- Próteses fixas, removíveis e sobre implantes

Atendemos particulares e convênios: B. Brasil, TRT, e Uniodontol. Trav. Vileta, 1973 - Marco - Fones: 3226-7396/3226-4454/9984-2104



Sério, mas casamenteiro

A advogada Ruth Fernandes contabiliza quatro casamentos passados e um atual, mas para ela tantos compromissos são consequência de levar tudo muito a sério. “Nunca gostei de ficar só na caça, solteira, ir para boate. Sou muito tímida, mais quieta. Desde menina fui a festinhas, todo mundo se dava bem, menos eu.”, orgulha-se.

O primeiro casamento de Ruth aconteceu quando ela tinha 31

anos e o par em questão apenas 23: “A gente começou a namorar e tudo ficou muito sério rapidamente. Nos casamos e ficamos três anos juntos. Mas nossa relação foi muito intensa, cheia de altos e baixos, brigas, discussões e muitas diferenças de opiniões. Um dia a gente sentou, conversou e achou melhor parar por ali”, relembra.

Seis meses depois, a advogada se envolveu com o professor da academia onde malhava. “Ficamos dois anos juntos e foi muito bom, muito prazeroso, só que ele

tinha objetivos de vida diferentes dos meus. Ele era atleta, queria morar fora, fazer cursos e eu via que ele estava se sentindo preso a mim, deixando de aproveitar certas oportunidades. Então eu lhe disse ‘vai fundo’”, conta ela, que também fez a fila andar: “Meu terceiro marido conheci em outra academia. Tinha muitos amigos lá e certo dia descobri que um amigo tinha acabado de se divorciar. Começamos a conversar, trocar experiências e três semanas depois estávamos juntos”.

O relacionamento teve fim quando um amigo do casal começou a se interessar por Ruth: “Ele começou a me ligar, a correr atrás de mim. Até que um dia estávamos num barzinho e ele confessou para a meu namorado que era apaixonado por mim. Terminei e acabei casando com o outro”. Foram nove anos de união e um filho, o único da advogada.

Hoje Ruth está na quinta relação. Conheceu seu par atual através de uma rede social na web e diz que vê um futuro próspero desta vez: “Temos os mesmos objetivos, ele é família, tem um filho mais velho que se dá superbem com o meu, temos uma vida bem leve. Não brigamos, não discutimos, nos entendemos. É um relacionamento saudável. Se não der certo, vou continuar tentando não se deve perder as esperanças. Vou sempre continuar tentando”.

Menor esforço

A falta de tolerância em vários aspectos da vida, atinge certamente os romances. Os especialistas identificam uma propensão de os casais se esforcem menos para solucionar problemas: eles partem para outra assim que as expectativas da relação não são atingidas.

Para eles, o futuro é ainda mais descompromissado. A tendência é que o casamento seja cada vez menos levado a sério. Antigamente os valores morais e religiosos eram mais presentes e faziam com que as pessoas se mantivessem casadas. Hoje em dia, elas escolhem umas às outras como escolhem mercadorias no shopping.

PROMOÇÃO

SUA BELEZA DE CARRO ZERO



CLÍNICA DM FISIO INOVA

Faça tratamentos estéticos e concorra a um Ford Ka 0Km

- Laser CO2 Fracionado (Rejuvenescimento, rugas, estrias e cicatrizes)
- TightSkin (Rejuvenescimento facial)
- Laser Synchro (Depilação definitiva, vasos e manchas)
- Heccus • Carboxiterapia sem dor
- Hdlipoclasia US
- Plataforma
- Drenagem linfática
- Limpeza de pele
- Peeling de cristal e diamante

Sensação do momento

SPECTRA

- Flacidez facial e corporal
- Celulite • Gordura localizada

Saiba como participar, ligue:

(91) 3223-3861 | 4141-6525

Rua Dos Mundurucus, 1983 (Serzedelo Corrêa e Dr. Moraes)



Destino

RUI PAIVA
Astrólogo
rui.paiva@bol.com.br

Carga elétrica

Terminaram as férias de julho, isto é, para quem estava realmente de férias. O mês se despede com aspectos astrológicos atípicos que deram uma movimentação estranha praticamente desde meados de junho. O momento é de olhar para trás e ver o que precisa ser redimensionado, revisto e possivelmente alte-

rado. Acontece que há uma tensão entre Marte e Júpiter, e pode trazer riscos em algumas áreas de trabalho ligadas à eletricidade nesse início de mês. Isso mesmo, as famosas quedas e altas de energia podem ocasionar panes, descargas, sobrecargas e afetar os eletrodomésticos e outros aparelhos.

Leoninos

Desde o dia 23 de julho, o Sol entrou no signo de Leão e a partir de agora uma nova dimensão aos horizontes dos leoninos. Planos são muitos e vontade agora restaurada para poder mudar algumas situações que não estavam caminhando muito bem. O eclipse em Câncer pode ter reacendi-

do e trazido à tona algumas questões do passado em julho como o saudosismo dos tempos escolares e questões quase recentes que devem ficar para trás. O momento deve ser aproveitado para superar mágoas familiares e partir para os novos planos. Pensar muito antes de agir sempre é bom.

Objetivos de Leão

Os leoninos não devem esquecer, principalmente depois de seus aniversários, que devem estar focados em seus objetivos. Não devem desperdiçar energias com coisas pequenas e sim guardá-las porque vão precisar num futuro bem próximo. É bom ter em mente que um dos pontos fortes para ter êxito em seus

planos é ter a flexibilidade necessária para conseguir contornar pequenos problemas. Se resolver investir seu dinheiro em alguma ação é bom calcular os riscos. Cuidado com os gastos excessivos na área doméstica. O seio familiar será muito importante para as demandas desse segundo semestre.

Rebeliões

E alguns aspectos tensos ainda continuam nesse início de mês e as pessoas devem saber que há no ar uma sensação de perda do controle, tanto pessoal como coletivo também. Há possibilidade, inclusive de rebeliões em presídios e acontecerem fugas de presos

em delegacias nesses primeiros quinze dias de agosto. Essa insatisfação nesses lugares não é de agora, já vem acontecendo desde o final de junho e agora a tendência é eclodir com a falsa sensação de poder e de liberdade que paira no ar. Prevenir é melhor do que remediar.

Semana

Lua cheia em Áries acen-tua a necessidade de ação ainda nesse início de mês. Se for possível, é bom haver dedicação para as questões mais espirituais e esperar acontecer algumas "coincidências". Necessidade de desacelerar o ritmo e dar um tempo ao corpo a partir de segunda-feira até o início da quarta-feira. Momento bom para se refletir

e resolver problemas. Aproveite a quarta para dar uma arrumada na casa. Na quinta as comunicações e os transportes de cargas podem ser afetados. Na sexta muita emoção no ar. Se existirem as mágoas, bem, saiba como lidar com elas. Há um pouco de carência no ar. Mudanças nas rotinas e é bom se resguardar mais em casa. Boa semana!

RELAÇÃO

Amizades coloridas, namoros abertos e casamentos sem véu e grinalda. É cada vez mais comum encontrar casais que resolvem se unir de maneira nada convencional. Por outro lado, são muitos os que questionam e sofrem com a falta de comprometimento da nova geração, que aprendeu a beijar na boca mais cedo, mas se esqueceu de se envolver de verdade. Será só esquecimento ou uma maneira de evitar sofrimento? Segundo especialistas, a realidade moderninha do "ficar" sem compromisso pode esconder um desejo íntimo bem saudosista: rotular a relação.

Segundo os psicólogos, a necessidade não é do rótulo e sim da entrega e do comprometimento. Eles informam que a necessidade não é do nome, mas sim do que ele traz.

É destacado que o título não é sinônimo de que tudo vai bem: tem que tomar cuidado com o rótulo que é colocado só para satisfazer o outro. Quando isso acontece, não dá certo, já que ele não vai trazer uma sensação de compromisso, de saber onde está pisando e até onde você pode se envolver.

Guerra

Tradicionalmente é a mulher quem mais exige uma definição do relacionamento, mas os psicólogos chamam a atenção para a mudança dos tempos. Eles dizem que é claro que a mulher tende a querer mais uma rotulação, até pelo fator biológico, de construir um lar, uma família. Mas tem crescido o número de homens que reclamam do descaso com o compromisso. O interessante é que a ânsia pelo rótulo e o medo dele coexistem.

Esta resistência, segundo os especialistas, pode ter origem no histórico de vida da pessoa: algo relacionado aos pais ou a alguma experiência amorosa que resultou em uma fobia de rótulos, o que não é sinônimo de que ela não esteja envolvida: ca-

da história é uma história. Tem gente que acredita que, quando há a rotulação, a relação se deteriora, e que é melhor deixar o relacionamento livre. Mas isso sempre deve ser conversado.

Padrões

Há também quem encontre compromisso em relações que não se encaixam nos padrões estabelecidos. Os psicólogos explicam que muitas pessoas criam a sensação de comprometimento de outras formas e têm um relacionamento aberto, diferente do que a gente entende como tradicional, e conseguem manter relações livres e felizes. Mas isso porque eles se sentem supridos do fator 'compromisso'.

Um exemplo disso é a relação que a secretária Sílvia de Andrade mantém com seu namorado, Victor. Juntos há dez anos, eles vivem em casas separadas. Cada um morando em bairros diferentes.

Ao contrário do namorado, Sílvia, que já subiu ao altar uma vez, explica que não tem interesse em se casar novamente. "Meus filhos não gostam da Zona onde ele mora, já tinham a vida deles aqui no bairro. A mesma coisa acontece com o Victor. Além disso, não tenho mais interesse em casamento. Do jeito que levamos nossa relação é melhor, temos mais liberdade para cada um viver a sua vida. A gente até vem conversando sobre a possibilidade de morar junto, porque meus filhos estão mais velhos, mas ainda não quero. De repente, depois de os filhos saírem de casa. Para mim as coisas estão boas do jeito que estão. Me acostumei com a nossa rotina. Nos vemos sempre, saímos, jantamos um na casa do outro, mas preciso de um lugar só meu, de um momento só meu", diz.

Indefinição

A assessora Carla Teixeira, acredita que o rótulo é de extre-

Rotulando

A RELAÇÃO

Entenda o que pensam os casais que têm **5** medo de dar nome a união.



ma importância. "Quando você está saindo com um cara, chega um momento em que alguém precisa falar articuladamente que sim, que isso é um namoro e temos um

compromisso. Os envolvidos sabem em que tipo de 'pacto' estão se envolvendo, e que concordam com isso, não é apenas uma 'viagem platônica', em que apenas um

está comprometido", explica.

Ela acredita que a tendência à indefinição do vínculo existe, mas que a relação que se cria a partir daí está longe de ser aberta, já que não haverá diálogo e consenso. "O não-rótulo só pode existir com o silêncio das duas partes, nunca cobrando nem questionando nada, o que eu acho bem difícil. A partir do momento em que os dois sentam para conversar, estará dando um rótulo, ainda que seja 'podemos fazer qualquer coisa, mesmo estando juntos'", exemplifica.

Carla faz coro com os psicólogos quando afirmam que não é o título que beneficia o casal, mas o que ele desenvolve e estabelece para si: um acordo sobre os limites de cada um. A rotulação não traz mais segurança. O que traz mais segurança são a cumplicidade, a amizade, o respeito e a vontade de fazer funcionar. É observado que a falta de rótulo pode significar um medo de compromisso, mas que, na maioria dos casos, é apenas um envolvimento menor de uma das partes.

Expectativas

E quando não há consenso? Carla responde dizendo que se um dos dois não quer rotular, então não temos um casal. Para ela, as necessidades têm que ser parecidas, ou então, sendo muito diferentes, que seja natural para o outro aceitar numa boa. Ela conta que passou por situações em que um estava mais envolvido ou tinha prioridades diferentes. Tem que ter coragem. Ficar sozinha não dói.

Para os casais que não conseguem um acordo, os especialistas recomendam o diálogo. Um deve estar aberto ao outro, entender as razões do que está em jogo. Se um deseja o rótulo, se precisa dele, e o outro se recusa a dar, a relação pode ir para um caminho não muito bom. Embora muitos considerem a nova geração descompromissada, os psicólogos defendem dizendo que a tendência da sociedade contemporânea é criar compromissos, sim. Agora, cada um vai encontrar a melhor forma de estabelecer esta relação. Seja com ou sem rótulo.

Preços imbatíveis em julho para todos os tratamentos

- Laser CO2 Fracionado (rejuvenescimento, rugas, estrias e cicatrizes)
- TightSkin (rejuvenescimento facial)
- Laser Synchro (depilação definitiva, vasos e manchas)
- Heccus • Carboxiterapia sem dor
- Hdrolipoclasia US • Plataforma • Drenagem linfática
- Peeling de cristal e diamante • Limpeza de pele

Ligue e confira: Avaliação grátis!

NOVIDADE

sensação do momento

SPECTRA

- Flacidez facial e corporal
- Celulite
- Gordura localizada

3223.3861 / 4141.6525

Fisioterapia, saúde e beleza

Rua Dos Mundurucus, 1983 (Serzedelo Corrêa e Dr. Moraes)



1 de agosto de 2010 | **Mulher** | 15

DIA DAS MÃES

Fique linda

DEPOIS

Mulheres que se renderam aos prazeres da maternidade mostram que dá para ter filhos e ainda manter a boa forma. Aliás, com determinação, dieta, exercícios e produtos específicos dá para ficar até mais bonita do que antes da gravidez.

Foi-se o tempo em que a preocupação com a aparência era atribuída unicamente a mulheres vaidosas. Atualmente ser mãe é mais um dos recursos que deixam a mulher ainda mais bonita e prova que a maternidade não é, e nunca será, empecilho para a beleza e sim um fortíssimo aliado.

Mesmo antes de o exame marcar “positivo”, são inúmeras as transformações que o corpo começa a passar, devido a enorme carga de hormônios que uma gestação necessita. Qualquer mulher que ficou grávida e teve o enjôo matinal sabe quão inconfundível é a sensação do início da gravidez. Além da extrema fadiga, náusea, vômito, sensibilidade a temperaturas e acne, a grávida ainda precisa lidar com o crescimento da barriguinha e saliências em outras partes do corpo, como seios e culotes.

Para muitas mulheres, todas estas transformações são apenas

**Você mais magra e jovem neste verão!
Em 4 semanas. Pacotes a partir de 300,00!**

- Consulta Ortomolecular
- Pré e Pós Operatório
- RPG, Reabilitação e Monitoramento
- Dietoterapia Bariátrica

REDUÇÃO DE PESO E MEDIDAS

- Enzimas • Carbox
- Talasso • Infravermelho
- Lipomassagem
- Ultrassom

Laser de CO2

- Remoção de tatuagem
- Manchas • Depilação definitiva
- Sequelas de acne • Estrias • Varizes

Fones: 3081-0919 / 8144-4073
Av. Conselheiro Furtado, 2391 - Sala 409



Bio OrtoMednatural
DESSESSOBI

DA GRAVIDEZ

uma fase que precisa ser vivida, mas que com muita determinação, dieta e força de vontade dá para superar. E em alguns casos ela pode até ficar melhor e mais bonita do que antes da gravidez. É o caso da publicitária, Izomena Coimbra, de 36 anos, que garante ter ficado mais bonita depois da maternidade. Com exercícios físicos e alimentação controlada antes e após o parto, ela conseguiu diminuir o peso e ficar mais magra do que antes da gravidez.

“O segredo é determinação. Também não se pode pensar que por você já ser mãe pode relaxar. Pelo contrário! É malhar, caminhar e se cuidar desde a gravidez mesmo. Fiz hidroginástica desde o início da gestação e procurei uma nutricionista para me orientar sobre a dieta. Após o parto, voltei aos exercícios e fiz muitas caminhadas que me ajudaram a perder o excesso de peso da gravidez e chegar aos 59kg que mantenho até hoje”, conta.

Produtos para se manter sempre bela

■ São diversos os produtos que colaboram para a beleza das mulheres. A indústria especializada no assunto, diariamente apresenta inúmeros lançamentos que prometem renovar, rejuvenescer e até mesmo acabar com as gordurinhas localizadas. De acordo com cada caso, são recomendados produtos e cosméticos com o objetivo de melhorar estas transformações. A Artesanal Farmácia de Manipulação oferece diversas opções de cosméticos voltados para a mulher usar durante e após a gravidez. É importante lembrar que, mesmo que estes produtos venham enriquecer o visual da mulher, antes de sua utilização o médico deve ser consultado. Abaixo, segue algumas dicas para antes, durante e depois da gestação.

■ **Prevenção de Estrias:** elas aparecem praticamente em todas as mulheres grávidas durante o segundo e terceiro trimestres. Para prevenir ou suavizar as estrias, é importante utilizar cremes hidratantes diariamente, com ativos como o Óleo de Amêndoas ou Óleo de Prímula.

■ **Hidratantes Corporais:** promovem a hidratação, suavidade e o equilíbrio da pele. Os que possuem Óleo de Macadâmia em sua composição são ideais para peles normais ou secas.

■ **Sabonetes de Limpeza Facial:** recomendados para utilizar diariamente, devem ajudar a suavizar a pele. Cada tipo de pele possui o ideal: com Óleo de Prímula, para peles ressecadas e secas; com Erva Doce ou Gel Associado, para peles mistas ou normais.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA A SERVIÇO DA BELEZA

Dra. Gleicy Pires
DERMATOLOGISTA

<p>SOPRANO XL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depilação sem dor • Qualquer área 	<p>LASER DE CO2</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clostrízes de acne • Rejuvenescimento 	<p>OUTROS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Toxina botulínica • Preenchimento • Peeling de cristal • Hidratante injetável
<p>NIR LASER</p> <ul style="list-style-type: none"> • Flacidez da face • Pescoço e "papada" 	<p>LUZ PULSADA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Olheiras • Estrias recentes • Manchas 	

Saiba mais: www.gleicypires.com.br

Village Empresarial - Rua Domingos Marrellos
Prox. Docã, Sala 810 - Fone: 9112-7606

EMAGRECENTRO
CENTRO ESPECIALIZADO EM EMAGRECIMENTO E ESTÉTICA

Mês das Mães

Diárias a partir de **6^{as} x 16,00**

SPA: Fitness + Tratamento Estético + Oligonutrição

www.emagrecimento.com.br
Av. Generalíssimo Deodoro N° 1887 **3223-1194**



 Samilla Batista
Da Redação

Parodiando Shakespeare, em "Hamlet": ser loira ou morena. Eis a questão?

Hoje é fácil saber o que tem na cabeça das mulheres, pois mudar o visual de loira para morena e vice-versa é relativamente simples. Difícil é descobrir o que se passa na cabeça dos homens: afinal do que eles gostam? A resposta depende do perfil de cada homem. O certo é que não há prova científica de que homens achem as mulheres loiras mais atraentes, nem vice-versa. O que pode existir é a preferência em diferentes regiões em épocas, por uma ou outra.

Na década de 50, a ideia de que as loiras eram preferidas tomou força, após o lançamento do filme "Os homens preferem as loiras", estrelado por blonde fatale Marilyn Monroe. Coincidentemente, na década de 50 que surgiu a louríssima boneca Barbie, transformada em modelo de beleza em todo o mundo ocidental. Por outro lado, as morenas ganham espaço dentro do imaginário masculino e mais da metade deles sonham em namorar uma espécie de Jennifer Lopez. Quem afirma é a pesquisa feita pelo site Badoo, que assegura que 60% dos homens preferem as morenas.

Mudanças

Para a empresária Amanda Almeida, 22 anos, ser loira dá trabalho. Por isso, há pouco mais de dois anos ela decidiu voltar a ser morena. "Fui loira desde os meus 14 anos, mas chegou uma hora em que

Tecnologia a serviço da beleza!

	Dra. Flavia Macedo CRM 7918	Dra. Celia Macedo CRM 1037	Dra. Carmem Macedo CREFITO 112152-F
• SHOOTSHAPE (Laser para celulite)	• THERMACOOL (Flacidez)	• STAR LUX 1540 (Cicatriz de acne, rugas)	• LASER Co2
• ULTRA-ACCENT (Perda de medida)	• LIGHT SHEER (Depilação definitiva)		

Rua Diego Nêta, 1022 • (91) 3230 0712 • 3230 0845 • 8121 4304
www.celiamacedo.com.br • atendimento@celiamacedo.com.br



CRM 8221



Dra. Vivian Siqueira
Dermatologista
Estética Médica

Dra. Vivian Siqueira
Dermatologia • Estética Médica

Fone: 3073-1000 / 8211-0133
Av. Tavares Bastos, 296 - SAMEP

● **VICE-VERSO**
Eduarda virou
loura e se acha
sexy. Amanda
está morena e
se diz feliz.



● **BLONDE FATALE**
Marilyn Monroe ajudou
criar o mito da loura sexy
na década de 50



● **RESULTADO**
60% dos homens
preferem a morenize
de Jennifer Lopez

Na cabeça um

DILEMA

decidi reverter isso”, diz ela, que não se arrepende da decisão. “Ser morena é mais fácil, mais barato e eu fiquei satisfeita com o resultado. Antes, era comum a mulher desejar ser loura, eu mesma pensava assim. Hoje, as morenas têm espaço garantido”, avalia a jovem.

Há três anos a estudante e modelo Eduarda Santana deixou as ma-

deixas escuras de lado e ingressou no time das louras. “Atualmente, não passa pela minha cabeça voltar a ser morena”, garante. “Me senti mais sexy quando me tornei loura. Também acredito que passei a chamar mais atenção, tanto profissionalmente quanto em relação aos homens”, declara.

Para manter o visual, Eduarda

não mede esforços e nem poupa o bolso. São hidratações, selagens, cauterizações, banhos de brilho e retoques de raiz que, muitas vezes, fazem com que seu gasto mensal com os fios ultrapasse R\$ 500. “Até cogitei a possibilidade de voltar a ser morena, mas ninguém concordou com a ideia. Esse é o preço para manter o louro em dia”, justifica.

Ap Clínica
Dr. Augusto Pupio

Dr. Augusto Pupio

Cirurgião Plástico - CRN 31270

Cirurgia Plástica
Centro Avançado
de Depilação a LASER
Estética Avançada
Tratamento Clínico e
Cirúrgico da Calvície

Fisioterapia

Danielle Muraro • CREFITO: 142869-F

Lorena Pereira • CREFITO: 128541-F

Nutrição

Angela Villaza • CRN 457

Raíssa Araújo • CRN 8134

Personal Trainer

Dam Damasceno • CREF: 001949-G

Psicopedagogia

Leticia Galvão

CRP: 01748

Psicologia

Iris Reis

CRP: 01833

BELEM - PA - Av. Governador José Malcher, 418 - Nazaré - Estacionamento Conveniado • (91) 3081-3941 • contato@augustopupio.com.br



● **THIAGO**
faz exercícios
para garantir
bem-estar



● **NAÍRA**
gosta de exibir o
corpo malhado
durante o verão

Em forma com o maior prazer

Mulheres e homens investem nas formas para fazer delas combustível para a auto-estima

abdômen sarado e esquecer o restante”, destaca.

O lado psicológico também precisa estar em equilíbrio para que se continue perdendo peso, alerta a personal trainer. O cortisol, hormônio que é produzido quando se está estressado, faz com que a eliminação de gordura abdominal fique ainda mais difícil. Outro ponto que influencia bastante é a genética, que conta muito na silhueta que o indivíduo poderá desenvolver. Sem os devidos cuidados, a pessoa propensa a engordar pode ganhar muito peso e ficar obesa rapidamente.

SATISFAÇÃO

Para o universitário Thiago Fernandez, 26, que faz exercícios regularmente, atividade física é fundamental. Ele não considera, porém, a aparência um fator

determinante na hora da conquista. “Eu malho para me sentir bem, não para agradar as outras pessoas. Mas, de uma maneira geral, a mulher repara bastante no abdômen, muito mais do que na perna ou em qualquer outra parte do corpo. Minha namorada, por exemplo, gosta muito de uma barriga mais sarada. Porém, ela é suspeita para falar de mim”, comenta.

Para a estudante Naíra Fabricia, 22, é uma diversão se preparar para o verão e vestir com segurança o biquíni que quiser. “O sacrifício compensa. Até porque a aparência é essencial quando você ainda não conhece a pessoa de verdade”, informou. Para ela, um abdômen bonito - tanto em homens quanto em mulheres - faz toda a diferença, especialmente se você gosta de desfilas com pouca roupa na praia.

DESLEIXO

Mas há também quem não ligue para a aparência. O comerciante Sérgio Oliveira, 47, por exemplo, não se incomoda nem um pouco com a sua barriguinha avantajada. Para ele, cuidar da mente é muito mais importante que o corpo. “Eu não me preocupo com o que as pessoas vão pen-

sar de mim. A sociedade vive para manter uma boa aparência e esquece o que realmente importa”, diz, admitindo não fazer exercícios físicos.

O contador Carlos Albuquerque, 28, também não liga muito para a aparência, ou ao menos não a ponto de ir para uma academia e gastar horas em exercícios em busca da barriga tanquinho. “É claro que a pessoa deve cuidar do corpo, da saúde, e procurar se alimentar bem. Mas o grande problema é quando isso se torna algo doentio. Eu não pretendo passar minha vida me preocupando com as calorias dos alimentos, por exemplo”, afirma.

Carlos Albuquerque diz ainda que existem pessoas que são muito bonitas quando estão de

boca fechada - e que decepcionam quando começam a falar. Nesse caso, a barriga bem trabalhada viria mero acessório. “Eu não aguentaria conviver um dia com uma mulher linda se ela não soubesse conversar. A aparência não é tudo. Mas ser inteligente é fundamental”, conclui.

A gerente comercial Sinei Pimentel também conhece os benefícios da malhação. Aluna da Carmen Academia há cinco anos, ela pratica o body fitness, série de exercícios de musculação destinada a torneir especificamente o corpo feminino. O esforço compensou. Sinei foi convocada para participar do próximo campeonato sul-americano da modalidade, que acontece em 3 de setembro deste ano, em São Paulo.

Promoções BelloCorpo

Lipomodelagem Térmica para gordura localizada e celulite com 10 sessões.

3X
Todos os corpos
99,00

Marque sua
hora conosco:
3222 1819

BelloCorpo
CLÍNICA DE TERAPIA ESTÉTICA

ESPORTE

ELAS TAMBÉM VÃO À LUTA

Mulheres praticam boxe para melhorar aparência física e diminuir estresse

O culto à beleza adotado pelos gregos na antiguidade ainda se faz muito presente hoje. Ter uma boa aparência está, sim, entre as prioridades do ser humano, e muito mais dentro do ego feminino. Pensando nisso, as mulheres aprimoram, a cada dia, as táticas para atrair olhares e suspiros e quem sabe, paixões: salões de beleza, cremes, massagens, lipoaspiração, saunas e... boxe. Isso mesmo - pasmem os marmanjos - entre as artimanhas da estética feminina, uma das mais inusitadas é a prática do boxe. Foi-se o tempo em que as academias de boxe tinham o predomínio de testosterona na lista dos matriculados. Nos últimos anos, o número de mulheres que opta pelo esporte cresce em todo o mundo.

Segundo o ex-treinador do boxeador baiano Popó, o paraense Ulisses Pereira, o boxe feminino competitivo é praticado, porém pouco procurado - o mais comum é o recreativo. Ele conta que a demanda de fato começou a aumentar após a exibição do filme "Menina de Ouro" (2004), que traz o drama de uma mulher que luta para realizar o sonho de ser uma boxeadora profissional. Desde então, o esportista acredita que o cenário do boxe deixou de ser cada vez mais especialmente masculino e trouxe para a cena o sexo oposto.



● CRISTINA SANCHES foi para a academia e levou toda a família junto

Ao contrário do que alguns pensam, as mulheres não usam roupas especiais para as aulas e nem têm um tratamento diferenciado. Os exercícios físicos são os mesmos para ambos os sexos e as turmas são mistas. É comum homens e mulheres se ajudarem nas atividades. “Em alguns horários, o número de mulheres é até maior. Elas costumam levar bastante a sério a prática, são esforçadas”, afirma o treinador, segundo o qual a maioria das mulheres procura o esporte por uma preocupação estética, para emagrecer rápido e ficar com um corpo bonito.

“Elas vêm com um objetivo e descobrem que o esporte é uma terapia. O boxe extravasa o estresse do cotidiano”, diz. Ele lembra que, hoje, o preconceito contra o esporte já diminuiu e que os comentários “malosos” a respeito são gerados por falta de conhecimento. “Não há contato físico nas aulas, não estimulamos a violência de forma alguma. Esse pensamento é fruto da desinformação”, ressalta.

CONDICIONAMENTO

É o caso da acadêmica de jornalismo Fernanda Martins, 27, que diz ter sido atraída pelos resultados imediatos que os exercícios proporcionam. Logo nas primeiras aulas, a jovem se identificou com o esporte por ser bem “completo e divertido”. “É uma atividade de muito aeróbica, excelente para perder peso e bem diferente das aulas monótonas de academia. Sinto-me bem condicionada fisicamente, além de também aliviar bastante o estresse do dia-a-dia”, comenta. Em quatro meses, ela já conseguiu sentir a diferença na balança e na hora de vestir as roupas, pois perdeu seis quilos. “Estou feliz e satisfeita. Saio das aulas muito mais leve e disposta para encarar a rotina”, garante.

A estudante conta que, no início, as pessoas ficavam admiradas quando sabiam que ela estava praticando boxe, já que muita

gente ainda tem a idéia de que a atividade está relacionada à violência e pertence apenas ao sexo masculino. Para quebrar essa má impressão, ela comprou luvas cor de rosa para dar um ar mais delicado e tentar desmistificar a fama de esporte agressivo. “Esse estereótipo ainda é forte na sociedade. Muitas mulheres ainda se intimidam por causa da presença dos rapazes, o que é uma besteira”, analisa.

FAMÍLIA

A administradora Cristina Sanches, 48, entrou para o boxe por influência do marido e confessa que a insistência dele para que ela praticasse chegava a chateá-la. Porém, a surpresa veio logo na primeira aula: Cristina adorou a novidade e costuma brincar dizendo que foi amor à primeira vista. “Fiquei encantada e vi que era bem diferente do que eu imaginava. Não é um esporte repetitivo, pelo contrário é dinâmico, além de ser um ótimo remédio anti-estresse”, explica.

Cristina já completou três anos na academia, e, além do marido também acompanhá-la na atividade, as duas filhas adolescentes do casal começaram a praticar. Ela conta que quando começou, não teve muito a aprovação da família, principalmente do pai, mas que com o tempo a aceitação melhorou. “Acho que esse ‘choque’ inicial é até normal por causa da imagem distorcida que a maioria tem do esporte. Agora as pessoas costumam mais fazer brincadeiras comigo do que me criticar. Hoje, tenho até sobrinhos que fazem aulas”, conta.

Apesar de não ter sido atraída pela questão estética, a administradora revela que a prática aflo- ra mais a vaidade. “Começamos a perder quilos e sentimos mais prazer e vontade de usar aquelas roupas que ficavam guardadas no armário por que estavam apertadas. Isso é muito legal, pois dá mais entusiasmo para se arrumar e ficar elegante”, comemora.



● **ULISSES PEREIRA** é o responsável pelo treinamento das boxeadoras



● **EM AÇÃO:** Boxe auxilia na perda de calorias e tônica o corpo



● **JULIANA COSTA** diz que se diverte nas aulas, que são aeróbicas

NUTRIÇÃO

Riscos dos moderadores

Emagrecer é o sonho de quase todas as mulheres e, para atingir este objetivo, vale tudo: fechar a boca, apesar da fome, tomar chazinhos, mesmo que não haja comprovação de sua eficácia, simpatias, para as mais esperançosas, e por aí vai. No entanto, há quem recorra aos moderadores de apetite, um remedinho que, está cientificamente provado, faz com que a vontade de comer vá para o espaço, assim como os quilinhos a mais. Acontece que para tudo há um preço e, neste caso, ele pode ser bem alto. O resultado tem chances de sair o inverso do esperado e tudo o que você emagreceu voltar num piscar de olhos.

Além disso, há o risco de dependência química, problemas de pressão e até de morte, em casos de superdosagem. A primeira coisa que a mulher precisa saber é que, em alguns casos, o uso desse tipo de medicamento não é a melhor solução. Para os nutricionistas, os moderadores de apetite são, na verdade, a última opção. Eles acham que engana as pacientes. A mulher perde a fome e emagrece porque não come; depois que pára de tomar o medicamento engorda tudo outra vez. Eles defendem a reeducação alimentar.

Para saber se uma mulher precisa ou não tomar os moderadores, é levado em consideração, entre outras coisas, o índice de massa corporal, uma fórmula que leva em conta a altura e o peso dela. Normalmente, eles são indicados para os casos de obesidade em que não houve resultados satisfatórios com um plano alimentar balanceado, mudanças comportamentais e atividade física. Ao contrário do que se pensa, quando a mulher tem aquela ânsia por comida, o indicado são os sacietógenos, que estimulam a saciedade e diminuem a compulsão.



PERIGOS

O grande problema é que algumas mulheres tomam os comprimidos sem a devida orientação médica e, quando orientadas – o que já é um bom sinal –, acham que tomando doses acima das prescritas vão acelerar o tratamento, alcançando mais rapidamente o corpo ideal. Se ela usar uma dose maior do que a indicada, provavelmente haverá um aumento significativo dos efeitos colaterais, sem haver benefício do ponto de vista clínico.

Além de não acelerar o resultado, esta atitude pode colocar a vida dela em risco e ainda provocar um efeito rebote, ou seja, recuperar todo o peso perdido, ou até mais, quando ela parar o tratamento. Segundo os nutricionistas, há ainda aquelas que, desesperadas para comer, resolvem tomar menos comprimidos e, além de enganar o especialista, se enganam, fazendo com que o tratamento não funcione.

É bem verdade que os moderadores de apetite podem ajudar na busca pelo corpo ideal, mas antes de conquistar o tão sonhado corpinho você pode ser surpreendida pelos temíveis e indesejáveis efeitos colaterais. Em mulheres

mais sensíveis pode, eventualmente, ocorrer agitação, tremores, palpitação, insônia, intestino preso, diminuição do apetite sexual, depressão, boca seca e risco de hipertensão. Mas calma, isso não é motivo para pânico pois, dependendo do tipo de medicamento e da dosagem, os efeitos colaterais tendem a não aparecer. Por isso é muito importante que o tratamento seja acompanhado por um especialista com experiência no manejo deste tipo de medicamento.

A publicitária Janaína Figueiredo teve o dissabor de viver uma má experiência com o uso dos moderadores de apetite. Obesa, não conseguia parar de comer e nem os remedinhos foram capazes de conter sua compulsão. “Sempre

gostei de comer muito, principalmente doces e chocolates e fui engordando. Minha auto-estima estava lá no chão e resolvi procurar um médico que me desse uma orientação. Foi aí que conheci os moderadores de apetite, remédios que, segundo o médico, me tirariam a fome e que, conjugados com exercícios, me ajudariam a recuperar a forma”, conta.

DEPENDÊNCIA

O grande problema é que a ansiedade foi tanta, que o desejo de ser mais magra, aumentado pelas fotos de revistas e pela própria pressão social, foi tomando conta dela. “Em cinco meses eu não notava diferença alguma em mim, parecia que eu nunca tinha tomado os remédios e, pior ainda, eu continuava comendo como uma louca”, revela. O resultado da empreitada foi uma depressão.

“Se o remédio é para parar de comer, e eu não conseguia parar, achava que nada iria dar jeito no meu caso, que eu ia ficar uma monstra e que nenhum homem jamais olharia para mim. A sorte é que o meu médico me indicou um psicólogo, que me ajudou bastante, e um nutricionista fez uma dieta, que não foi fácil de seguir, mas funcionou. Já perdi 30 dos 40 quilos que eu quero perder”, orgulha-se ela.

Mas nem todos os casos têm final feliz. Alguns moderadores causam dependência química e o que era para ser a solução passa a ser mais um problema. O risco de dependência com moderadores de apetite depende da dose e do perfil da mulher. Apesar de pouco frequente, ela pode ocorrer se a mulher abusar do remédio ou se tomá-los sem orientação médica. Pessoas com problemas psiquiátricos, com histórico de alcoolismo ou de uso de drogas são mais propensas a ter dependência.

Remédios para emagrecer podem trazer mais riscos à saúde feminina do que resultados satisfatórios de emagrecimento

CAPA

Mulher paraense é mais

SENSUAL

Um clima tropical, praias por todo o Estado e mulheres com formas exuberantes. Tudo isso faz com que o jeito de vestir das paraenses seja um dos mais sensuais do Brasil. Sem precisar se esconder atrás de casacos, trench coats ou botas, as mulheres do Pará fazem parte da população que sabe como ninguém valorizar as curvas. A conclusão é da consultora internacional de análise de comportamento de consumo de moda, Carol Garcia, que dividiu as mulheres em cinco tipos de consumidoras: exótica, sensual, tradicional, profissional e seguidora de tendências. Carol Garcia é jornalista e autora da biografia do renomado estilista Ronaldo Fraga.

Nas visitas que fez ao Pará, Carol afirma que o perfil sensual foi o que se destacou. Mas ela ressalta: “Esses perfis se mesclam. Nada impede de uma pessoa exótica ser profissional”. Com muito brilho, estampas vistosas, decote, salto alto e excessos, o perfil sensual é democrático e se encontra em todas as faixas etárias e sociais.

Sensual

Um exemplo deste estilo é a bancária Werônica Matias, 24 anos. “Minhas amigas falam que eu faço um estilo peruá, mas eu acho que exageram”, brinca. No guarda roupa de Werônica, minissaias, blusas com decotes nos seios ou nas costas e cores vibrantes são fáceis de achar. A bancária, no entanto, toma cuidado para não ultrapassar a linha do sensual para o vulgar. “Se for usar decote não uso minissaia e vice-versa”, explica.

O salto alto é outra marca registrada de Werônica. “Sou tão viciada que às vezes até durmo de salto”, revela. O dinheiro que ganha, a bancária confessa: “Gasto quase tudo em roupas e sapato”. Um dos principais motivos a que Werônica atribui o uso desse estilo de roupa é o clima quente e úmido do Pará. “Aqui é muito quente, então temos que achar jeitos de driblar o calor”, diz. Carol Garcia concorda: “Em lugares com o clima tropical esse estilo é mais presente”.

● SEXY
A bancária
Werônica
Matias não
abre mão do
decote



NEGÓCIOS

O dia-a-dia de Cintia Santos, 37 anos, é parecida à de diversas mulheres. Logo pela manhã, ela faz o café da manhã para seus filhos e os leva ao colégio. Depois de estar casada por diversos anos, a assistente administrativa decidiu cuidar das crianças e de quebra retornar ao mercado de trabalho. Devido a isso, também pela manhã, ela vai para o escritório. Ao mesmo tempo atende telefones, prepara relatórios, manda e-mails e solicitações do seu chefe. No período da tarde, o trabalho continua, só que a sua cabeça ainda está pensando na hora de pegar as crianças no colégio. "Se não bastasse isso, no fim do dia preciso organizar a casa e também ajudar as crianças nas tarefas da escola", diz.

Além de trabalhar com essa pressa, Cintia e outras mulheres que lidam com diversas tarefas ao mesmo tempo, correm o risco de não saber colocar as prioridades pelas informações em excesso. Os especialistas informam que focar no que realmente importa é o desafio dos tempos de hoje.

Pesquisas indicam que o excesso de informações é responsável por minar a atenção aos assuntos que realmente são relevantes em

nossas funções. Entretanto, quando sabemos lidar com várias atividades ao mesmo tempo, a cognição é estimulada ainda mais. O mesmo acontece com mulheres que lidam com vários tipos de tecnologia. É explicado que quanto mais estímulos o cérebro recebe, através de novos desafios, melhor ele está preparado para decodificar informações.

Em uma analogia entre o nosso cérebro e o HD do computador, percebemos que ele também armazena as informações para que outras possam fazer parte do nosso pensamento.

O nosso espaço é limitado - não podemos 'comprar' mais memória e plugá-la em nosso cérebro. Por isso as mulheres precisam dar conta de que ela é finita, assim nossos registros não permanecem guardados para sempre e as falhas 'lapsos' durante o dia são bastante comuns.

Atenção!

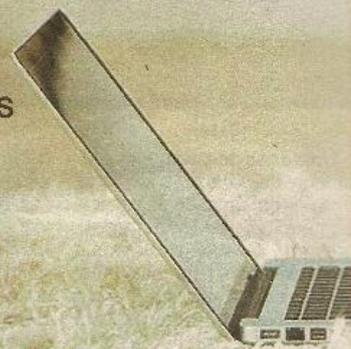
Os especialistas confirmam a hipótese de que cada ser humano tem um período em que o nível de concentração e atenção é maior. Não é só pela manhã. É explicado que muitas mulheres rendem mais durante a tarde ou somente à noite. São mais criativas e permanecem mais atentas em certos momentos do dia. De forma geral, cada uma consegue manter a sua

Focar no que realmente importa é o desafio dos tempos de hoje

Excesso de

INFORMAÇÃO

Assumir muitas tarefas confunde as verdadeiras prioridades



atenção durante 40 ou 50 minutos enquanto trabalha, estuda ou assiste a uma palestra. E durante o dia isso acontece em vários turnos de forma cíclica, ou seja, temos picos de atenção que podem atingir o máximo de 50 minutos.

Embora algumas pesquisas indiquem que certos alimentos

ou dietas, como a do mediterrâneo por exemplo, são capazes de estimular a memória ou mesmo o nível de concentração, é atestado que ainda nada foi comprovado. Na verdade, eles ajudam a manter o bom funcionamento do organismo feminino, incluindo o cérebro. O que pode comprometê-lo é

ARTE DA PALAVRA
 REDAÇÃO, INTERPRETAÇÃO,
 LÍNGUA PORTUGUESA APLICADA AO TEXTO
 PROF. Mestra NELLY CECÍLIA ROCIA
Matrículas Abertas

99% de aprovação

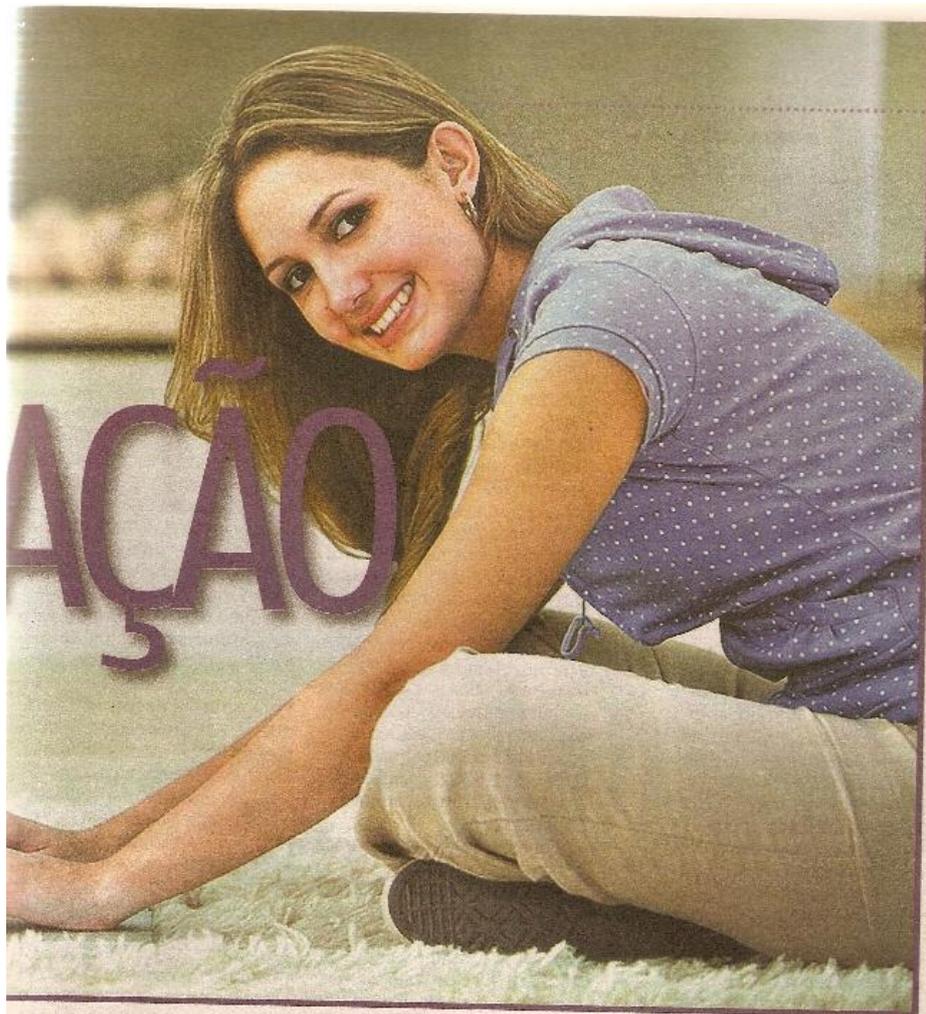
INÍCIO DAS AULAS
 SÁBADO: 07 de agosto
 9 às 12 - ou - 15 às 18 horas

Informações: 3223-2836 / 9984-6694 / 3224-8143
 Av. Governador José Malcher, Passagem Bolonha 300 (entre Benjamin Constant e Piedade)

- Depilação com qualidade e segurança
- Estética Facial e Corporal
- Redução de medidas
- Redução da Celulite
- Remodelação Corporal
- Com modernos equipamentos:
MANTHUS, CELLUTEC e PHYDIAS

lual
estética e depilação

Av. Senador Lemos, 3153 - IT Center - Loja 05 - 1º piso
 Fone: (91) 3264-8061 - Sacramento - Belém - PA
 ESTACIONAMENTO AMPLO E GRATUITO



a falta ou o excesso de glicemia no organismo.

Informação

Informação é algo valioso e importante todo nós sabemos. A sentença de que, quem tem informação tem poder é antiga, batida

e mais do que assimilada. Isso muito antes da chamada era digital ou do surgimento da internet.

No passado foi perseguida e, sendo ela muito escassa, demandava esforço e busca permanente. Mas hoje o jogo se inverteu. É ela que nos persegue, exigindo uma capacidade de triagem para a qual

nem sempre o nosso cérebro está preparado. E pouco a pouco, um novo desafio surge: Como filtrar a enxurrada cotidiana de informações e novidades? Como lidar com isso e ainda assim sermos produtivos, eficientes e focados? Não é nada fácil.

Pensando nisso, reunimos

algumas dicas úteis para as mulheres, sempre com um olho para dentro dos ambientes de trabalho, arena na qual essa guerra é travada em grande intensidade, e onde seus participantes são exaustivamente cobrados por dominá-la. Lá vai:

- Saiba claramente qual é o seu foco de interesse - Isso passa por um claro dilema. Saber um pouco de tudo, ou aprofundar naquilo que de fato faz diferença. A escolha é sua.

- Fuja do bombardeio diário de informação - Não caia jamais na tentação de tentar ler tudo o que está publicado. Você perceberá um fenômeno: Uma montanha de assuntos repaginados, com novas denominações que aparentemente diferem entre si, mas que no fundo se repetem cansativamente.

- Escolha poucas e confiáveis fontes - Facilitará o seu discernimento e certamente trará informações dotadas de maior credibilidade.

- Poupe os ouvidos - Saiba filtrar o que escuta, selecionando aquilo que for mais interessante e útil, jogando fora as frívolas bobagens do dia-a-dia.

- Organize-se - Estabeleça claramente quais são os assuntos nos quais deseja atualização. Isso vai não só trará economia de tempo, como ajudará a controlar a ansiedade por estar informada.

Por fim, lembre-se sempre. Informação é algo muito diferente de conhecimento. Esse último é fruto da capacidade associativa, da nossa curiosidade e, é claro, de um ingrediente fundamental: informação de qualidade.



SEU PAI CANSOU DE CINTOS E GRAVATAS? Já pensou em dar **saúde** e **bem-estar** de presente para ele?

A OligoFlora desenvolveu tratamentos únicos para cada tipo de Pai

Casero

Mit Bactéria Relaxante ou Mit Cuidados com a Pele

a partir de
R\$65,00

Moderno

Special da Pele ou Rejuvenescimento da Pele

a partir de
R\$180,00

Esportivo

Desintoxicação ou Redução de Medidas

a partir de
R\$210,00

Executivo

Sua Relaxante ou Anitragos e Linha de Expressão

a partir de
R\$225,00

OligoFlora

Studio do Bem-Estar e Estética Funcional

Rua Boaventura da Silva, N. 245 - Urubitinga

Fone: (91) 3241-1361

www.oligoflora.com.br